

ESPAÇOS QUE EDUCAM: A INFLUÊNCIA DOS ESPAÇOS CONSTRUÍDOS NA VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Letícia Mariano Crispim dos Santos

Trabalho Final de Graduação
Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Orientadora
Alessandra Rodrigues Prata Shimomura

São Paulo, Dezembro de 2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: leticiamcrispim@gmail.com.

Catalogação na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Santos, Letícia Mariano Crispim dos
Espaços que educam: A influência do espaço construído na
vivência universitária / Letícia Mariano Crispim dos Santos;
orientadora Alessandra Rodrigues Prata Shimomura. - São
Paulo, 2022.
169p.

Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura
e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo.

1. Edifícios Universitários. 2. Avaliação Pós-ocupação. 3.
Psicologia Ambiental. 4. Espaços de Convivência. I.
Shimomura, Alessandra Rodrigues Prata, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em: <<http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>>

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, que são a minha base e meu maior exemplo de responsabilidade, dedicação e amor, por todo suporte que sempre me deram. Sem o apoio, o incentivo e os ensinamentos de vocês, eu não estaria aqui.

Aos meus irmãos, meus melhores amigos, que estiveram sempre ao meu lado.

Aos professores da FAU USP, que compartilham com tanta generosidade o conhecimento adquirido na profissão. Me marcaram profundamente e serão sempre minhas maiores referências.

Em especial, à minha querida orientadora Alessandra, por ter me guiado de forma tão gentil e precisa durante dois anos de pesquisas e muito aprendizado. Tornou essa caminhada mais leve e possível.

À Profa. Dra. Raquel Rolnik e ao Prof. Me. André Sato por aceitarem o convite para ler e discutir as reflexões presentes neste trabalho, integrando a banca do Trabalho Final de Graduação.

Aos amigos que fiz ao longo desses oito anos de graduação e com os quais tanto aprendi. Agradeço especialmente a Lívia, Gabi, Carol, Bia e Vitória, que acompanharam de perto a elaboração deste caderno, e com quem tive tantas trocas valiosas.

À equipe da RCarvalho, Romualdo e Alan, pela parceria, pelo apoio e por contribuírem tanto com meu crescimento profissional ao longo dos últimos dois anos.

A todos os alunos e professores que se dispuseram a conversar comigo sobre suas vivências na universidade, e que foram essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Sem vocês, nada disso seria possível.
Obrigada!

RESUMO

Espaços que educam: A influência dos espaços construídos na vivência universitária

Estudos do campo da psicologia ambiental, área que aborda as inter-relações entre ambiente e comportamento, definem o ambiente construído como um espaço multidimensional formado pelas trocas entre o espaço físico e as pessoas que o ocupam.

Os edifícios universitários abrigam, por longos períodos, estudantes de diversos cursos, com diferentes repertórios socioculturais. Na universidade, frequentemente o ensino ultrapassa a exposição teórica e as discussões que ocorrem dentro das salas de aula, incorporando também outras vivências que contribuem para o desenvolvimento social, político e cultural dos estudantes - como atividades de pesquisa e extensão, eventos, debates, e integração entre diferentes grupos. Esses edifícios são frequentados pelos alunos diariamente durante boa parte da graduação, sendo muitas vezes os locais onde passam a maior parte do tempo, principalmente nos primeiros anos de curso. É essencial, portanto, que os usuários se sintam bem nesses espaços, e que os edifícios consigam atender às demandas das diversas atividades que ocorrem dentro da universidade, incluindo áreas de interação, de promoção de atividades culturais e espaços de descompressão.

O objetivo do trabalho é mapear os espaços de convivência presentes em três institutos da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira - CUASO, buscando entender como se distribuem, como são utilizados, e se atendem às demandas existentes. Para isso, foram realizadas análises da concepção destes edifícios e da dinâmica de ocupação presente nos mesmos através de levantamento histórico, análise dos projetos arquitetônicos e aplicação de métodos de Avaliação Pós-Ocupação - APO que incorporem as percepções dos usuários.

Palavras-chave:

edifícios universitários; avaliação pós-ocupação; psicologia ambiental; espaços de convivência; CUASO

ABSTRACT

Environment that educate: The influence of built environment on university experience

Studies in the field of environmental psychology, an area that addresses the interrelationships between space and behavior, define the built environment as a multidimensional one formed by exchanges between the physical area and the people who occupy it.

University buildings house, for long periods, students from different courses, with different sociocultural repertoires. At the university, teaching often goes beyond theoretical exposition and discussions that take place inside classrooms, also incorporating other experiences that contribute to the social, political and cultural development of students - such as research and extension activities, events, debates, and integration between different groups. These buildings are occupied by students daily during most of their graduation, and are often the places where they spend most of their time, especially in the first years of the course. Therefore, it is essential that users feel comfortable in these spaces, and that the buildings can meet the demands of the various activities that take place within the university, including areas for interaction, promotion of cultural activities and spaces for decompression.

The purpose of this work is to map the interaction spaces that take place in three institutes of Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira - CUASO, seeking to understand how they are distributed, how they are used, and whether they meet existing demands. For this, analyzes of the design of these buildings and the dynamics of occupation present in them were carried out through historical survey, analysis of architectural projects and application of Post-Occupancy Evaluation - POE methods that incorporate the perceptions of users.

Keywords:

University buildings; post-occupancy evaluation; environmental psychology; interaction spaces; CUASO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PARTE 1 - O ESPAÇO E O USUÁRIO	12
CAPÍTULO 1. Relações entre espaço construído e comportamento	14
CAPÍTULO 2. Avaliação Pós-Ocupação em edifícios universitários	16
CAPÍTULO 3. Estratégias para projeto de edifícios universitários	20
PARTE 2 - ESTUDOS DE CASO	24
CAPÍTULO 4. Breve histórico da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira	27
4.1 A criação da Universidade e a elaboração dos primeiros planos	27
4.2 O Replanejamento de 1956 e o Plano de 1961-1963	31
4.3 1964-1968: Impactos da ditadura militar e abandono do “espírito universitário”	38
4.4 A década de 1970 e a adoção em larga escala do sistema modular expansível alemão	44
4.5 Contextualização dos estudos de caso	49
CAPÍTULO 5. Diretrizes de Análise	55
5.1. Levantamento histórico	55
5.2. Análise da distribuição do programa no projeto arquitetônico atual	56
5.3 Aplicação de métodos de Avaliação Pós-Ocupação	56
5.4 Análise dos resultados e elaboração de diagnóstico	60
CAPÍTULO 6. Escola de Comunicação e Artes	63
6.1 Implantação e recorte analisado	63
6.2. O projeto e o programa	65
6.3. Recomendações	97
CAPÍTULO 7. Edifício Paula Souza -POLI Civil	103
7.1 Implantação e recorte analisado	103
7.2. O projeto e o programa	103
7.3 Recomendações	123
CAPÍTULO 8. Edifício Vilanova Artigas - FAUUSP	127
8.1 Implantação e recorte analisado	127
8.2. O projeto e o programa	127
8.3 Recomendações	159
PARTE 3 - EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS	16
CONCLUSÃO	166
REFERÊNCIAS	168

INTRODUÇÃO

Durante a graduação, sempre me instigou entender como o espaço construído afeta as pessoas que o ocupam e as relações que ali se estabelecem. Depois de quatro anos intensos frequentando o edifício Vilanova Artigas, no curso de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAUUSP, tive a oportunidade de realizar o programa de dupla-formação em Engenharia Civil - FAU/POLI, que me possibilitou vivenciar outros edifícios da Cidade Universitária. Nesse período, me chamou atenção tanto a diferença na disposição dos espaços de uso comum disponíveis nos edifícios que abrigam os cursos de engenharia, como a dinâmica de ocupação presente nos mesmos. Essa percepção me despertou o interesse em entender de que modo a forma como as pessoas se relacionam nesses ambientes e suas interações com o espaço construído podem variar e serem afetadas pela organização dos ambientes de uso comum, pelos diferentes estímulos presentes nos mesmos, pelas demandas impostas pela grade curricular dos cursos, e até por aspectos culturais e institucionais presentes nos edifícios universitários.

Por outro lado, a adoção de aulas à distância no momento de agravamento da pandemia de COVID-19 no início de 2020 provocou uma mudança abrupta nas vivências dos alunos de graduação. Com a transmissão das aulas expositivas via videoconferências, medida necessária para conter a propagação do vírus, houve um afastamento dos espaços físicos da Universidade que estimulavam a convivência, a descontração e a articulação dos movimentos estudantis. Embora muitos institutos tenham prontamente se adaptado ao ensino remoto, muito se perdeu do contato com os ambientes da universidade e da interação entre estudantes fora do período regular de aulas. O movimento de retomada destes espaços, ainda com algumas restrições, trás novos olhares e novas perspectivas sobre a importância da vivência universitária nestes ambientes para a formação dos alunos, e tem retomado

discussões sobre a apropriação e ocupação dos espaços comuns estudantis que ficaram em segundo plano nos últimos dois anos.

Neste contexto, o tema escolhido para a discussão do Trabalho Final de Graduação tem o intuito de olhar para as relações existentes entre os espaços construídos de diferentes edifícios da Universidade de São Paulo e as pessoas que os ocupam ou que já os ocuparam em períodos anteriores, observando sua disposição e as diversas dinâmicas de ocupação presentes nesses espaços em diferentes momentos.

O objetivo do presente trabalho é mapear a importância dos ambientes externos à sala de aula, de uso coletivo, na vivência de alunos de diferentes cursos de graduação presentes na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, olhando pela perspectiva dos usuários que os frequentam. A partir dos levantamentos, pretende-se entender quais são os ambientes de uso comum disponíveis em diferentes institutos, como se distribuem nos edifícios, e como os estudantes ocupam e se apropriam destes espaços. Desta forma, busca compreender se a estrutura existente atende às demandas atuais, identificando pontos fortes e pontos frágeis nos projetos.

A análise realizada busca unir levantamentos históricos, leitura dos projetos arquitetônicos atuais e aplicação de instrumentos de Avaliação Pós-Ocupação que possibilitem uma maior aproximação ao objeto estudado e a incorporação das percepções dos usuários sobre a qualidade dos espaços estudados. Os levantamentos foram realizados a partir de consulta ao acervo da Universidade, com informações históricas disponibilizadas em bibliografia e em plataformas digitais dos próprios institutos, e dos projetos arquitetônicos disponibilizados pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo - SEF. Para análise da percepção do usuário, foram adotados alguns métodos de Avaliação Pós-Ocupação - APO, que se complementam e possibilitam uma maior compreensão da dinâmica de ocupação destes ambientes: conversas com pessoas-chaves, visitas experimentais para observação do comportamento do usuário e registros fotográficos.

Foram elencados edifícios de três institutos da Universidade de São Paulo presentes na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira - CUASO para os estudos de caso:

- » **Edifício Vilanova Artigas**, que abriga os cursos de Arquitetura e Urbanismo e Design;
- » **Edifício Paula Souza**, que abriga os cursos de Engenharia Civil e Engenharia Ambiental;
- » E edifícios que abrigam os departamentos de Comunicação da Escola de Comunicação e Artes: **CJE** (Departamento de Jornalismo e Editoração), **CRP** (Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo), **CTR** (Departamento de Cinema, Rádio e Televisão) e **CCA** (Departamento Central).

A escolha dos edifícios foi motivada pelo interesse em entender de que forma estudantes de diferentes áreas do conhecimento ocupam os espaços construídos dos institutos, percebendo as diferentes demandas que são geradas tanto pela diferença de carga horária e de rotinas de aulas ou estudos ditadas pela estruturação dos cursos, como pelas diferenças culturais e de vivência dos próprios estudantes que frequentam esses espaços. A proximidade com o edifício e com pessoas que os frequentam também foi fundamental para conseguir realizar esta pesquisa.

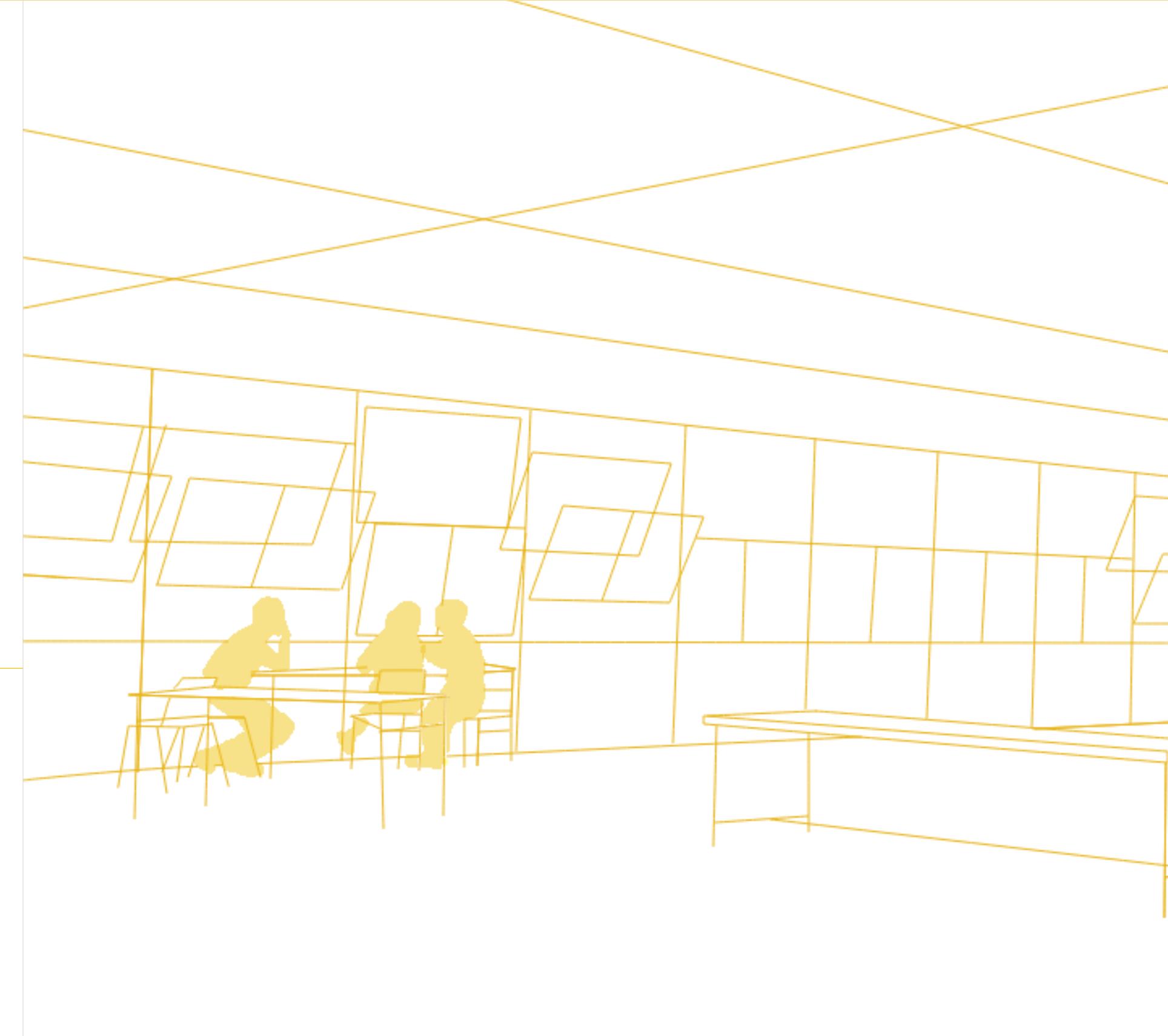
A análise visa a elaboração de um diagnóstico dos edifícios, indicando possibilidades de intervenção no espaço existente e elencando diretrizes projetuais para o desenvolvimento de novos projetos com mesmo perfil de usuários, de forma a destacar os pontos considerados mais relevantes para os estudantes na construção destes ambientes e que deveriam ser debatidos e considerados em projetos de edifícios universitários deste porte.

PARTE I

○ ESPAÇO E O USUÁRIO

Lugar: ambiente que ganha significado através da ocupação ou apropriação humana.
ORNSTEIN, 1995.*

*Conceito cultural fundamental para descrever as relações humanas no meio ambiente, conforme anotações didáticas da Dra. Denisa Lawrence (antropóloga, professora, visitante da FAUUSP em 1994, docente da Califórnia State Polytechnic University) (ORNSTEIN, 1995).



CAPÍTULO 1

Relações entre espaço construído e comportamento

Estudos do campo da psicologia ambiental, área que aborda as inter-relações entre comportamento e ambiente, definem o ambiente construído como um espaço multidimensional, formado pelas trocas entre o espaço físico e as pessoas que o ocupam. Ao mesmo tempo, essas pessoas estão sempre acompanhadas de suas condições sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas (GUIDALLI, 2012 *apud*. OLIVEIRA).

Os usuários estão sempre em contato com uma variedade de estímulos presentes nos ambientes. Segundo OLIVEIRA (2019), determinados estímulos podem contribuir para a sensação de pertencimento e bem-estar do ocupante, motivando a criação de laços afetivos, de sentimentos de identidade e a apropriação dos espaços. Por outro lado, estímulos negativos também podem interferir na percepção do usuário, afetando o comportamento, a interação das pessoas com o edifício e as relações que se formam nestes ambientes.

Segundo ORNSTEIN (1995), o campo de estudo das Relações Ambiente-Comportamento seguem duas linhas principais: a primeira, baseada em uma linha teórica gestaltista, coloca o comportamento como uma função interativa entre sujeito e ambiente; a segunda, que segue a linha teórica do cognitivismo, coloca que o ambiente determina o comportamento ao mesmo tempo em que é parte deste mesmo comportamento. Portanto, a relação ambiente-comportamento acontece em ambas as direções: ao mesmo tempo em que as condições do ambiente afetam o comportamento dos indivíduos que o ocupam, o espaço físico também é afetado pelas ações oriundas do comportamento destes mesmos indivíduos.

Logo, entendendo que as duas variáveis estão intrinsecamente relacionadas, é de grande importância que a análise de um edifício na sua fase de uso inclua o usuário como elemento de observação e escuta. A percepção do comportamento do usuário - a forma como interagem entre si e com o espaço físico - e a compreensão de sua opinião a respeito da qualidade dos espaços que utilizam são fatores

importantes para o entendimento do edifício e identificação dos seus principais problemas ou potencialidades.

PSICOLOGIA AMBIENTAL E RELAÇÃO AMBIENTE-COMPORTAMENTO (RAC)



Figura 1 - Relação biunívoca entre ambiente e comportamento

Fonte: Adaptado de ORNSTEIN (1995)

CAPÍTULO 2

Avaliação Pós-Ocupação em edifícios universitários

O termo “Avaliação Pós-Ocupação (APO)” é derivado do inglês “Post-Occupancy Evaluation (POE)”, e consiste em uma avaliação da qualidade do edifício após a construção, durante seus anos de uso. Para a sua aplicação, deve ser empregado um conjunto diversificado de métodos e técnicas que busquem avaliar o espaço construído tanto do ponto de vista do avaliador, técnico especialista, quanto do ponto de vista dos usuários que ocupam estes ambientes, sejam estes também especialistas ou leigos.

A APO pode ser empregada tanto para a elaboração de um diagnóstico que possa subsidiar a proposição de intervenções no próprio edifício em análise, quanto para compor um banco de dados que possa auxiliar no desenvolvimento de projetos futuros com perfis similares. Segundo ORNSTEIN (1995), edifícios que envolvem grande quantidade de usuários ou que se repetem em larga escala como hospitais, *shopping centers*, parques, escolas e habitações de interesse social, devem ser cebidos com base em Avaliações Pré-Projeto (APP) e em Avaliações Pós-Ocupação (APO) de ambientes semelhantes. Pesquisas que visem o estudo de espaços construídos deste porte, portanto, possuem grande relevância, uma vez que ajudam a compor um banco de dados consistente que poderão subsidiar futuras decisões de projeto.

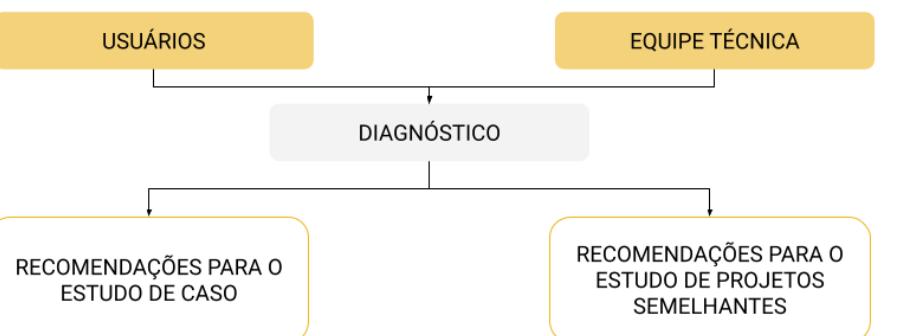


Figura 2 - Fluxograma básico da APO

Fonte: Adaptado de ORNSTEIN (1995)

ORNSTEIN (2011) defende também que os dados levantados na Avaliação Pós-Ocupação a fim de alimentar esse banco de dados deve conter informações que vão além da avaliação de materiais, componentes e sistemas construtivos, sendo fundamental a incorporação de dados a respeito de comportamentos, necessidades e níveis de satisfação dos usuários. O comportamento e as necessidades dos indivíduos que ocupam um edifício podem ser dinâmicas e mudar ao longo do período de utilização destes espaços. É comum que, em alguns edifícios, se perceba a necessidade de reorganização dos espaços construídos a fim de atender às novas demandas geradas tanto pelas mudanças de comportamento daqueles que o ocupam, quanto pelas mudanças no programa de uso da edificação - incluindo novas atividades a serem desenvolvidas no ambiente ou atividades afetadas pela adoção de novas tecnologias incorporadas ao processo de trabalho.

Os edifícios universitários comportam um grande fluxo de pessoas de diferentes perfis e abrigam uma diversidade de atividades em seus ambientes. O processo de ocupação desses edifícios é dinâmico e, ao longo do período de utilização, podem ser afetados por mudanças climáticas, culturais e tecnológicas que alterem as necessidades que precisam ser supridas pelo espaço construído. Deste ponto de vista, estes edifícios seriam beneficiados com a adoção de Avaliações Pós-Ocupação sistemáticas e contínuas, que permitiriam com que os ambientes presentes nos mesmos se adequassem às necessidades daqueles que o ocupam, mantendo sua qualidade e funcionalidade. Segundo ORNSTEIN (1995), as pesquisas de APO evidenciam pontos considerados frágeis à ocupação dos ambientes, trazendo à tona a necessidade de melhorias. E em alguns casos, como o estudo de caso levantado pela autora em espaços semipúblicos de um edifício comercial em São Paulo, as questões podem ser resolvidas com intervenções pontuais, que já possuem grande potencial de impactar positivamente o uso destes espaços.

Nesse sentido, mesmo que não se trate exclusivamente de melhorias radicais para o empreendimento, são por vezes pequenas modificações que permitem que o conjunto todo do ambiente “semipúblico” ganhe qualidade e permaneça com alto nível de atração de usuários. Assim, não há por que deixar que paulatinamente os espaços se deteriorem e o ambiente perca em ação e eficiência. É por isso que a APO, como rotina sistemática de programação e planejamento dos espaços “semipúblicos”, pode fazer uma grande diferença ao auxiliar na manutenção de ambientes de qualidade. (ORNSTEIN, 1995, p. 97)

Existe, hoje, uma variedade de métodos e técnicas utilizadas na Avaliação Pós-Ocupação. A adoção de métodos e técnicas complementares pode trazer um panorama mais completo a respeito da qualidade do espaço construído e sua dinâmica de ocupação. Segundo ORNSTEIN (1995), um dos métodos mais empregados são as observações, que constituem elementos essenciais para a investigação do comportamento

dos indivíduos no espaço. Segundo a autora, as observações podem ser complementadas com a aplicação de questionários, entrevistas e técnicas de mapeamento que, conforme defende, “são procedimentos preciosos para a construção do conhecimento”.

Entrevistas e questionários, além de complementarem o método das observações e serem usados via de regra combinados com outros métodos, são amplamente utilizados, porque são praticamente o traço de união entre os registros e documentos oficiais - induzindo os próprios projetos executivos - e a versão da população usuária sobre as condições do ambiente construído. (ORNSTEIN, 1995, p.63)

Junto ao método de observação, pode-se também associar as técnicas de registros fotográficos e de elaboração de mapas comportamentais. Esta última consiste em registrar as observações realizadas a respeito do comportamento do usuário em interação com o espaço construído, as localizando em mapa ou planta do local estudado. Conforme colocado por ORNSTEIN (2011), a técnica é utilizada principalmente em espaços com grande número de usuários e deve procurar estabelecer categorias de comportamento, as classificando em “passivo ativo”, “isolado ativo”, e “social”.

A partir dessa perspectiva, foram selecionados para aplicação nos estudos de caso os métodos e técnicas listados na Tabela 3, levando em consideração as vantagens e desvantagens de cada um, conforme apresentado por ORNSTEIN (1995), e ponderando facilidade de aplicação e prazos, a fim de se atingir os objetivos propostos.

Tabela 1 - Métodos e técnicas de APO escolhidas para aplicação no Estudo de Caso

MÉTODOS (M) E TÉCNICAS (T)	DESCRIÇÃO
Observações do Comportamento do Usuário (M)	Conforme apresentado por Ornstein (1995), as observações de comportamento dos usuários podem ser realizadas com obstrução (direta) ou sem obstrução (indireta) do especialista, e constitui um método interessante para compreender as dinâmicas das Relações Ambiente-Comportamento presentes no espaço analisado.
Conversa com pessoas-chave (M)	As conversas com pessoas-chave, muito empregadas em casos de APO onde se tem uma restrição de tempo para realização das análises, são realizadas de forma breve, apenas com pessoas-chave para compreensão do projeto, resultando em indicadores qualitativos para a análise.

|Continua|

Tabela 1 - continuação

MÉTODOS (M) E TÉCNICAS (T)	DESCRIÇÃO
Mapas Comportamentais (T)	Os mapas comportamentais são técnicas utilizadas para identificar e registrar atividades e comportamentos que se repetem durante o período de uso de determinado local do edifício. Conforme apresentado por Ornstein (1995), além de ser muito útil para compreender as Relações Ambiente-Comportamento presentes no ambiente, a técnica também apresenta resultados gráficos que facilitam a interpretação dos mesmos e a formulação de diretrizes e recomendações para o estudo de caso.
Registros Fotográficos (T)	Técnica de baixo custo e rápida de ser executada, os registros fotográficos também constituem como uma ferramenta bastante útil nas avaliações de desempenho físico do ambiente e na avaliação de comportamento dos usuários.

Fonte: Autoria própria. Conceitos apresentados em Ornstein (1992) e Ornstein (1995).

CAPÍTULO 3

Estratégias para projeto de edifícios universitários

Os edifícios universitários são frequentados por um grande número de estudantes de diferentes cursos, com diferentes repertórios socioculturais. Na universidade, frequentemente o ensino ultrapassa a exposição teórica e as discussões que ocorrem dentro das salas de aula, incorporando vivências em eventos e grupos estudantis que contribuem para o desenvolvimento social, político e cultural dos estudantes. Ao mesmo tempo, nas universidades públicas, as atividades de pesquisa e extensão recebem grande estímulo, complementando a formação. Essas atividades, somadas à carga horária da grade regular existente na graduação, fazem com que os estudantes permaneçam por longos períodos nesses espaços, principalmente nos primeiros anos dos cursos.

Segundo SANOFF (2001) *apud.* OLIVEIRA (2019), professores e estudantes devem estar comprometidos a levar o ensino para espaços além das salas de aula e, para isso, os edifícios escolares precisam oferecer ambientes diversificados, que comportem múltiplos usos e incentivem esses diálogos. Nesse contexto, as áreas livres de socialização, lazer e descanso assumem papel importante na vivência universitária. OLIVEIRA (2019) defende que os espaços de convívio também são “locais de aprendizado, ainda que não prioritariamente intelectuais”, relevantes no cotidiano da comunidade, podendo inclusive dar apoio às funções pedagógicas.

É importante entender a interação da arquitetura com os modelos pedagógicos, partindo do pressuposto de que a educação não se restringe ao desenvolvimento de faculdades intelectuais, mas também incorpora a formação do indivíduo e parte da estruturação de seu convívio em sociedade. Isso pode ser claro na educação básica, mas também na educação superior se tem a complementação da formação do cidadão, profissional, que terá uma atuação em sua comunidade, abrangendo aspectos sociais, culturais e políticos. (...) Muito do tempo dos usuários - alunos, professores, funcionários - é despendido nesse espaço, que se torna uma segunda casa, um lugar de realização e identificação de cada usuário. (OLIVEIRA, 2019, p. 88)

Ao mesmo tempo, para que estas atividades possam ser bem desenvolvidas, o edifício precisa acolher e atender as necessidades dos usuários. Por isso, segundo KOWALTOWSKI (2011), é preciso adotar uma linguagem humanizada para os projetos desses espaços, incorporando estratégias que possibilitem a criação de espaços flexíveis, adequados, que gerem no usuário uma sensação de acolhimento e de pertencimento.

As áreas de vivência, aqui entendidas como os ambientes externos às salas de aula e que permitem o encontro de diferentes grupos presentes nas escolas - estudantes, funcionários, professores, e visitantes - são elementos importantes, funcionando como espaços de descompressão, interação e apropriação. Estes espaços podem ser vistos como um “ponto focal de comportamento”, conceito definido por Bechtel (1987) *apud* Ornstein (2015) como um “cenário/local de comportamento mais acessível ao maior número de tipos diversificados de pessoas em qualquer área geográfica”. Ornstein (1995) defende que esses locais contribuem para a sensação de comunidade, uma vez que oferecem aos usuários um local comum de encontro presencial regular, o que segundo a autora constitui um ponto fundamental para construção desta sensação de pertencimento. Além disso, Ornstein (1995) também coloca que a atração de um grande número de pessoas para esses locais que funcionam como um ponto focal de comportamento é intensificada quando o ambiente “incorpora funções complementares como alimentar, beber, socializar, e consumir”.

Em seu trabalho, OLIVEIRA (2019) apresenta alguns princípios fundamentais para projetar edifícios escolares com ambientes diversificados, de múltiplos usos e que favoreçam o ensino para além da sala de aula, elencados nas obras de SANOFF (2001). Além disso, a autora também reúne estratégias práticas citadas nos estudos de KOWALTOWSKI (2011), para que a arquitetura ofereça a criação de espaços acolhedores e adequados à experiência universitária. Os pontos levantados são apresentados na Tabela 2.

Ao cruzar os princípios e estratégias elencadas pelos autores, foi observado que ambos convergem em três tópicos principais: diversidade de usos, conexões com o entorno e relações de apropriação e identidade. Os pontos citados foram reunidos e organizados dentro destes três grupos, cujos tópicos serão o foco de análise dos edifícios elencados para os estudos de caso, apresentados nos capítulos seguintes.

Tabela 2 - Princípios e estratégias para o projeto de edifícios escolares universitários.

DIVERSIDADE DE USOS
Fornecer espaços para grupos, fomentando a socialização no aprendizado; (1)
Oferecer diversidade e variação espacial ambiental (luz, cor, textura, etc); (1)
Propor espaços com flexibilidade, layout variados, e possibilidade de o usuário intervir na configuração do espaço; (1)

| Continua |

Tabela 2 - continuação

DIVERSIDADE DE USOS	
Ofertar recursos tecnológicos e estrutura suficiente; (1)	
Criar locais ativos e passivos - são necessários tanto os locais sociais, agitados, quanto os introspectivos, para os diversos tipos de estudantes e de momentos; (1)	
Espaços de ensino de diferentes escalas: salas de aula e de estudo, atendendo aos diversos tipos de aprendizagem, inclusive informais e colaborativos; (2)	
Espaços para palestras e aulas especiais, de interesse coletivo, em grupos; (2)	
Espaços introspectivos ("cave spaces") onde o aluno possa se concentrar; (2)	
APROPRIAÇÃO E IDENTIDADE	
Criar ambientes com estímulos e identidade (uso de cor, arte, etc); (1)	
Possibilitar a personalização - os estudantes devem ter locais nos quais possam intervir e personalizar; (1)	
Espaços de exposição dos trabalhos dos alunos; (2)	
Espaços para arte, música, esportes e expressão (diversidade de interesses); (2)	
CONEXÃO COM O ENTORNO	
Oferecer locais de interface interior-exterior; (1)	
Oferecer espaços públicos, com conexão com a comunidade do entorno; (1)	
Entrada convidativa e transparéncia: sensação de que a escola é aberta a quem interessar; (2)	
Conexão entre espaços internos e externos. (2)	
<small>(1) Princípio fundamental para projetos de escolas comprometidas com o ensino além das salas de aula, apresentadas por SANOFF <i>apud</i> OLIVEIRA (2019).</small>	
<small>(2) Estratégias de projeto apresentada em projeto de espaços universitários, para propor espaços acolhedores e flexíveis, listados por KOWALTOWSKI <i>apud</i> OLIVEIRA (2019).</small>	

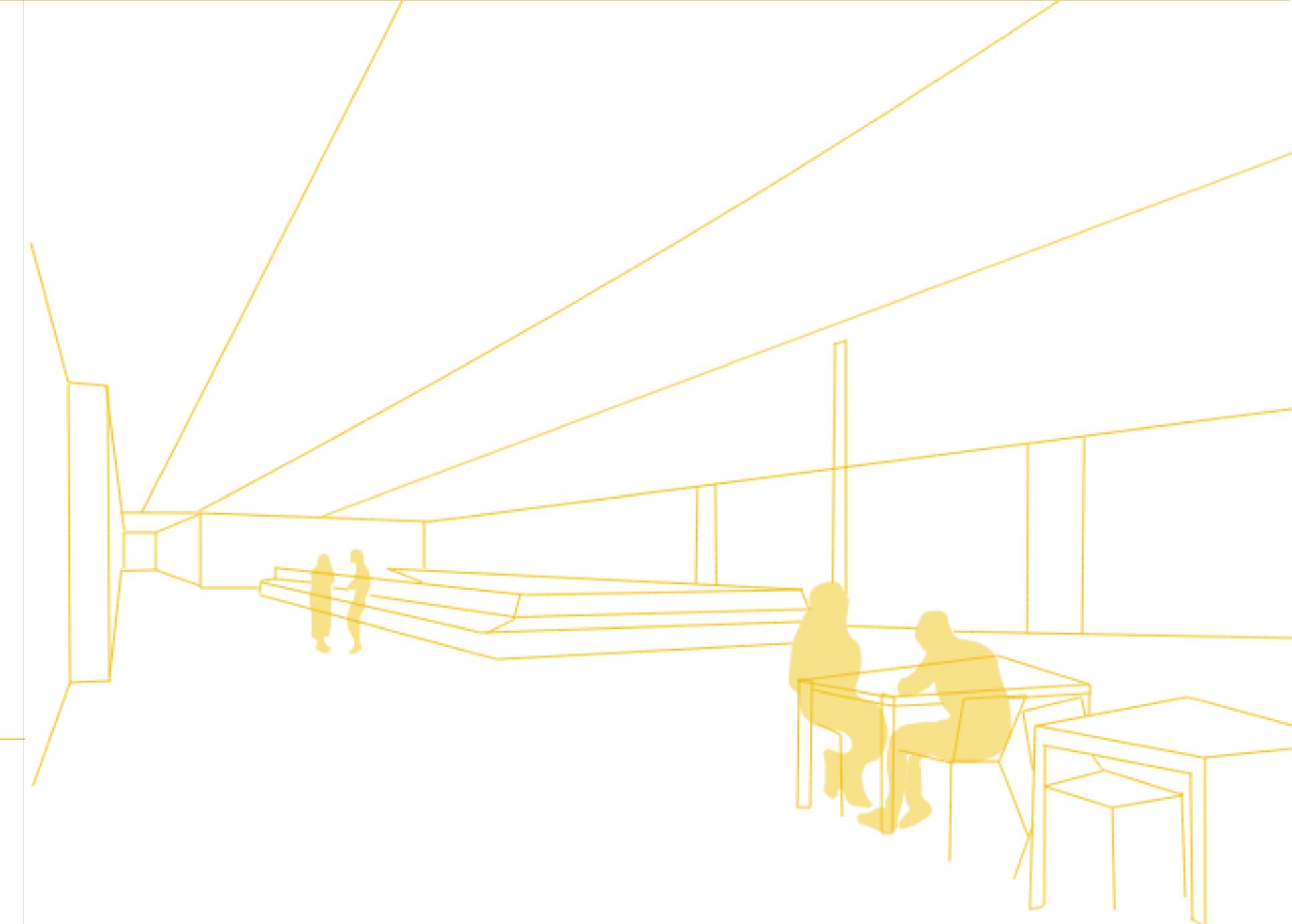
Fonte: Elaboração própria, a partir de pontos elencados por SANOFF (2001) e KOWALTOWSKI (2011), reunidos por OLIVEIRA (2019).

PARTE II

ESTUDOS DE CASO

A arquitetura é o terceiro professor dentro de uma escola
KOWALTOWSKI, 2018.

Declaração de Profa. Dra. Doris Kowaltowski em entrevista concedida para o jornal *Isto É*, em 2018.



CAPÍTULO 4

Breve histórico da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira

4.1 A CRIAÇÃO DA UNIVERSIDADE E A ELABORAÇÃO DOS PRIMEIROS PLANOS

A Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira (CUASO) é parte do campus da capital da Universidade de São Paulo e está localizada na zona oeste da cidade. Embora já estivesse prevista desde o início da fundação da Universidade, em 1934, sua construção foi postergada diversas vezes, sendo iniciada de forma significativa apenas em 1950. Conforme apresentado por Cabral (2018), de 1934 até 1970 foram elaborados vários modelos distintos para a implantação da Cidade Universitária e nenhum destes foi implementado completamente.

O planejamento e a construção do campus foi impactado por diversas mudanças no contexto político que ocorreram neste período, sendo muitas vezes paralisada por falta de recursos e colocada em segundo plano. Nos momentos de retomada, os planos até então vigentes eram rediscutidos pelas comissões responsáveis, gerando novos modelos - com novos objetivos, com diferentes visões do que deveria ser o novo campus universitário e de quais métodos deveriam ser empregados para sua construção.

A implantação da cidade universitária da USP teve recuos e desistências. Desde vias eliminadas porque não existiam no plano que sucedia à sua abertura até inúmeros projetos de vias e edifícios não implantados (ou executados parcialmente) e demolições de edifícios. (CABRAL, 2018, p. 560)

O modelo de universidade que estava sendo discutido no momento de criação da Universidade de São Paulo destacava a relevância da integração universitária, com uma aproximação entre os cursos e valorização da convivência entre alunos e professores de diferentes áreas. No entanto, a implementação destes princípios no novo campus enfrentou dificuldades e resistências. A primeira delas foi a dificuldade de aceitação proveniente dos próprios institutos, que estavam habituados



Foto área da CUASO em 1994. Acervo da Base Aeofotogrametria e Projetos S.A.

Foto: Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

ao modelo vigente até então de autonomia e segregação dos cursos, favorecida por estarem espalhados em diferentes edifícios no centro da cidade. Ao mesmo tempo, houve também uma dificuldade de se implementar os planos de urbanização previstos para a área que havia sido destinada para a implantação da cidade universitária, uma vez que esta era extensa, ainda sem infra-estrutura e com várzea inundável. Além dos fatores citados, as mudanças econômicas e políticas que ocorreram nas primeiras décadas de implantação da cidade universitária levaram a diversos momentos de revisão dos planos existentes e das prioridades que seriam consideradas na elaboração das novas versões, passando por diversos momentos de falta de recursos que também contribuíram para dificultar sua implementação.

O modelo de universidade brasileira concebido nos debates sobre ensino superior promovidos na capital da República em São Paulo na década de 1920 foi o de uma instituição voltada à realidade nacional, pública, mas com autonomia, e integrada, com institutos de pesquisas e altos estudos, além de escolas profissionais. **A cidade universitária foi considerada um meio para maximizar recursos humanos e instalações e promover o convívio, fazendo surgir o “espírito universitário”.** (CABRAL, 2018, p. 559, grifo próprio)

Os primeiros planos elaborados, de 1937, 1943, e 1945-1947 tinham como partido a integração universitária dada pela centralização da convivência em uma praça, ao redor da qual seriam reunidos os edifícios principais e, atrás destes, seriam colocados os edifícios de apoio. Estes planos iniciais, no entanto, não foram implementados.

Entre 1949 e 1954 foi elaborado um novo modelo, que previa uma descentralização, dividindo o *campus* em diversos setores. O modelo descentralizado defendia que a infraestrutura poderia, desta forma, atender de forma simultânea as áreas que estariam distantes umas das outras, e que poderia ser expandida de forma gradual conforme a construção dos edifícios (CABRAL, 2018). Os poucos edifícios que foram implantados segundo o Plano de 1949, devido à aplicação do modelo disperso, acabaram ficando isolados dentro da extensa gleba que compunha o *campus*.

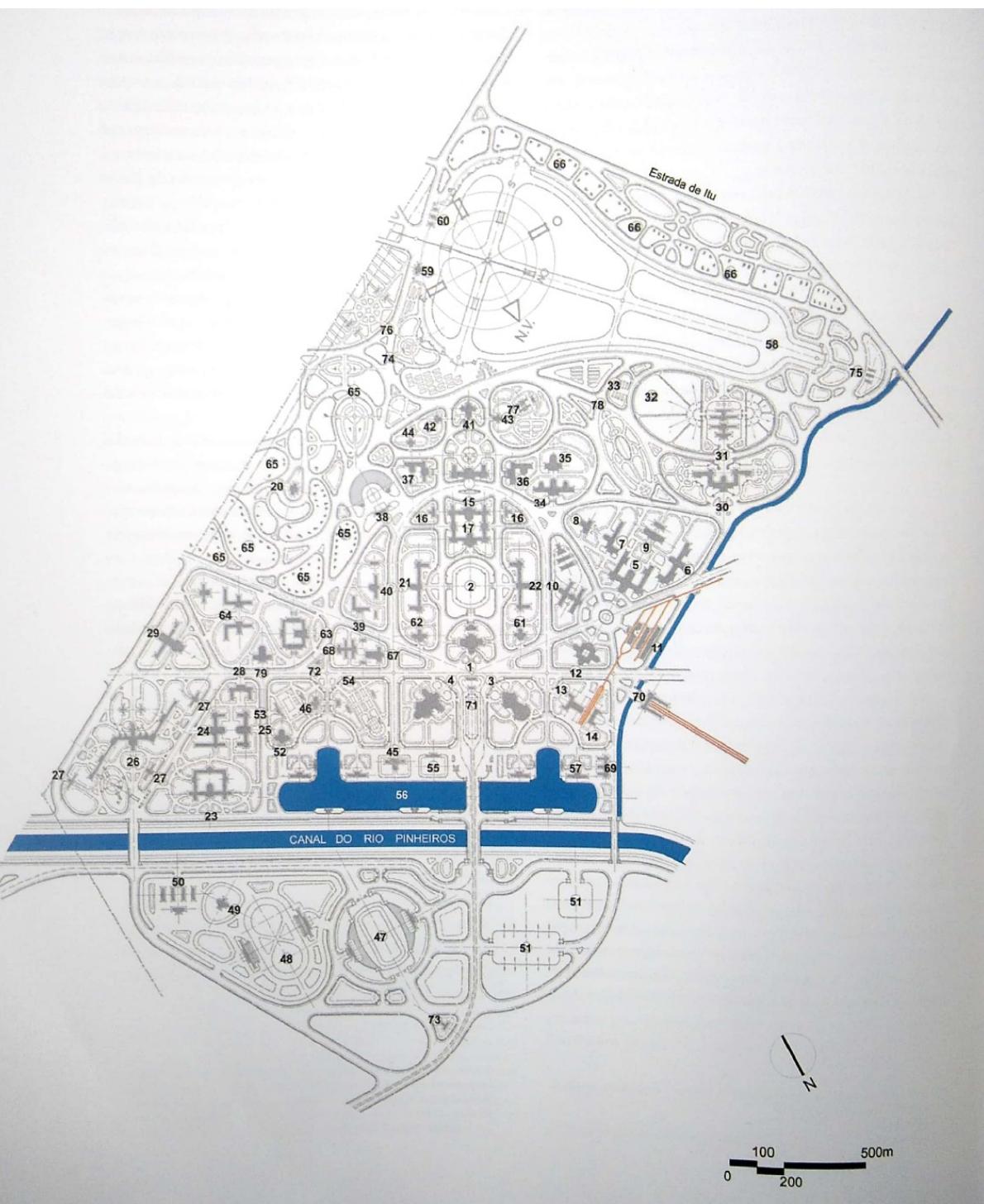


Figura 3 - Plano Accuratus, primeiro lugar em concurso realizado em 1945.

Fonte: Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

USP C I D A D E U N I V E R S I T Á R I A
D A U N I V E R S I D A D E
D E S Ã O P A U L O C C U

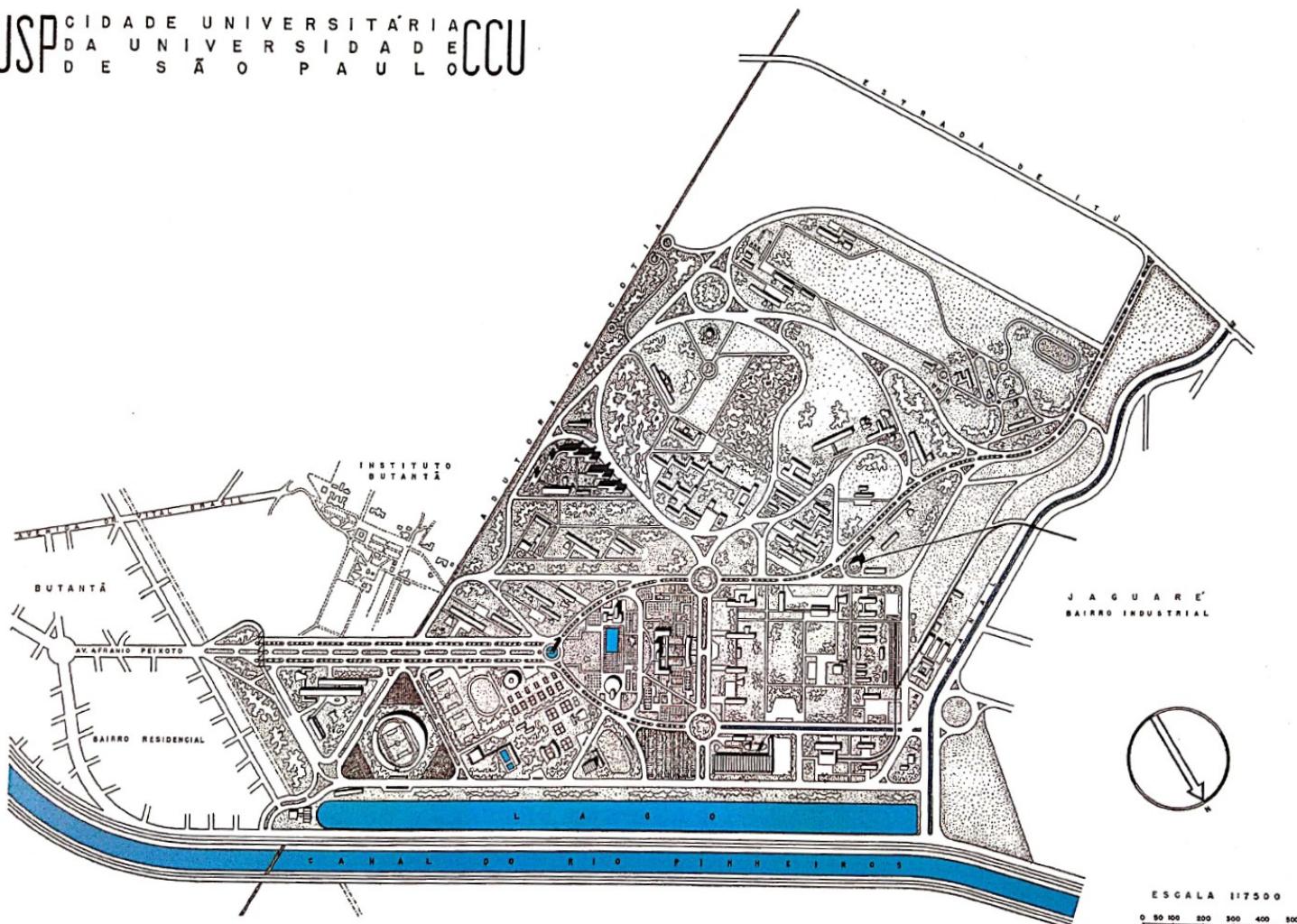


Figura 4 - Plano de 1949-1954. Versão de 1954.

Fonte: Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

4.2 O REPLANEJAMENTO DE 1956 E O PLANO DE 1961-1963

Em 1956, havia na Cidade Universitária apenas dez edifícios concluídos, um edifício ainda em construção e outros quatro que estavam com construção paralisada. Conforme apresentado por Cabral (2018), neste mesmo ano o Escritório de Engenharia e Arquitetura da Comissão da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira resolveu realizar uma revisão completa dos planos e da forma como estava sendo realizada a construção do campus. Sob a gestão do arquiteto Hélio Duarte, é proposto então um replanejamento da cidade universitária.

O Escritório de Engenharia e Arquitetura da Comissão da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, chefiado pelo arquiteto Hélio de Queiroz Duarte, propôs, em meados da década de 1950, um novo planejamento baseado em uma estruturação universitária “plausível”: unidades universitárias organicamente reunidas na cidade universitária, associação de ensino e pesquisa e separação dos cursos básicos universitários, ou seja, seu agrupamento por área de estudo, uma vez que havia resistência a centralizá-los na Faculdade de Filosofia. (CABRAL, 2018, p. 561)

O Plano proposto em 1956 propõe a criação de três sub centros destinados à habitação - sendo o primeiro para residência de alunos, o segundo para residência de professores e o terceiro para residência de funcionários e família -, e de um Centro de Convergência que, além de atender à população residente, seria um centro de convivência destinado a promover a integração de toda população que frequentaria as diversas instituições da cidade universitária. Apenas para estes dois setores - habitacional e de convivência - foi definido o programa, a implantação e a volumetria dos edifícios. O Centro de Convergência foi denominado como o *core* do campus, sendo composto por um conjunto de edifícios:

O projeto do *core*, segundo o Replanejamento, deveria ser: de um lado os edifícios da administração (reitoria e prefeitura), biblioteca central e Aula Magna, constituintes do centro cívico, e, de outro, os edifícios que constituiriam o centro comercial e social da comunidade universitária. No meio, um lago. (CABRAL, 2018, p. 285)

O Plano de 1956 também não foi implementado, mas as propostas previstas foram consideradas no plano elaborado de 1959 a 1962. Em 1959, Carlos Alberto Alves de Carvalho Pinto foi eleito governador do Estado de São Paulo e propôs um Plano de Ação para os quatro anos de seu governo. Dentre suas metas, o governador propôs a criação do Fundo de Construção da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (FUNDUSP), destinado à construção e à compra de equipamentos para as instituições de ensino superior do estado. O plano previa a instalação definitiva do campus, com a transferência de todos os institutos que deveriam o compor, até 1962. No entanto, desde a apresentação do Plano até a criação do Fundo se passaram um ano e meio de mandato, deixando um tempo reduzido para criação dos projetos e execução das obras dentro do período previsto.

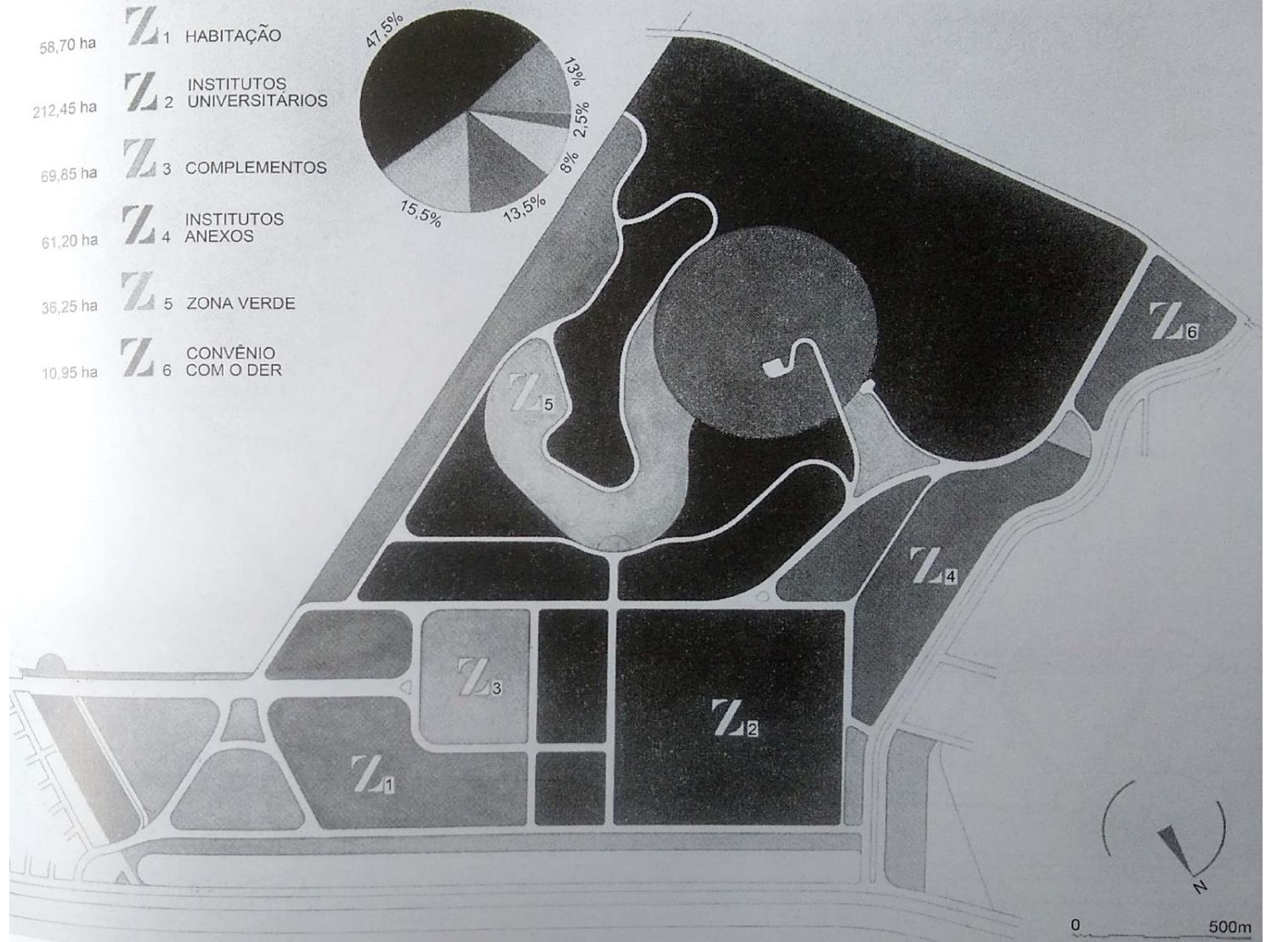


Figura 5 - Proposta de Zoneamento para a CUASO prevista no Plano de 1956.

Fonte: Projeto de Hélio de Q. Duarte, 1956, Replanejamento, prancha 205.

Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp



Figura 6 - Montagens de fotos aéreas do vôo Vasp/Cruzeiro, com data estimada de 1959, mostrando a Cidade Universitária da USP.

Foto: Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

Em 1960, o então reitor Antônio Barros de Ulhôa Cintra, designou a Savério A. F. Orlandi o trabalho de planejar quais unidades universitárias deveriam ser transferidas para o *campus*, definindo um organograma dos institutos com previsão de áreas, sua programação funcional e critérios espaciais para sua implantação. Conforme apresentado por Cabral (2018), Orlandi elaborou os organogramas conforme solicitado, seguindo a filosofia de integração universitária que havia sido proposta no Replanejamento de 1956. Esses organogramas seriam, então, enviados aos arquitetos responsáveis pela elaboração do projeto dos edifícios.

Em relatório encaminhado ao reitor sobre os projetos para a CUASO, o arquiteto Paulo Camargo de Almeida - que naquele momento era o diretor executivo do Fundo de Construção da Cidade Universitária -, ressalta que julgava ser importante a formação de uma equipe de arquitetos que pudessem dialogar sobre os planejamento geral proposto para o *campus* e seus setores, designando então o projeto de um edifício em particular para cada um. Conforme relatos de Orlandi (apud. Cabral, 2018), eram convocadas reuniões periódicas no casarão que abrigava até então a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU USP), na rua Maranhão, para discutir os projetos e respectivos programas.

Pensando assim, convoquei pessoalmente diversos arquitetos, para um conversa preliminar de conceituação geral de nossos problemas e pensamentos, e com grande satisfação verifiquei a existência de uma perfeita identidade de sentir e de positivar as soluções em termos de um trabalho de equipe, sem eliminar o espírito criador dos arquitetos em seus trabalhos individuais, mas **conceituando normas básicas do planejamento geral, que bem definam um rumo seguro à arquitetura contemporânea, objetivada de forma precisa na cidade universitária de São Paulo**. (ALMEIDA, 1960 apud. CABRAL, 2018, p.300, grifo próprio)

O Plano de 1961 propõe a divisão da cidade universitária em 18 setores. Dentre eles, é proposto um setor destinado à convivência geral de todos que frequentariam o *campus*, incluindo o core proposto por Hélio Duarte, o conjunto residencial destinado aos estudantes e um novo projeto de um Centro Social. Neste plano também é criado o setor das Humanas, composto por institutos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e Arquitetura.

O Plano de 1961-1962 para a cidade universitária da USP manteve e ampliou o *core* proposto por Hélio Duarte em 1956, um espaço onde seria feita a junção dos contatos da população universitária. **Isso propiciaria a formação do espírito universitário e o desenvolvimento da consciência de grupo.** O programa para o *core* do início dos anos 1960 incluía edifícios administrativos centrais, biblioteca central e Aula Magna e o centro comercial e social da comunidade universitária. Ao lado do *core* estariam o setor residencial estudantil e os esportes competitivos. Na colina vizinha se situaria o setor das Humanas, com os prédios de alguns departamentos e seções da Faculdade de Filosofia, e o edifício de Arquitetura. (CABRAL, 2018, p. 561, grifo próprio)

Conforme relatos apresentados por Cabral (2018), cada setor foi entregue a um arquiteto. A equipe formada por Hélio Duarte era composta quase integralmente por professores da FAU USP, como Vilanova Artigas, Ícaro de Castro Mello, Hélio de Queiroz Duarte, Eduardo Kneese de Mello, Carlos Milan e Paulo Mendes da Rocha. Em entrevista concedida à professora Neyde Cabral em 2003, Paulo Mendes da Rocha coloca que haviam princípios comuns, discutidos nas reuniões da equipe para serem implementados nos projetos, destacando que “o Plano de 1961 tinha o princípio de estabelecer efetivos estímulos à convivência, o mais possível” (Cabral, 2018).

Os prédios da fase de 1959 a 1961 tem partidos com pontos em comum, como a integração interior-exterior (continuidade do espaço), a inteligibilidade do espaço (a apreensão imediata de sua organização), a Arquitetura expressada pela estrutura, a praça interna, a iluminação zenital, o pilar trabalhado como uma dobradura, o repertório simplificado de acabamentos. (Cabral, 2018, p. 372)

O Plano foi entregue em agosto de 1962 e atualizado em 1963, com a adição de alguns setores que não haviam sido definidos e com a revisão de alguns projetos não implementados nos anos anteriores. Porém, dos edifícios projetados no plano de ação, muitos não foram construídos, como o *core*. Conforme registros apresentados por Cabral (2018), em 1963 estavam prontos seis blocos do Conjunto Residencial Estudantil (CRUSP) e o restaurante central, e estavam em construção o edifício da História e Geografia que compunha o setor das Humanas, dois prédios da Escola Politécnica, os edifícios dos departamentos de Eletricidade, Mecânica e de Engenharia Naval, além do conjunto das Químicas.

No período de 1959 a 1962, foram realizadas muitas obras de infraestrutura, envolvendo rede de distribuição de água potável, rede de águas pluviais, rede de distribuição de energia, terraplenagem, abertura e pavimentação de vias e construção de pontes. Conforme o relatório elaborado no Plano de 1963, apresentado por Cabral (2018), até 1962 foram finalizadas 32.818 m² de obras que haviam sido iniciadas até 1959 e executadas 42.216 m² de obras novas. Além disso, havia 130.764 m² de projetos criados durante esse período e não executados. Para o setor das ciências humanas e sociais (setor 3), foram finalizados os projetos para os edifícios de Letras, História e Geografia, Geologia, Sociologia, Matemática, e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, totalizando 104.045 m² de área projetada. Dos cinco edifícios projetados, quatro estavam com as fundações já executadas em 1962, mas apenas o edifício de História e Geografia estava com a obra mais avançada - com aproximadamente 70% de sua execução concluída (Cabral, 2018). Destes, apenas o edifício de História e Geografia e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo foram concluídos posteriormente conforme o projeto original elaborado neste período.



Figura 7 - Plano de agosto de 1962 para a Cidade Universitária, atualizado em dezembro de 1963.

Foto: Acervo SEF - Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp



Figura 8 - Foto área da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, datada de 1962.

Foto: Acervo da Base de Aerofotogrametria e Projetos S.A.

Fonte: Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

Apesar da tão esperada disponibilidade de recursos, um balanço realizado em 1966 constatou que muitos dos edifícios previstos no Plano de 1961-1963 para a cidade universitária não haviam sido executados. Contribuiu para tal situação o fato de parte dos esforços do Fundo de Construção da Cidade Universitária ter sido direcionada para a execução de edifícios no Instituto Butantan e no Instituto de Energia Atômica, para a construção da Academia de Polícia e para instalações no setor do DER. (CABRAL, 2018, p. 561)

4.3 1964-1968: IMPACTOS DA DITADURA MILITAR E ABANDONO DO “ESPÍRITO UNIVERSITÁRIO”

O período de 1962 a 1968, conforme apresentado por Cabral (2018), seria “de crises e de rupturas”. A mudança do regime político a partir de 1964 e a revisão do modelo de desenvolvimento nacional impactou profundamente o planejamento da Cidade Universitária e as diretrizes dos projetos que viriam a compor o *campus* a partir deste período.

A alteração do modelo político a partir de 1964 trouxe graves prejuízos ao Plano de 1961-1963 para a cidade universitária da USP e mesmo para a aplicação do novo modelo de integração universitária. Nestes anos foi demolido um dos blocos do conjunto residencial para recuperar a perspectiva da avenida de ingresso até o edifício da Reitoria, elemento do Plano de 1949-1954. Não foi construída a maioria dos edifícios para o setor das Humanas e o projeto do core não teve prosseguimento, visto que **naquela conjuntura o controle deveria substituir a convivência**. (CABRAL, 2018, p. 562, grifo próprio)

Em 1968, é feita uma revisão do Plano de 1961-1963, que não havia alcançado as metas, construindo apenas parte dos projetos criados no período. É proposta pela União uma Reforma Universitária, definindo como questões prioritárias para o período a criação de cursos básicos e a expansão de vagas no ensino superior. Para a Universidade de São Paulo, a reforma reflete na priorização da construção de edifícios para abrigar os cursos básicos da Universidade e a transferência de outros institutos dispersos até então no centro da cidade para instalações da Cidade Universitária, como os departamentos da Faculdade de Filosofia, da Faculdade de Direito e da Escola Politécnica (Cabral, 2018). O projeto de Convivência previsto no Plano de 1961-1963 é abandonado, assim como o projeto de maior parte dos edifícios do Corredor das Humanas, exceto o edifício da Faculdade de Urbanismo e do departamento de História e Geografia.

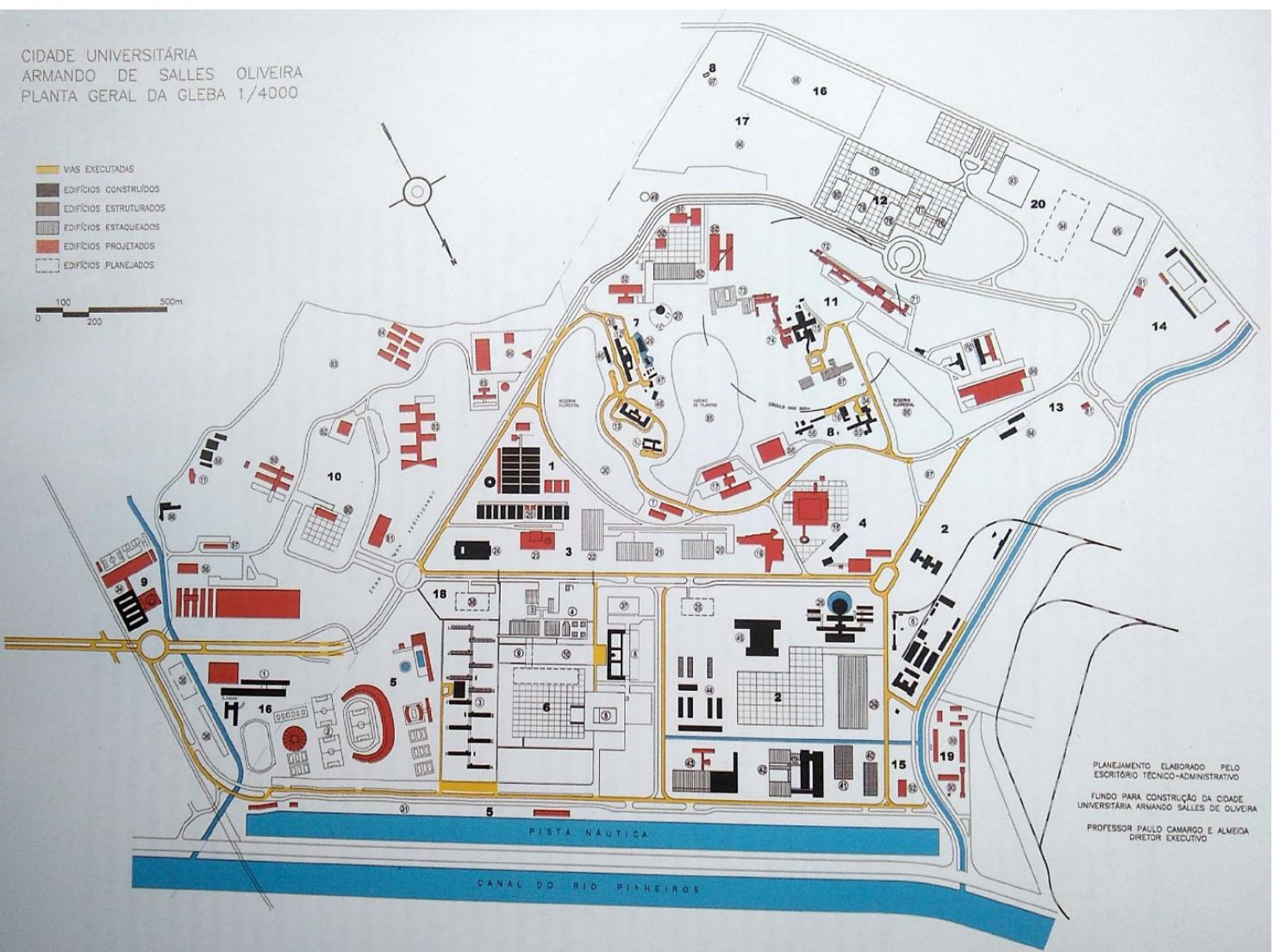


Figura 9 - Planta de fevereiro de 1966, com o sistema viário planejado para a cidade universitária, edifícios construídos, em construção, com projetos elaborados ou apenas planejados.

Fonte: Fundo de Construção da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira (FCCUASO) - Acervo SEF. Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

Conforme colocado por Cabral (2018), embora a Universidade tenha recebido verbas de 1962-1968 até maiores que o período anterior, mesmo em um cenário nacional de recessão e crise, colocou-se como prioridade a necessidade de expansão de vagas dada pelo aumento da demanda, em detrimento da implementação do Plano anterior. O primeiro sinal de rompimento, conforme identificado pela autora, é a demolição em 1966 da estrutura de um dos blocos do Conjunto Residencial (CRUSP) ainda em construção, e do projeto de extensão da via de acesso à reitoria visando retomar a perspectiva central do edifício, que cortaria a área prevista no projeto original do core. Tal fato provocou uma série de protestos tanto dos próprios arquitetos envolvidos no Plano de 1961-1963 em notas públicas e entrevistas¹, quanto do próprio Instituto de Arquitetos do Brasil, alegando que tais alterações provocavam um desvirtuamento do projeto original. Apesar dos protestos, o bloco foi demolido e a via prevista foi aberta.

Apesar do abandono da maior parte dos projetos previstos no plano de 1961-1963 para o centro de convivência e para o setor das Humanas, o edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ainda não executado, conseguiu apoio financeiro da reitoria e foi viabilizado. Segundo Cabral (2018), tal fato só foi possível devido aos apelos do então diretor da faculdade, o engenheiro Pedro Moacyr do Amaral Cruz - que também havia sido integrante do Escritório Técnico da Comissão da Cidade Universitária - e que enviou ofícios ao reitor solicitando que fossem direcionadas verbas para a construção do edifício. Nos ofícios, o então diretor apresentava argumentos para convencer da necessidade de construção do edifício naquele período. Dentre os argumentos apresentados, Amaral Cruz defende a que a transferência dos alunos para um novo edifício na cidade universitária seria necessária por “motivos de segurança, controle disciplinar e expansão do ensino.” (CONTIER, 2015, p. 286)

Amaral Cruz apelava ao reitor para que fossem solicitadas ao governo do estado, à Secretaria da Fazenda e a quem mais conviesse, a aprovação e a liberação de verbas para o início da construção do edifício na cidade universitária, apresentando vários argumentos, como: **a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo no prédio da Vila Penteado inexistia como entidade fechada, administrável, controlável**; era casa de todos e de ninguém; era impertinente a intromissão de elementos estranhos, perturbadores, no seu território; não podia ampliar sua capacidade didática; não oferecia espaços para o funcionamento dos seus órgãos etc. (Cabral, 2018, p. 445, grifo próprio)

Um artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*², que informava a autorização do governo do estado para a contratação da execução da estrutura do edifício da FAU em 1966, dizia: “O projeto arquitetônico é bem avançado e foi aceito porque se constituirá num testemunho de uma fase da arquitetura brasileira.” Conforme defendido por Cabral (2018), em 1966, “a arquitetura moderna paulista estava sendo tratada como uma ‘fase’, aparentemente superada, visto que dela cabia haver um testemunho.”

¹ Notas citadas por Cabral (2018, p. 438-440): Carta dos arquitetos Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney Oliveira ao jornal *O Estado de S. Paulo* intitulada “Arquitetos Esclarecem” se declarando contra a intervenção realizada no projeto, publicada em 6/08/1966; publicação de réplicas da carta dos arquitetos, elaborada pelo então reitor da Luís Antônio da Gama e Silva no *Jornal da Tarde* na edição de 01/11/1966, mesma edição em que são publicados relatos de Paulo Mendes da Rocha explicando a concepção do plano de 1961 e defendendo o projeto original; publicação realizada pelo IAB na mesma data contra a demolição do bloco do CRUSP; publicação em 13/11/1966 de artigo pelo arquiteto Roberto Cerqueira Cesar em *O Estado de S. Paulo* intitulado “O coração da Cidade Universitária” criticando a réplica do reitor; publicação de relatos do arquiteto Eduardo Corona para a revista *Acrópole* n. 334; ação popular movida por professores e alunos contra o reitor Gama e Silva em 29/11/1966, com participação do arquiteto Paulo de Camargo e Almeida.

² Artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 25/12/1966, cujos trechos são citados em Cabral (2018, p. 445)

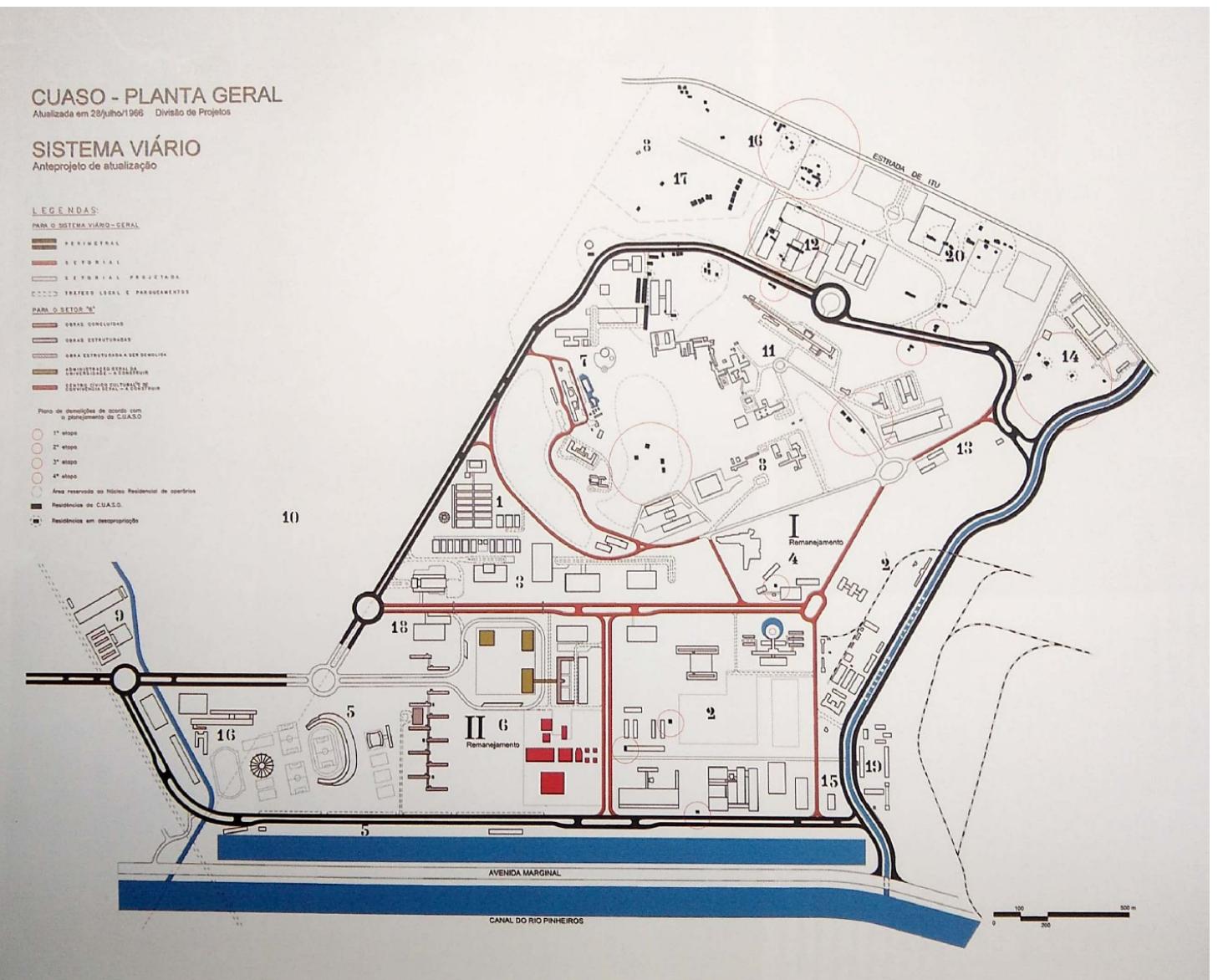


Figura 10 - Planta elaborada em 28 de julho de 1966 pelo FUNDUSP, com o anteprojeto de atualização do sistema viário da CUASO.

Foto: Acervo SEF. Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

Entre 1968 e 1973, período que ficou conhecido como “milagre econômico brasileiro” houve uma recuperação da economia, com diminuição da inflação e aceleração do crescimento. Dentro deste contexto econômico e diante do objetivo estabelecido pelo governo de aumentar o oferecimento de vagas no ensino superior, houve na cidade universitária um período com um ritmo de construções acelerado. Relatórios publicados em 1972, como a Publicação “Ensino Superior em São Paulo”, do Departamento de Estatística da Secretaria de Economia e Planejamento do governo do estado, apresentado por Cabral (2018, p. 481), indicam que entre 1961 e 1972 o número de alunos na cidade universitária havia dobrado. Uma publicação realizada na revista A Construção em São Paulo, também em 1972, destacava a construção acelerada dos edifícios do campus:

Com metade das suas construções prontas em 1971, a cidade universitária está atravessando um bom ritmo de desenvolvimento, iniciada há cinco anos. Transferindo sistematicamente todas as unidades de ensino da capital para o Butantã, o crescimento acelerado do corpo discente obrigou a construção e melhoramentos em todas as escolas. Mais de cinquenta obras, já iniciadas, deverão ser entregues até 1974, quando o número de alunos, de acordo com previsões, atingirá 40 mil.” (Editorial de Sérgio Pini na revista “A Construção de São Paulo”, nº 1265 de abril de 1972, citada em Cabral (2018, p. 481)).

Ao mesmo tempo, conforme apresentado por CONTIER (2015), com a publicação do AI-5 em 1969 e o endurecimento do regime militar, a transferência das unidades para a cidade universitária surge também como uma forma de controle e afastamento dos estudantes do centro da cidade, especialmente após o episódio do atentado na Rua Maria Antônia, que intensifica os conflitos existentes.

No contexto de endurecimento do regime militar, a Cidade Universitária se tornou um equipamento eficaz de isolamento e controle do corpo discente, docente e administrativo, o que foi implementado pela primeira vez com a imediata transformação do departamento de Filosofia após o atentado sofrido na Rua Maria Antônia. Com um número cada vez maior de estudantes provisoriamente alojados nos pavilhões construídos entre 1965 e 1967, e a tendência de massificação anunciada pela reforma universitária, o Fundo buscou acelerar e baratear as obras ainda mais. (CONTIER, 2015, p. 246)

Apesar do aceleração das construções, Cabral (2018) coloca que os edifícios do centro social e os demais edifícios do setor das Humanas que ainda não haviam sido construídos mas que já estavam com projeto executivo entregue ou até fundações prontas, foram abandonados. Neste período, muitos projetos foram entregues à equipe do Fundo de Construção, incluindo o edifício do departamento de Engenharia Civil, projetado pelo arquiteto Mário Rosas Soares em 1967, e que em 1972 já se encontrava na fase final da execução.



Figura 11 - Vista área da CUASO por volta de 1968.

Foto: Acervo SEF. Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

Os projetos dos novos edifícios para a cidade universitária estavam, em 1972, a cargo da equipe do Fundo de Construção, com exceção daqueles relacionados a atividades esportivas, considerados uma especialidade e mantidos com o arquiteto responsável pelas propostas constantes em planos anteriores. **Rompera-se o vínculo com o conjunto de arquitetos do Plano de 1961-1963, em sua maioria professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.** (Cabral, 2018, p. 495, grifo próprio)

4.4 A DÉCADA DE 1970 E A ADOÇÃO EM LARGA ESCALA DO SISTEMA MODULAR EXPANSÍVEL ALEMÃO

Conforme colocado por Cabral (2018), “no ano de 1972 houve uma ruptura quanto à concepção dos edifícios e da ocupação dos espaços no *campi* da USP.” Embora o plano de 1961-1963 tenha avançado bastante ao definir, conforme necessidade indicada no Replanejamento de 1956, quais unidades seriam transferidas para a cidade universitária e respectivos organogramas de cada um dos futuros edifícios, em 1972 ainda faltava muito para concluir sua implementação. Para finalizar a transferência das demais unidades previstas para o campus, foram utilizados em alguns casos instalações temporárias, como barracões, ou partes de outros edifícios que não haviam sido projetados para este uso.

Conseguiu-se transferir várias faculdades isoladas para a cidade universitária, atendendo ao estabelecido poucos anos antes pela Reforma Universitária, mas, para tanto, **foram utilizadas instalações provisórias e até mesmo blocos do conjunto residencial.** Enquanto isso, o crescimento da universidade passava a se dar também em novos campi do interior. (p. 509, grifo próprio)

Diante desse cenário e a partir do estabelecimento de um convênio com o governo alemão, começou a se discutir a adoção de um sistema construtivo modular expansível, utilizado na construção de universidades alemãs naquele período, para realização dos demais edifícios previstos para a cidade universitária. Esse mesmo sistema foi empregado também em outras universidades construídas neste período, como a UFMG e em *campus* da própria USP no interior do estado. Conforme apresentado por Cabral (2018), em 1972 o Fundo de Construção da universidade decide implementar o sistema construtivo em estudo, iniciando pela proposta de projetos adotando o sistema para a construção dos edifícios do setor das Humanas que ainda não haviam sido implementados até então, deixando de lado os projetos executivos já elaborados no Plano de 1961-1963.

Alguns dos **projetos realizados para o Plano de 1961-1963 dentro dos princípios da arquitetura moderna foram substituídos naquela ocasião por outros concebidos nesse sistema modular expansível.** Essa substituição se iniciou pelo setor das Humanas, com projetos cuja concepção não buscou a integração entre os prédios. Se os edifícios de arquitetura moderna não chegaram a ter um eixo de pedestre construído, seus partidos possibilitaram essa conexão entre os prédios com térreos abertos. (Cabral, 2018, p. 563, grifo próprio)

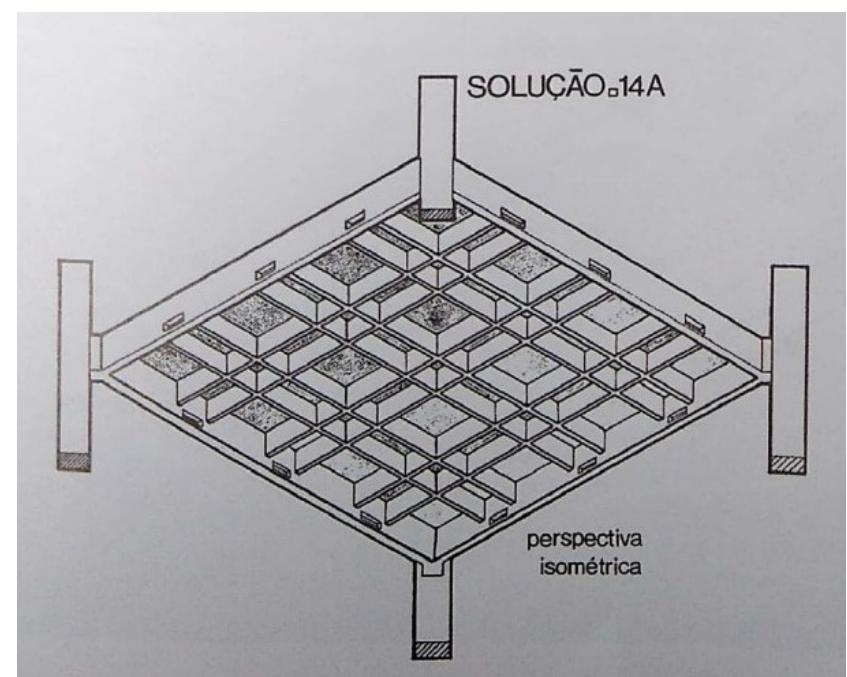


Figura 12 - Perspectiva isométrica da solução estrutural 14-A do sistema construtivo modular expansível utilizado na UFMG na década de 1970.

Fonte: S. de O. Lopes. / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

A partir de 1973, então, o Fundo de Construção e os arquitetos que compunham seu Escritório Técnico começam a realizar estudos e divulgar o sistema modular expansível que seria adotado para dar continuidade à construção dos edifícios previstos para o *campus*. Neste período, é feita uma crítica aos edifícios construídos no Plano de 1961-1963 pelo corpo técnico do FUNDUSP, que colocava como inviável a continuidade de sua implementação. Em entrevista, João Roberto Leme Simões³ - chefe do Departamento de Projetos do Fundo de Construção entre 1969 e 1981 - coloca a necessidade de rompimento com “a filosofia de projetar obras em monobloco, de difícil solução quanto à expansibilidade necessária e requerida pelos vários segmentos do conhecimento da USP” e destaca ainda que os problemas econômicos pelos quais o país passou nos anos anteriores levava a uma necessidade de repensar a forma como estavam acontecendo as obras, colocando que era necessário continuar o planejamento dos edifícios da cidade universitária “visando projetar e construir por partes, sem que o todo fosse mutilado.” (Cabral, 2018, p. 517).

Em entrevista concedida a Neyde Cabral em 2003, Simões⁴, relata que o sistema modular expansível adotado na USP foi desenvolvido dentro do departamento de projetos do Fundo de Construção. Destaca ainda que a aplicação do sistema em alguns

³J.R.L. Simões, op. cit., 1984, p.169-170 apud Cabral, 2018, p.517

⁴J.R.L. Simões, em entrevista concedida a Neyde Cabral em 19/08/2003, relatada em Cabral (2018, p. 517)

edifícios permitiu que, entre 1973 e 1981 - período de crise econômica e aumento da inflação - os edifícios fossem construídos em blocos. Segundo Simões, "com base na estrutura já calculada de um módulo expansível e depois do levantamento do programa do edifício, era decidido quantos módulos seriam construídos, de acordo com a disponibilidade financeira." (Cabral, 2018, p. 517)

O sistema construtivo adotado então pelo Fundo de Construção permitia tanto a expansão vertical - limitada a três pavimentos -, quanto horizontal - para qualquer direção. O edifício do Instituto de Geociências foi um dos primeiros a ser projetado com o sistema. Neste, foi adotado um sistema em grelhas, que se apoavam em aparelhos de neoprene e chapas de aço presente no topo dos pilares. Os pilares eram dispostos nos nós de uma malha quadrada de 9 metros. Conforme exposto por Cabral (2018), o emprego do sistema modular permitia reduzir o prazo de execução destes edifícios: os edifícios do Instituto de Geociências e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, tiveram a primeira etapa de construção concluída já em meados de 1975, enquanto a segunda etapa foi concluída no decorrer de 1977.

Essa metodologia foi aplicada na organização dos projetos para os edifícios do Instituto de Geociências e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas na Capital. A partir daí, passou-se a adotar o procedimento em todos os demais projetos da Universidade de São Paulo, inclusive na elaboração dos planos diretores dos quatro campi da USP então existentes no interior do estado e nos campi das universidades federais de São Carlos e Sergipe. (Cabral, 2018, p. 532)

Dentre os edifícios da CUASO construídos com esse sistema construtivo, além dos já citados Instituto de Geociências e Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, estão também os blocos A, B e C da Escola de Comunicação e Artes, o conjunto didático do Instituto da Física, o edifício do Instituto de Matemática e Estatística, a sede da Superintendência de Assistência Social e o edifício que sediou o Museu de Arte Contemporânea da universidade, dentre outros (Cabral, 2018). As pesquisas, no entanto, foram interrompidas com a troca do reitor em janeiro de 1978 e, com a falta de verba para a construção da universidade a partir deste período, não foram retomadas.

O sistema construtivo modular expansível foi abandonado principalmente em razão do desembolso inicial alto com uma estrutura que deveria ser dimensionada para suportar acréscimos futuros de cargas e por não atender a alguns espaços específicos, como auditórios. Mas havia outros fatores que também podem ser considerados como desvantagens do sistema modular expansível na USP, como sua limitação ao gabarito de três pavimentos, para reduzir a inversão inicial em ferragem na estrutura, diferentemente do modelo alemão, com quatro pavimentos. Assim, para obter a expansão vertical, dever-se-ia começar o edifício na USP com no máximo dois pavimentos, o que levou a um consumo extensivo do terreno. (Cabral, 2018, p. 563)



Figura 13 - Obras de construção da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH)
Foto: Acervo SEF. Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp



Figura 14 - Planta geral da CUASO de 1974, atualizada em data posterior não mencionada.

Foto: Acervo SEF. Reprodução / A Universidade de São Paulo – Modelos e Projetos / Edusp

4.5 CONTEXTUALIZAÇÃO DOS EDIFÍCIOS ESCOLHIDOS PARA OS ESTUDOS DE CASO

Entre os edifícios que compõem a Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira, foram escolhidos para análise os prédios que abrigam cursos de diferentes áreas do conhecimento, em três institutos distintos. Além das diferenças proporcionadas pelas diferentes demandas provenientes dos projetos pedagógicos de cada curso e da cultura de cada instituição, cada edifício foi concebido em um contexto bastante distinto da Cidade Universitária, o que reflete de forma bastante significativa nos projetos arquitetônicos e na disposição dos programas:

- » O edifício Vilanova Artigas, que abriga os cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Design -, foi concebido em 1962, como parte do Corredor das Humanas previsto no Plano de 1961-1963, em um período onde a equipe, composta majoritariamente por arquitetos da escola, tinha como um dos seus princípios a integração e a valorização dos espaços de convivência.
- » O edifício Paula Souza, que abriga os cursos de Engenharia Civil e Engenharia Ambiental, foi concebido em 1967, já durante os primeiros anos de influência do regime militar, com o abandono dos princípios de integração universitária. O projeto foi encomendado no período do “milagre econômico” e, segundo entrevistas concedidas pelo arquiteto Mário Rosa Soares⁵, teve uma disponibilidade abundante de recursos para sua evolução.
- » Os blocos A, B e C da Escola de Comunicação e Artes, que abrigam os departamentos de comunicação do instituto, foram construídos na década de 1970, sendo finalizados em 1976, período em que a adoção do sistema modular expansível alemão foi amplamente adotado, visando a construção ágil dos edifícios e com possibilidade de serem construídos por partes e expandidos conforme demanda.

Por este motivo, para análise dos projetos e dos espaços resultantes da construção dos mesmos, se mostrou essencial compreender o período histórico no qual foram concebidos e executados, elencados de forma breve neste capítulo, antes de prosseguir para a análise dos espaços selecionados em cada uma das escolas, que serão desenvolvidas nos capítulos seguintes.

⁵ Entrevista concedida durante o período de elaboração do trabalho de mestrado do Prof. Dr. Marcelo Romero, entre 1987 e 1989, que visava a aplicação de Avaliação Pós-Ocupação no edifício Paula Souza, cujos resultados foram comentados em ORNSTEIN (1992).

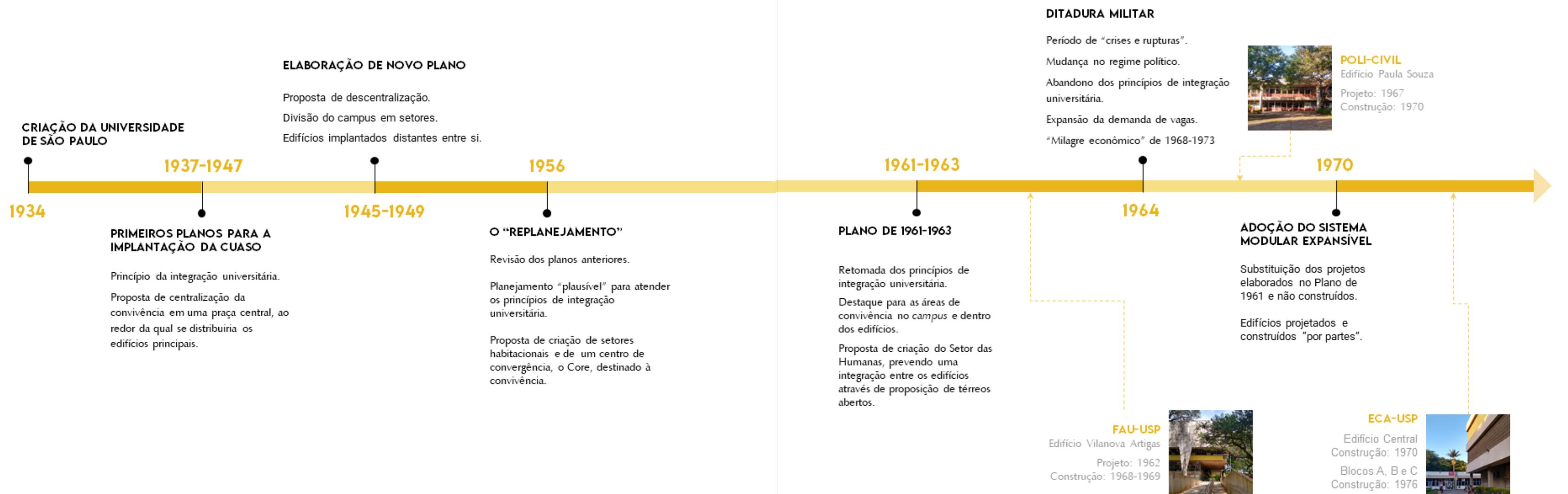


Figura 15 - Linha do tempo com identificação dos edifícios analisados no contexto de criação da Universidade de São Paulo
Foto: Autoria Própria, com base em dados apresentados em Cabral (2018)

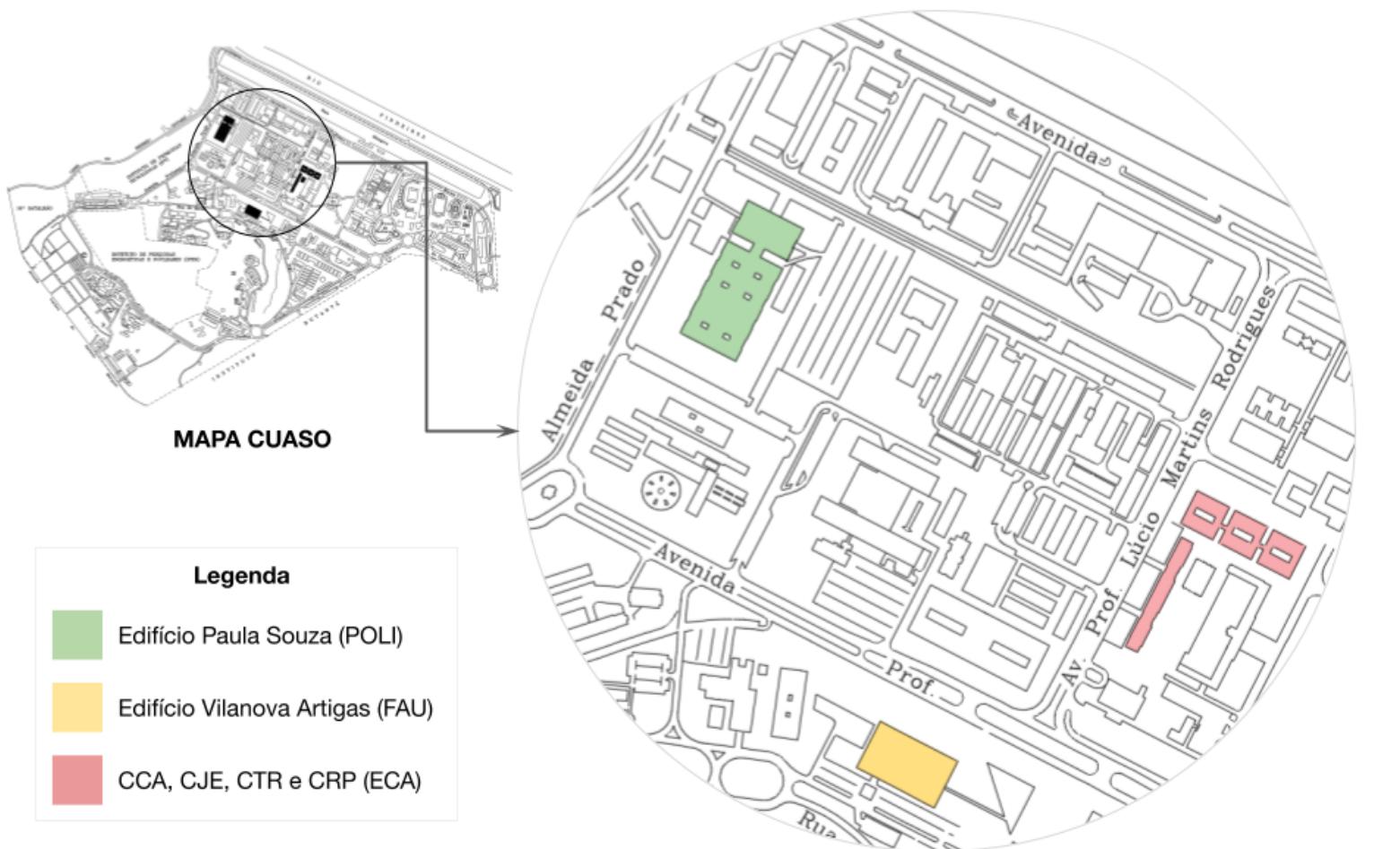


Figura 16 - Identificação dos edifícios em análise na Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira.

Fonte: Adaptação realizada sobre Mapa Digital da CUASO, disponibilizada pelo CESAD-USP.

Universidade de São Paulo, FUNDUSP, 1993.

CAPÍTULO 5

Diretrizes de Análise

5.1. LEVANTAMENTO HISTÓRICO

O levantamento histórico dos edifícios foi realizado de diferentes formas: através de pesquisas no acervo da Universidade a respeito da história da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira; em levantamentos realizados em conversas com professores que frequentam o edifício desde a década de 1970; em materiais elaborados pelos próprios institutos para divulgação da sua história; e também em consulta a teses de mestrado e de livre-docência que envolveram a Avaliação Pós-Ocupação de algum destes edifícios em outros períodos de uso.

Para o prédio Vilanova Artigas, da FAU USP, foram consultados dois docentes que vivenciaram o edifício desde seus primeiros anos e que participaram da elaboração de materiais importantes para o entendimento da sua história: o Plano Diretor Participativo elaborado em 2011, que trouxe uma visão a respeito da percepção dos usuários sobre cada espaço do edifício naquele período, além de resgatar um histórico dos usos do mesmo ao longo dos anos; e a tese de livre docência da Profa. Dra. Sheila Ornstein, cujo trabalho inclui uma Avaliação Pós-Ocupação aplicada no edifício na década de 1990.

Para o edifício Paula Souza foi consultado um docente, que leciona no edifício desde 1973 e que acompanhou boa parte das suas transformações, sendo inclusive síndico do mesmo em alguns períodos. Além disso, foi consultada a tese de mestrado do Prof. Dr. Marcelo Romero, cujo tema é a aplicação de uma Avaliação Pós-Ocupação no edifício também no início da década de 1990. A consulta a este trabalho trouxe informações importantes a respeito da configuração dos espaços internos que existiam naquele período e da avaliação dos usuários a respeito dos espaços de convivência disponíveis até então.



Edifício Vilanova Artigas.
Foto: autoria própria.
Novembro de 2022.

Já para os blocos A, B e C da Escola de Comunicação e Artes, parte importante da pesquisa surgiu por consulta a relatos e trabalhos desenvolvidos pelos próprios estudantes dos edifícios, que o vivenciaram em diferentes períodos, e que acompanharam de perto muitos dos processos de transformação que serão aqui apresentados. Além disso, o material apresentado pela própria escola no evento de comemoração dos seus 50 anos trouxe informações e registros fotográficos interessantes. Muitos relatos também foram encontrados em publicações como o Jornal da USP e no site da empresa júnior de Jornalismo da escola.

5.2. ANÁLISE DA DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA NO PROJETO ARQUITETÔNICO ATUAL

Em um primeiro momento, para entender a organização dos espaços construídos analisados, foi necessário olhar para a estrutura curricular dos cursos de graduação que estes edifícios abrigam, entendendo fatores chaves que influenciam diretamente na dinâmica de ocupação: quais os cursos são lecionados nesses ambientes, qual o tamanho das turmas, o período das aulas - se majoritariamente integral, diurno ou noturno -, e se há sobreposição de diferentes cursos utilizando os mesmos espaços simultaneamente.

Para análise do projeto arquitetônico, foram utilizadas as plantas disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico (SEF), que continham a versão mais atualizada da disposição interna dos ambientes que compõem os edifícios e respectivos usos. A partir das plantas, foi possível analisar a distribuição do programa nos espaços dos edifícios estudados, comparando o representado com a situação real existente, cruzando os dados representados com o observado em visitas e em relatos de discentes obtidas no decorrer do desenvolvimento deste trabalho.

5.3 APLICAÇÃO DE MÉTODOS DE AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO

5.3.1 Conversa com grupos focais

Ao longo dos meses de junho a outubro, foram realizadas conversas com grupos focais composto por estudantes de diferentes cursos de cada instituto analisado. O objetivo das conversas realizadas foi entender a rotina dos usuários de cada edifício e a forma como costumam utilizar os espaços construídos da Cidade Universitária. Foi elaborado um roteiro de perguntas base para guiar a conversa, apresentado na Tabela 5, elencando pontos principais a serem questionados, mas sempre deixando os participantes livres para responder conforme gostariam, sem apresentar alternativas, e dando espaço para comentários adicionais. Para garantir o anonimato e privacidade dos estudantes que se dispuseram a participar das conversas, os nomes não serão identificados.

Tabela 3 - Roteiro para conversas com pessoas-chaves, usuários cada edifício

DADOS GERAIS	
1	Nome
2	Curso de graduação
3	Período de estudo (matutino, vespertino, noturno, integral)
4	Ano de ingresso
5	Período atual (semestres)
ROTINA	
6	Como costuma ser sua rotina de aulas? As grades são cheias ou tem dias/horários livres?
7	Costuma ir para a universidade todos os dias?
8	Tem períodos mais intensos (como semana de provas, de entregas) onde costuma permanecer mais nos prédios?
9	No momento, só estuda ou também trabalha/estagia?
10	Se também trabalha/estagia, o faz desde qual período do curso?
11	Costuma utilizar os edifícios da universidade fora do período das suas aulas?
12	Quais edifícios da CUASO frequentou durante o curso? <ul style="list-style-type: none"> a) Para obrigatorias do próprio curso b) Em matérias optativas
ESPAÇOS COMUNS DE ESTUDO	
	Em grupo
13	No seu curso, costuma ter trabalhos em equipe?
14	Se sim, costumam se reunir presencialmente para discussões e elaboração dos trabalhos?
15	Quais espaços utilizam nestas ocasiões? Sente que o espaço é adequado às necessidades dos grupos? <ul style="list-style-type: none"> a) Há espaço e infraestrutura suficiente para atender à demanda? Os locais costumam lotar ou são pouco utilizados? b) A dimensão do mobiliário é suficiente para acomodar os grupos confortavelmente? c) A disposição dos móveis e a localização do espaço favorecem a interação entre os membros? d) Há outras atividades que ocorrem no ambiente ou próximo a ele, que interferem nas reuniões?
16	
	Individuais
17	Utiliza algum espaço do prédio para estudos individuais?
18	Se sim, por que prefere os locais citados para estudos?
19	Sente que estar neste espaço contribui para a execução das atividades?
20	Sente que estar neste espaço contribui para a execução das atividades?

| Continua |

Tabela 3 - continuação

PESQUISA E EXTENSÃO	
21	Participa ou já participou de algum grupo estudantil dentro da universidade? Ex: atlética, empresas júnior, etc.
22	Participa ou já participou de algum grupo de pesquisa/extensão?
23	Se sim, costumavam se reunir no prédio para conversas sobre o trabalho desenvolvido ou realização de seminários/reuniões de grupo?
24	Quais espaços utilizavam?
25	Como eram essas reuniões?
ESPAÇOS DE DESCOMPRESSÃO	
26	Costuma ter intervalos entre as aulas?
27	Nos momentos de intervalo ou de espera pelo início da aula marcada, em que espaços costuma ficar?
28	Quais espaços procura quando precisa de um descanso entre as aulas? Por que?
29	O que esses espaços possuem que te atraem para momentos descanso ou de descontração?
30	Sente que há espaços suficientes/adequados no seu prédio para estes momentos?
APROPRIAÇÃO/IDENTIDADE	
31	No seu curso, é comum a exposição de trabalhos produzidos pelos estudantes nos espaços do edifício?
32	Existe algum ambiente no edifício onde há intervenções dos estudantes no espaço? (desenhos, grafites, etc.)
PERGUNTAS FINAIS	
33	Sente falta de espaço adequado para exercer alguma das atividades citadas ou outras que gostaria de desenvolver?
34	Gostaria de comentar mais algo sobre os edifícios que frequenta?

Fonte: Elaboração própria

Foram contatados alunos que ingressaram na graduação em diferentes períodos, com o objetivo de ouvir usuários de cada um dos edifícios analisados, priorizando estudantes que vivenciaram os espaços por pelo menos um ano de forma presencial.

Tabela 4 - Registro de conversas realizadas

INSTITUTO	EDIFÍCIO	ALUNO		CURSO	PERÍODO	PERÍODO DE USO DO EDIFÍCIO
ECA	CJE - Departamento de Jornalismo e Editoração	1	J.P.	Jornalismo	Noturno	2015-2020
		2	C.S.	Editoração	Matutino	2019-atual
		3	L.B.			2018-atual
		4	G.K.			2044-2009
	CRP - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo	5	J.P.	Relações Públicas	Matutino	2020-atual
		6	V.A.	Publicidade e Propaganda	Matutino	2019-atual
		7	C.C.	Turismo	Noturno	2016-2020
	CTR - Departamento de Cinema, Rádio e Televisão	8	A.U.	Audiovisual	Integral	2017-atual
	CCA - Departamento Central	9	H.Z.	Educomunicação	Noturno	2019-atual
		10	N.O.	Biblioteconomia	Matutino	2019-atual
FAU	Edifício Vilanova Artigas	11	G.B.	Arquitetura e Urbanismo	Integral	2015-2020
		12	M.R.			2016-atual
		13	B.V.	Design	Noturno	2016-2021
EP-CIVIL	Edifício Paula Souza	14	L.N.	Eng. Civil	Integral	2019-atual
		15	A.H.			2017-atual
		16	J.V.	Eng. Ambiental	Integral	2013-2020

Fonte: elaboração própria

5.3.2 VISITAS

Durante o primeiro e o segundo semestre de elaboração do trabalho, foram realizadas visitas aos edifícios estudados, em diferentes períodos de uso. Algumas das visitas foram acompanhadas por estudantes dos próprios edifícios e de diferentes cursos. As visitas, somadas aos relatos dos próprios estudantes, permitiram realizar observações a respeito da dinâmica de usos dos espaços e dos principais fluxos presentes. As análises foram registradas através de fotografias e de anotações realizadas nas plantas dos projetos arquitetônicos.

5.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E INDICAÇÃO DE RECOMENDAÇÕES

Para a elaboração do diagnóstico, buscou-se cruzar as informações levantadas em cada etapa do estudo, estabelecendo relações e identificando pontos fortes e pontos frágeis presentes em cada edifício analisado. As análises foram realizadas conforme os três princípios-chaves apresentados no Capítulo 3: “diversidade de usos”, “conexão com o entorno”, e “apropriação e identidade”. Os diagnósticos permitiram estabelecer recomendações para cada caso, além de possibilitar a identificação de recomendações gerais que aparecem como elementos importantes de análise que se mostraram relevantes para todos os edifícios, e que deveriam ser levados em conta na elaboração de projetos futuros com uso semelhante.

CAPÍTULO 6

Escola de Comunicação e Artes

6.1 IMPLANTAÇÃO E RECORTE ANALISADO

A Escola de Comunicação e Artes está localizada na Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, próximo ao prédio da Reitoria. Possui uma distribuição distinta, sendo composta por um conjunto de prédios que abrigam os diferentes departamentos: o edifício Central, os blocos A (atual CJE), B (atual CRP) e C (atual CTR), e os edifícios que constituem o conjunto das Artes.

O edifício Central da Escola de Comunicação e Artes (CCA) foi construído em 1970 para abrigar os cursos oferecidos pela escola. Só entre 1976 e 1977 foram construídos os três blocos ao lado do edifício Central, subdividindo os cursos entre os novos prédios: o Bloco A, que hoje abriga o Departamento de Editoração e Jornalismo (CJE); Bloco B, que abriga o Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP); e o bloco C, que abriga o Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR). Enquanto o edifício central está disposto de forma paralela à avenida de acesso, a Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, os blocos de comunicação estão dispostos lado a lado de forma perpendicular à Avenida, se estendendo do ponto de acesso do edifício central até a Rua da Reitoria (Figura 17).

Além destes há também o conjunto das Artes, que não será abordado nesta pesquisa. O recorte foi necessário visto que as instalações deste setor são muito distintas dos blocos de comunicação, com programas mais específicos conforme as demandas de cada curso, o que dificultaria a análise adequada dentro do período previsto para elaboração deste trabalho. Ademais, os prédios dos departamentos de artes existentes se distinguem dos outros pelo período histórico em que foram planejados: os edifícios só foram construídos na década de 90, e não possuem uma comunicação direta com o conjunto composto pelo edifício central e os blocos dos departamentos de comunicação. Não há, também, uma integração entre os cursos dos dois setores, como acontece entre os cursos de comunicação - onde é comum, por exemplo, alunos terem na grade curricular algumas disciplinas obrigatórias em que as aulas são ministradas nos edifícios de outros departamentos.



Edifício Central e Bloco A da Escola de Comunicação e Artes.
Foto: Autoria própria.
Novembro de 2022.



Figura 17 - Identificação dos edifícios analisados na Escola de Comunicação e Artes.
Fonte: Adaptação realizada sobre Planta do Conjunto da ECA, disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

Apesar de estarem próximos, a disposição dos edifícios da Escola de Comunicação e Artes (Figura 17), projetados e construídos em períodos distintos, criou elementos que influenciaram na integração dos usuários e que levaram ao surgimento de alguns pontos de conflito. Entre o CCA e os blocos do CJE, CRP e CTR há uma área livre que funciona como uma praça, apelidada pelos alunos de “prainha”. Neste espaço também está localizado o edifício que hoje abriga a área de vivência estudantil. A proximidade entre os blocos dos departamentos de comunicação - construídos em 1976 - e o Edifício da Reitoria - construído entre 1951 e 1961 - chama atenção. A relação entre os setores da administração da universidade instalados neste edifício e os discentes que frequentam diariamente a prainha tem sido elemento de inúmeros conflitos, agravados principalmente desde 2013, e que serão abordados mais adiante.

6.2. O PROJETO E O PROGRAMA

» Os cursos

Diferente das demais escolas analisadas, a maior parte dos cursos oferecidos no setor de Comunicação da Escola de Comunicação e Artes são de meio período, com aulas matutinas ou noturnas, sendo apenas o curso de Audiovisual lecionado em período Integral. Embora o conjunto de edifícios aqui analisados abrigue um número de cursos maior que os demais escolhidos para os estudos de caso, as turmas dos cursos de comunicação são menores, contendo no geral cerca de 20 a 30 alunos.

Tabela 5 - Cursos de graduação oferecidos em cada um dos departamentos de comunicação da Escola de Comunicação e Artes

INSTITUTO	EDIFÍCIO	CURSOS	PERÍODO	TAMANHO DAS TURMAS [ALUNOS]
ECA	CJE - Departamento de Jornalismo e Editoração	Jornalismo	Matutino	30
		Noturno	30	
		Editoração	Matutino	15
	CRP - Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo	Relações Públicas	Matutino	20
		Noturno	30	
		Publicidade e Propaganda	Matutino	20
		Noturno	30	
		Turismo	Noturno	30

|Continua|

Tabela 5 - continuação

INSTITUTO	EDIFÍCIO	CURSOS	PERÍODO	TAMANHO DAS TURMAS [ALUNOS]
ECA	CTR - Departamento de Cinema, Rádio e Televisão	Audiovisual	Integral	35
		Educomunicação	Noturno	30
	CCA - Departamento Central	Matutino	20	
		Biblioteconomia	Noturno	20
Total				310

Fonte: elaboração própria, com base em dados divulgados no site da ECA USP.

» O projeto

Os prédios dos blocos A, B e C são parte do grande número de edifícios do campus construídos na década de 1970 utilizando o sistema modular expansível alemão, conforme apresentado no Capítulo 4.4. Ambos os edifícios possuem uma estrutura em grelha, que se apoia sobre pilares dispostos em uma malha de 9 m x 9 m. Assim como no sistema alemão, os pilares mais externos são dispostos afastados da vedação da fachada do edifício. Nos blocos A, B e C, esse afastamento é de aproximadamente 50 cm. As divisões internas também seguem a modulação, com dimensões múltiplas de 90 cm. Os três blocos estão dispostos alinhados uns aos outros, e a distância entre cada edifício é também equivalente a um módulo da estrutura, ou seja, 9 metros.

Na parte central do edifício tanto do CJE quanto do CRP há uma área descoberta correspondente a 3 módulos, utilizada como um jardim. Os blocos possuem plantas bastante similares, de um único pavimento, quadradas, com 45 metros de extensão em ambas as direções - o equivalente a 5 módulos 9 m x 9 m. As salas de aulas, salas de professores e laboratórios se distribuem ao longo do perímetro da face externa do edifício ou do pátio central, criando entre eles um corredor de 2,55 m que percorre todo o edifício e dá acesso a ambos ambientes.

Já o prédio do CTR, diferente dos citados anteriormente, possui dois pavimentos. A estrutura no entanto segue a mesma modulação dos demais, com uma malha de 9m x 9m, também com 5 módulos de comprimento em ambas as direções. No interior do bloco, há também um vazio com área correspondente a 4 módulos, como no CJE e no CRP. A disposição interna das salas e laboratórios também seguem a modulação da estrutura, com ambientes voltados para o exterior e outros voltados ao vazio central, criando entre eles um corredor de 2,34 metros de largura.

O edifício Central possui três pavimentos e, diferente dos blocos de comunicação, possui um formato laminar, com aproximadamente 154 metros de comprimento em sentido paralelo à Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, e 16,70 metros na outra dimensão. As salas são dispostas no perímetro das duas maiores fachadas do edifício, formando um corredor interno que varia de 2,30 m a 2,70 m, dependendo do pavimento.

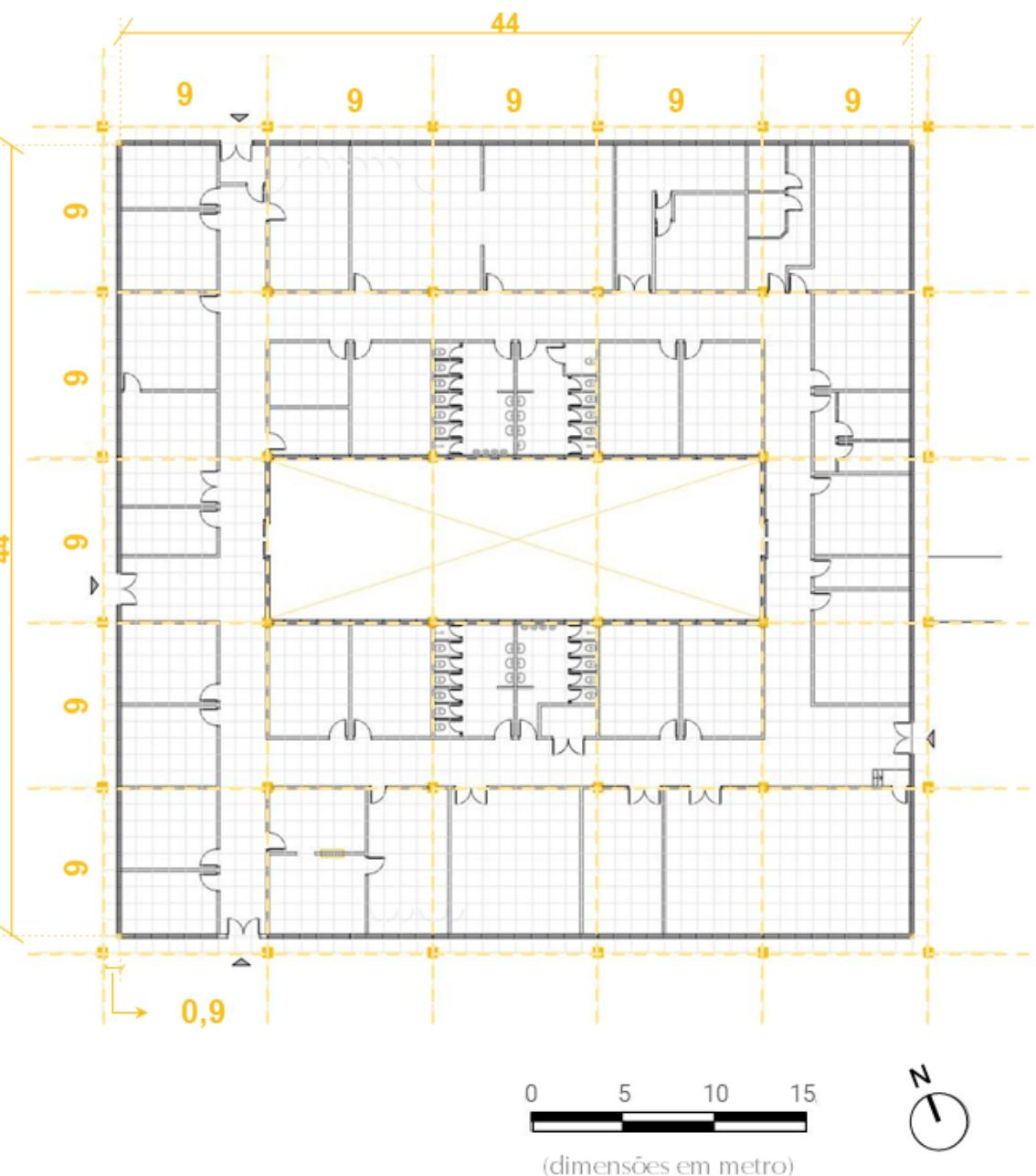


Figura 18 - Planta do Bloco A, com destaque para a malha estrutural

Fonte: Adaptação realizada sobre Planta do Conjunto da ECA, disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

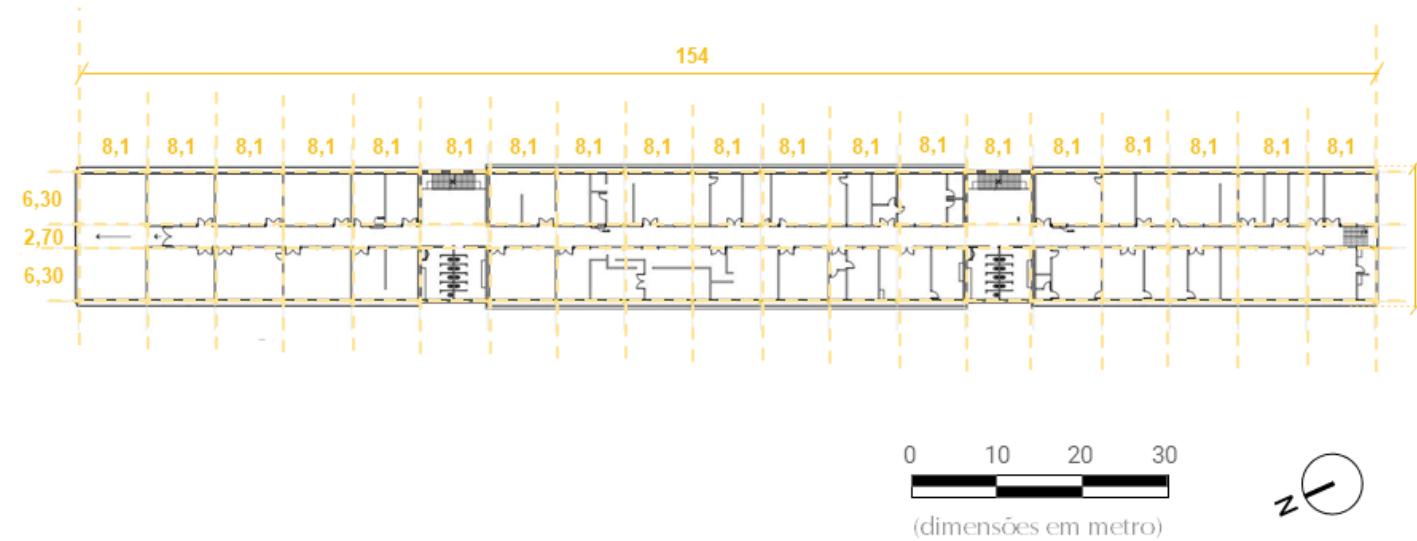


Figura 19 - Planta do 1º Pavimento do CCA, com destaque para a malha estrutural

Fonte: Anotação realizada sobre a planta do projeto arquitetônico disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

» Diversidade de Usos

Os cursos oferecidos no CJE, departamento de Editoração e Jornalismo, possuem uma grande quantidade de aulas práticas e, por isso, se percebe que os laboratórios ocupam tanto espaço da planta quanto as salas de aulas. Além disso, há nos blocos A e B espaços de laboratórios de produção gráfica que são utilizados pelas empresas júnior existentes nos departamentos de comunicação.

Em conversa com os estudantes foi relatado que, por terem cursos em meio período, é muito comum a participação dos alunos em grupos de extensão, empresas júnior e outros grupos estudantis como atlética e bateria. Atualmente, só nos departamentos de comunicação, há diversas empresas júnior: a ECA Jr, o Jornalismo Júnior, a Com Arte - ligada ao curso de editoração -, a Rosa dos Ventos - ligada ao curso de turismo, e o Projeto Redigir - cursinho popular organizado pelos alunos da escola.

No bloco C (CTR), a área ocupada por espaços dedicados à produção e aulas práticas é ainda mais expressiva. O pavimento térreo é composto principalmente por áreas administrativas e de apoio, e por áreas de práticas e laboratórios. Já o pavimento superior possui algumas salas de aula, sendo ocupado também majoritariamente por espaços destinados a aulas práticas e salas de professores.



Figura 20 - Análise da distribuição do programa nos espaços dos edifícios analisados na ECA-USP.

Fonte: Anotações de autoria própria, realizadas sobre plantas dos edifícios disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico na Universidade de São Paulo

Nos três blocos de comunicação, não há dentro do edifício grandes espaços reservados para socialização e descanso. Tanto no bloco A (CJE) quanto no bloco B (CTR) há um jardim interno, com alguns mobiliários voltados a este fim (Figura 21). No entanto, conforme relatado pelos estudantes, o mobiliário é desconfortável e os espaços acabam sendo pouco utilizados. Além disso, também se observou que é comum as portas estarem fechadas, restringindo o acesso aos jardins. No bloco C (CTR) há um ambiente de vivência, localizado no segundo pavimento, mas com dimensões muito reduzidas quando comparadas à totalidade do edifício.

No Bloco A (CJE), duas das entradas de acesso ao prédio permanecem fechadas, para controle de acesso. Em frente a uma dessas entradas, que dava acesso ao bloco pela Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, foi posicionada uma mesa com bancos (Figura 22). Essa mesa acaba sendo utilizada pontualmente para conversas durante o intervalo ou para discussões rápidas de trabalhos em grupo.

Em ambos os blocos, há ao longo dos corredores de acesso às salas alguns bancos de madeira utilizados pontualmente em horários próximos ao início das aulas (Figura 24). Foi observado que, nesses momentos onde há maior movimentação dentro dos edifícios, os usuários se concentram nos poucos bancos existentes ou se encostam nas paredes próximas às salas, visto que não há dentro dos blocos outros espaços para este momento de espera. Apesar de terem 2,5m de largura - o suficiente para comportar confortavelmente a circulação de pessoas -, a concentração de outras atividades neste mesmo espaço dos corredores faz com que o fluxo nos corredores fique comprometido, gerando conflitos.

Já o edifício Central abriga a biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, que ocupa a maior parte do pavimento térreo. Os andares superiores são ocupados por espaços administrativos e de apoio, sala de professores e laboratórios. No último pavimento há seis salas de aulas, que são usadas pelos cursos de educomunicação, biblioteconomia e em algumas aulas de disciplinas do primeiro ano de graduação dos cursos de comunicação. Há também salas de aulas de acesso mais restrito, dedicadas exclusivamente à pós-graduação.

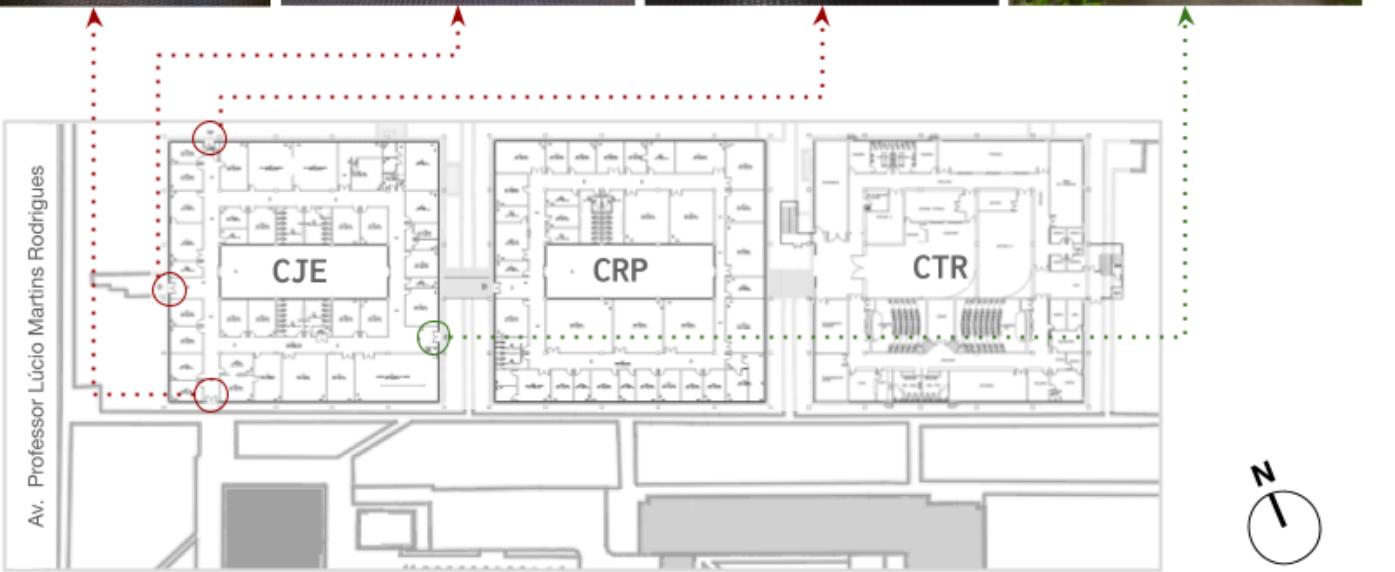
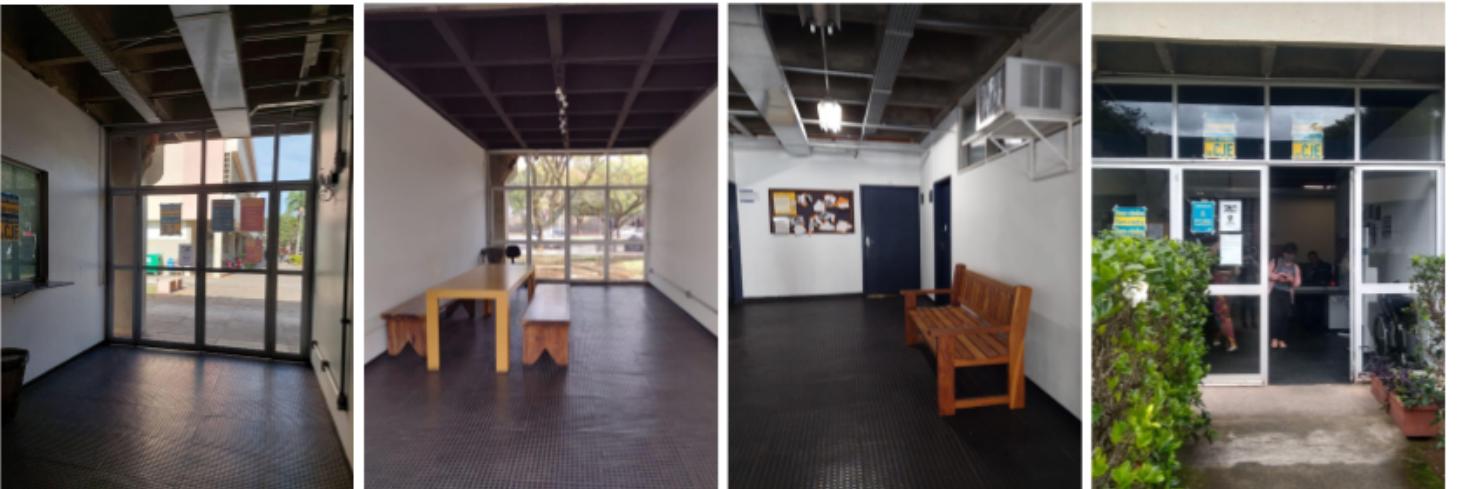
Neste contexto, os espaços que ganham importância central nos momentos de convivência dos estudantes dos departamentos de comunicação da escola são as áreas livres presentes entre os edifícios e o prédio da reitoria - a prainha. Essa área central assume protagonismo nos momentos de socialização e descanso dos estudantes, visto que os edifícios dos departamentos não comportam tais atividades. A prainha abriga espaços importantes para os grupos estudantis como o galpão da Vivência Vladimir Herzog - onde se encontra a cantina, as salas da atlética e do centro acadêmico - e o espaço apelidado de "canil", onde há eventos culturais e exposições de arte organizada pelos alunos. Nos momentos de intervalo entre as aulas, é neste local que os estudantes que conversei relataram ficar, principalmente nos arredores da cantina. A área livre em frente à vivência também é ponto de encontro em momentos de eventos como rodas de conversa, assembleias, protestos, e aulas abertas. É também na prainha que acontecem os *happy hours*, como a famosa "Quinta I Breja (QiB)".

Jardins internos



Figura 21 - Jardins internos dos blocos A e B da Escola de Comunicação e Artes.
Fotos: Autoria própria. Julho de 2022.

Acessos



Implantação

Figura 22 - Acessos do bloco A da Escola de Comunicação e Artes.

Fotos: Autoria própria. Julho de 2022.

Acessos

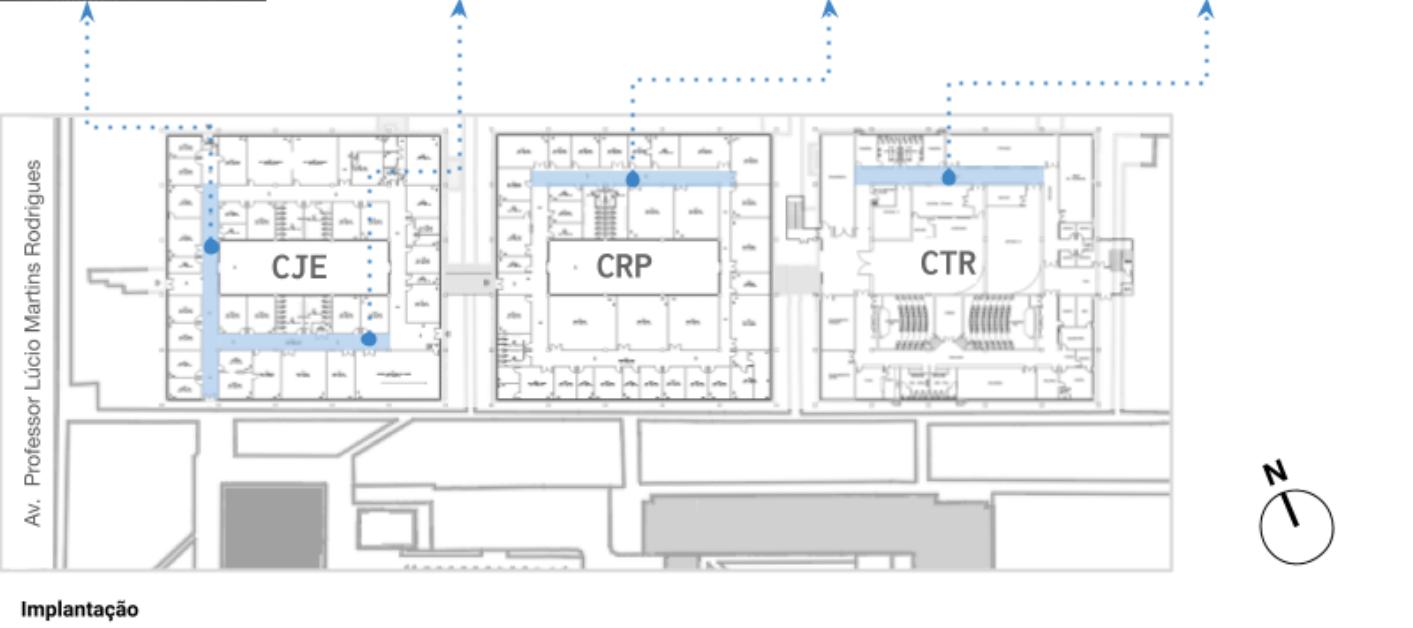


Implantação

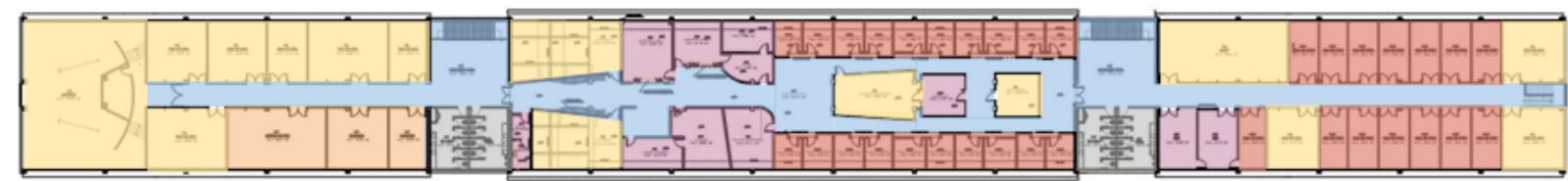
Figura 23 - Acessos do bloco B e C da Escola de Comunicação e Artes.

Fotos: Autoria própria. Julho de 2022.

Circulação interna



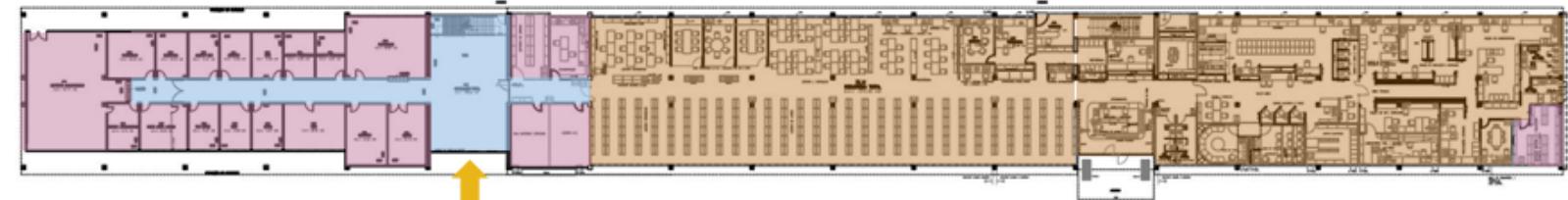
Figuras 24 - Corredores internos dos blocos A, B e C da Escola de Comunicação e Artes.
Fotos: Autoria própria. Julho de 2022.



CCA - Planta 2º Pavimento.



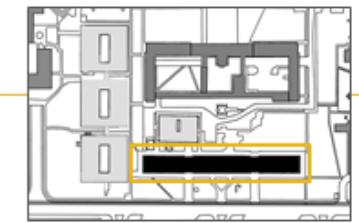
CCA - Planta 1º Pavimento.



CCA - Planta Térreo

LEGENDA

Aulas	Sala professores	Biblioteca	Circulação
Laboratório	Administrativo e apoio	Área livre	Estudos em grupo

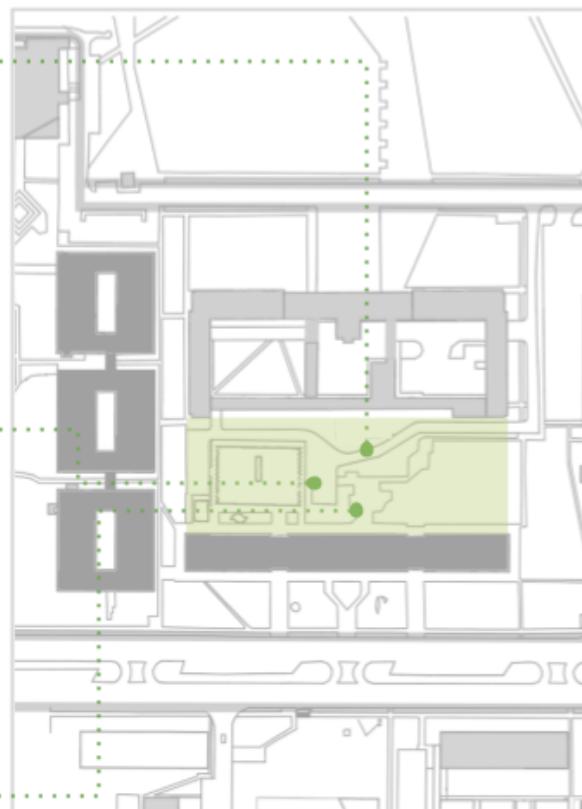


Implantação

Figura 25 - Plantas do Edifício Central (CCA) da Escola de Comunicação e Artes da USP.

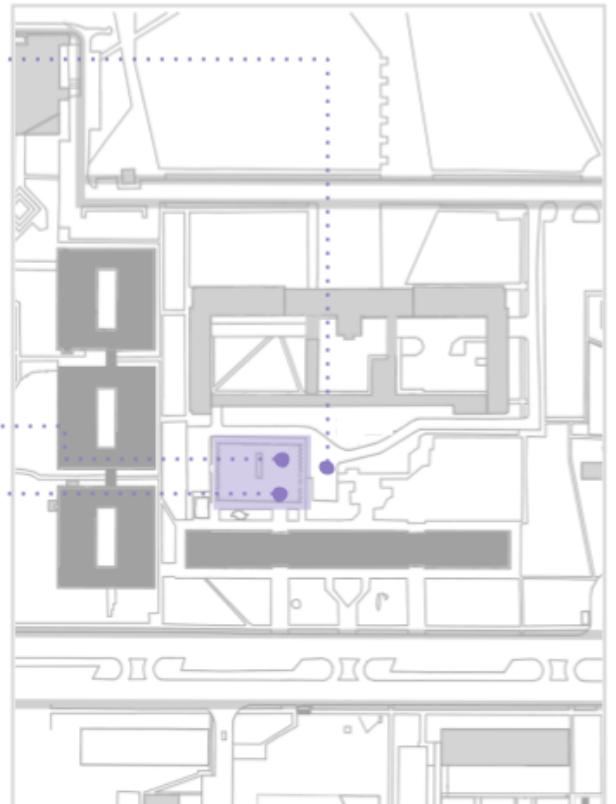
Fonte: Anotações de autoria própria, realizadas sobre plantas dos edifícios disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

Prainha



Figuras 26 - Área livre presente entre os blocos da Escola de Comunicações e Artes.
Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.

Vivência



Figuras 27 - Vivência da Escola de Comunicação e Artes.
Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.

» Conexão com o entorno

Nos últimos anos, ocorreram várias mudanças que impactaram os fluxos existentes entre os blocos da Escola de Comunicação e Artes, dificultando o acesso aos edifícios e comprometendo a integração entre eles. O bloco A (CJE) possui, no projeto, três acessos distintos - um que conecta diretamente à Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, outro que conecta ao corredor de acesso do edifício Central (CCA), e um terceiro localizado próximo ao acesso do Bloco B (CRP) (Figura 28). Nos últimos anos, com as restrições determinadas durante momentos críticos da pandemia de Covid-19, dois acessos foram fechados e o prédio passou a ser acessado apenas pela entrada próxima ao Bloco B. Os estudantes do CJE relataram grande descontentamento com esta mudança, visto que para entrar no edifício, agora, é necessário antes dar a volta em boa parte do bloco, eliminando a conexão direta com a Avenida - de onde provém boa parte dos fluxos e onde está localizado o ponto de ônibus mais próximo.

No entanto, outra mudança de maiores proporções já havia afetado os fluxos existentes na escola desde 2016, com a instalação de grades cercando todo o perímetro da prainha. A instalação das grades foi e ainda é, até hoje, um dos maiores conflitos existentes neste espaço. Segundo reportagem publicada pelo Jornal do Campus⁶, as grades foram colocadas em dezembro de 2016, próximo aos feriados de fim de ano, quando os edifícios já se encontravam esvaziados devido aos recessos e férias escolares. A reitoria alegou que a instalação era necessária por motivos de segurança. Porém, havia também naquele período conflitos emergentes com o Sindicato de Trabalhadores da USP (SINTUSP), que ocupava uma parte do galpão da Vivência há 50 anos, e cuja liminar de reintegração de posse⁷ indicando a desocupação havia sido publicada naquele mesmo mês. Declarações da diretoria da Escola de Comunicação e Artes neste período colaram que "a instalação das grades foi uma deliberação unilateral da Reitoria da USP, sem nenhuma participação da ECA", conforme entrevista concedida pela então diretora Brasilina Passarelli ao Jornal do Campus. Tal fato também ocorreu pouco tempo depois da reforma do edifício da Reitoria e da remodelação do entorno do prédio.

Desde então, o acesso à prainha é feito somente pela entrada do edifício Central (CCA), sendo necessário mostrar a carteirinha de identificação de estudante, e com entrada limitada até horário determinado pela direção - atualmente, às 21h30. A restrição de acesso também é utilizada como uma forma de tentar barrar as festas estudantis que ocorrem no espaço, como a QiB (Quinta I Breja) - evento que também é um ponto de conflito entre a direção e os grupos estudantis. No entanto, a restrição imposta pelas grades causa transtornos no cotidiano de todos os usuários que frequentam o espaço, visto que impede a conexão direta que existia anteriormente entre os blocos dos departamentos e a prainha. Esse acesso é de grande importância pois, conforme já citado anteriormente, o espaço é central para momentos de convivência dos usuários de todos os blocos - ponto acentuado inclusive por abrigar a única cantina existente na escola atualmente.

⁶ TIEMI, Carolina. Espaços da ECA são cercados em ação da reitoria. Jornal do Campus, 2016. Disponível em: <<http://www.jornal-docampus.usp.br/index.php/2016/12/espacos-da-eca-sao-cercados-em-acao-da-reitoria/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

⁷ PAIXÃO, Mayara. Sem diálogo, Reitoria da USP cerca sede do Sindicato dos Trabalhadores com grades. Brasil de Fato, 2017. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/01/05/sem-dialogo-reitoria-da-usp-cerca-sede-do-sindicato-dos-trabalhadores-com-grades/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.



Figura 28 - Análise dos fluxos presentes entre os blocos A, B, C e no acesso à "prainha" e à vivência da Escola de Comunicação e Artes.

Fonte: Anotações sobre projeto disponibilizado pela Superintendência do Espaço Físico (SEF).

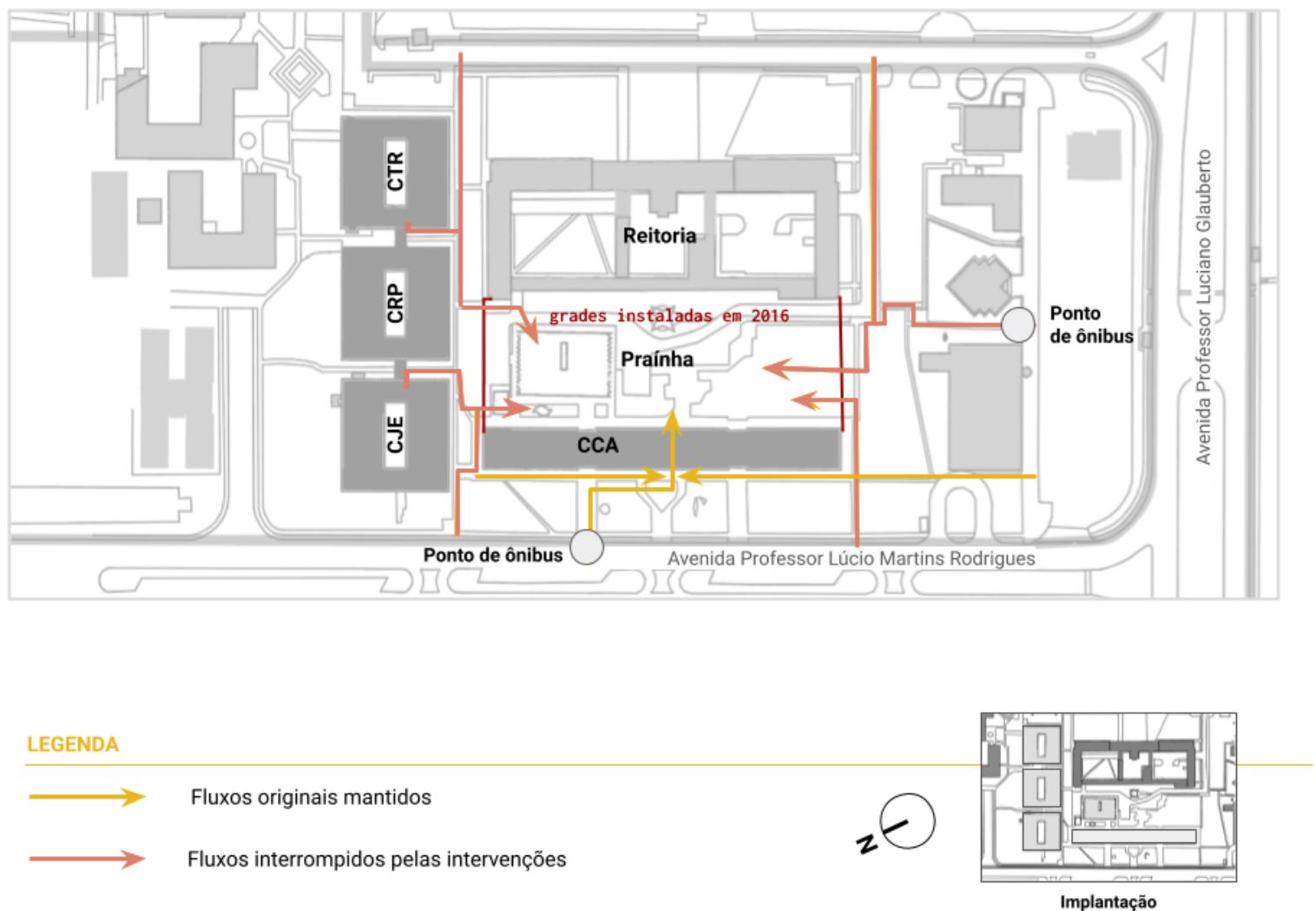


Figura 29 - Análise dos fluxos externos para acesso à “prainha” e à vivência da Escola de Comunicação e Artes.

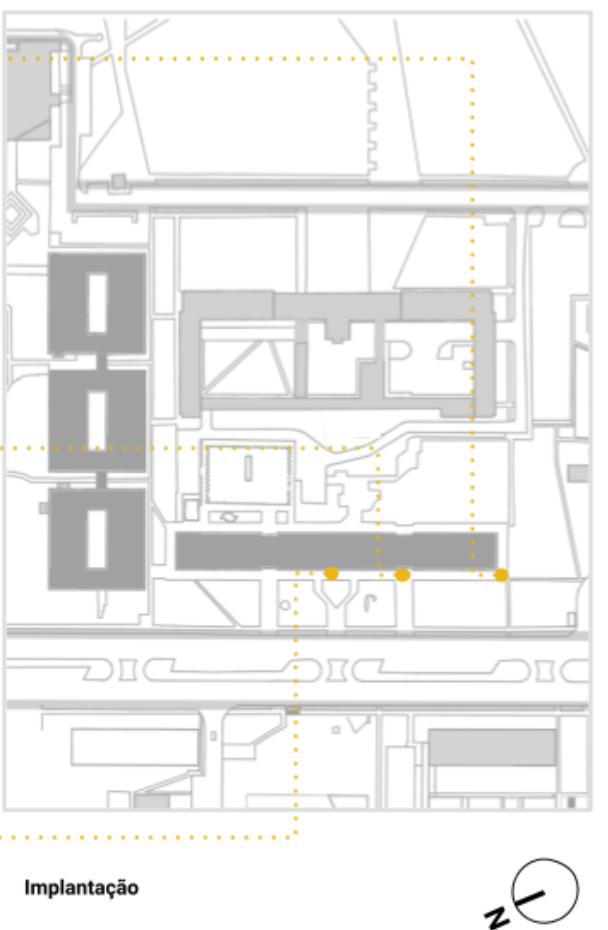
Fonte: Anotações sobre projeto disponibilizado pela Superintendência do Espaço Físico (SEF).

Fluxo Acesso ECA



Figuras 30 - Acesso aos blocos da Escola de Comunicação e Artes.

Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.



Fluxo Acesso ECA



Figuras 31 - Acesso aos blocos da Escola de Comunicação e Artes.
Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.

Fluxo Acesso ECA



Figuras 32 - Acesso aos blocos da Escola de Comunicação e Artes.
Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.

Antes da instalação das grades, a prainha também costumava atrair estudantes de diferentes institutos para momentos de encontro e descompressão. Até o início de 2017, estavam instalados diversos trailers no espaço entre a Vivência e os blocos do departamento de comunicação. Assim, era comum que usuários de outros edifícios se dirigissem até lá para refeições. Com a instalação das grades e com a iniciativa da reitoria de organizar e regulamentar a distribuição de alimentos na Cidade Universitária, os trailers foram removidos ou migraram para outros pontos da CUASO. Com essa mudança, o único ponto para refeições dentro da escola se tornou a cantina, que também foi afetada pela instalação das grades e interferência nos fluxos. Segundo entrevista dada pela proprietária do restaurante para o Jornal do Campus⁸, junto ao movimento de fechamento da prainha e remoção do SINTUSP, houve também uma tentativa de remoção da cantina, que não se viabilizou pela comprovação de regularidade nos contratos de locação realizados entre a empresa e o Centro Acadêmico Lupe Cotrim (CALC), responsável pela gestão do espaço. No entanto, a restrição de acesso afetou o movimento, que segundo a proprietária chegou a provocar redução no faturamento de 30 a 40% nos primeiros meses.

» Apropriação e Identidade

Na Escola de Comunicação e Artes, conforme observações realizadas em visitas e por relatos dos alunos, é muito comum a exposição de trabalhos realizados em disciplinas da escola em espaços comuns dos edifícios. No CJE, os corredores possuem vitrines onde estão dispostos livros elaborados no curso de Editoração que foram publicados (Figura 33). Há também uma tradição de se expor os trabalhos realizados na disciplina de fotografia lecionada na escola, que permanecem nos corredores de acesso por todo o ano, até que a turma seguinte elabore outros trabalhos. No edifício Central, na área próxima ao acesso da biblioteca, também é comum a exposição de trabalhos gráficos elaborados por estudantes (Figura 35). Desta forma, os espaços de circulação estão sempre marcados pela exposição de trabalhos acadêmicos e das empresas júnior.

Mas é na prainha que se encontram as manifestações artísticas mais espontâneas, não ligadas à grade curricular dos cursos. O galpão que hoje abriga a Vivência é marcado, tanto interno quanto externamente, por grafites de diferentes períodos, diferentes autores, e remetendo a diferentes assuntos (Figura 36). Conforme relatos, durante a semana de recepção dos calouros, há a tradição de pintar as paredes internas da Vivência de branco, e entregar tintas para que os novos estudantes façam suas intervenções no espaço, da forma como quiserem, colorindo novamente o ambiente (Figura 37).

A área da vivência é, portanto, bastante simbólica para a expressão e identidade dos alunos. Conforme material divulgado na comemoração de 50 anos da Escola de Comunicação e Artes, a Vivência ocupa o espaço em que se encontra atualmente desde 2001. Antes deste período, conforme relatos⁹, o espaço era utilizado por um restaurante a quilo e os alunos ocupavam apenas o espaço de vivência presente no Bloco C (CTR).

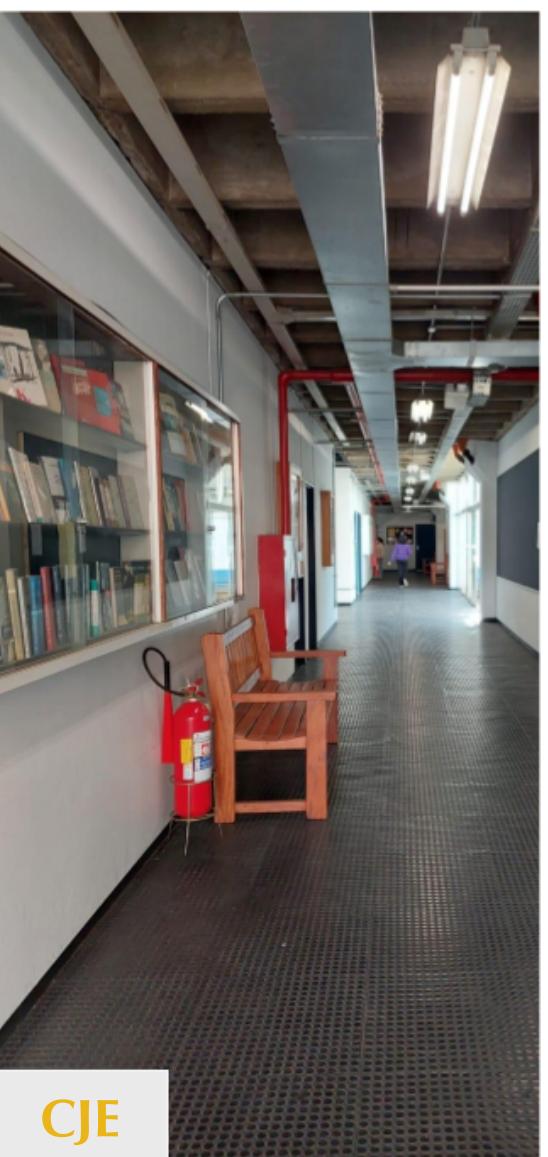
⁸ MARINS, Carolina. Grades ameaçam sobrevivência de lanchonete. Jornal do Campus, 2017. Disponível em: <<http://www.jornaldo-campus.usp.br/index.php/2017/03/grades-ameacam-sobrevida-de-lanchonete/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

⁹ Espaço de vivência: o que queremos. Publicação no Jornal Jeca, 2001. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/memorias/pt-br/content/novo-espaco-de-vivencia>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

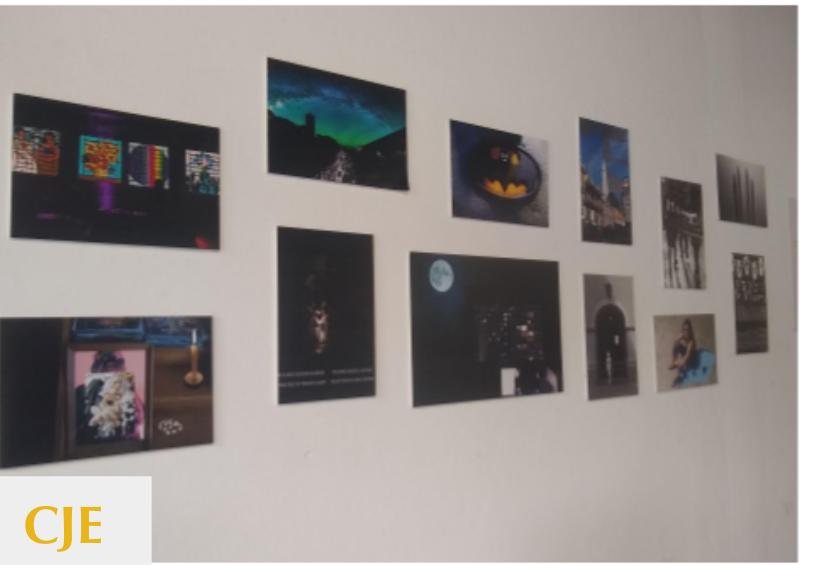
Exposição de trabalhos



CJE



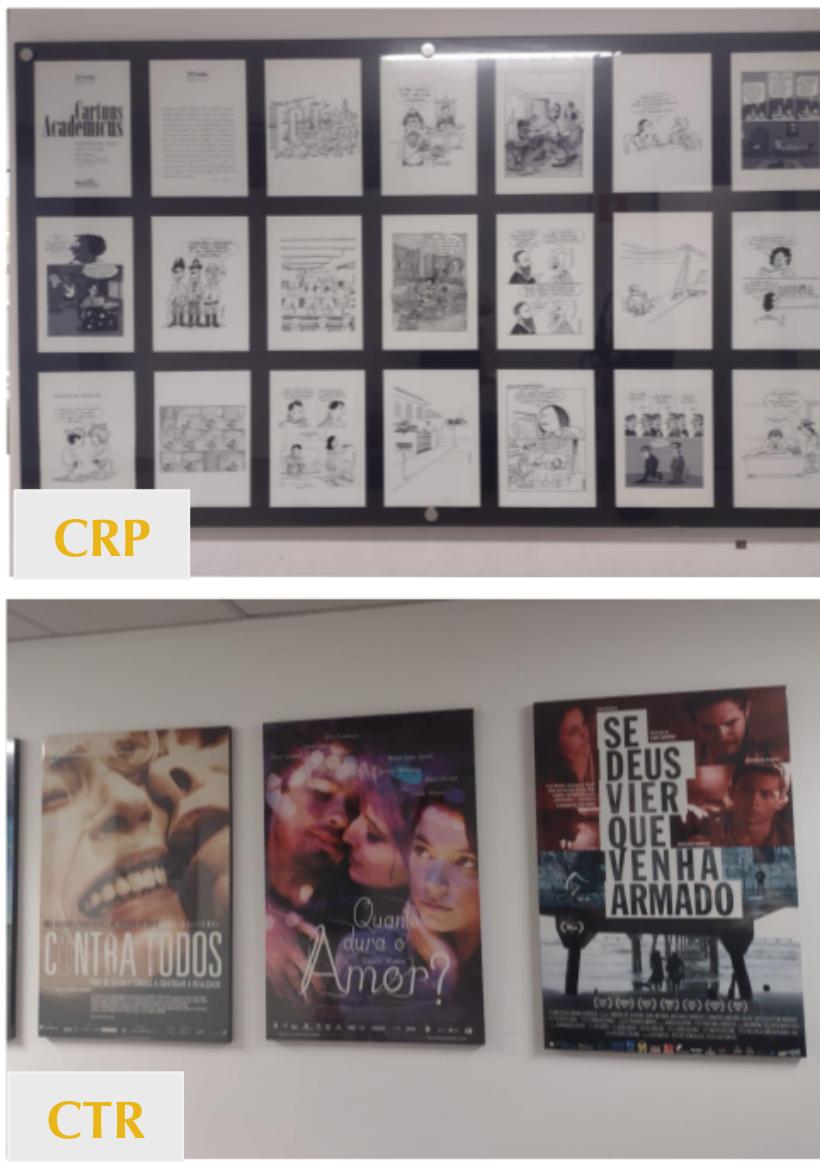
CJE



CJE

Figuras 33 - Exposição de trabalhos nos corredores do Bloco A (CJE).
Foto: Autoria própria. Outubro de 2022.

Exposição de trabalhos



Figuras 34 - Exposição de trabalhos nos corredores dos Blocos B (CRP) e C (CTR).

Foto: Autoria própria. Outubro de 2022.

CCA - Exposição de trabalhos

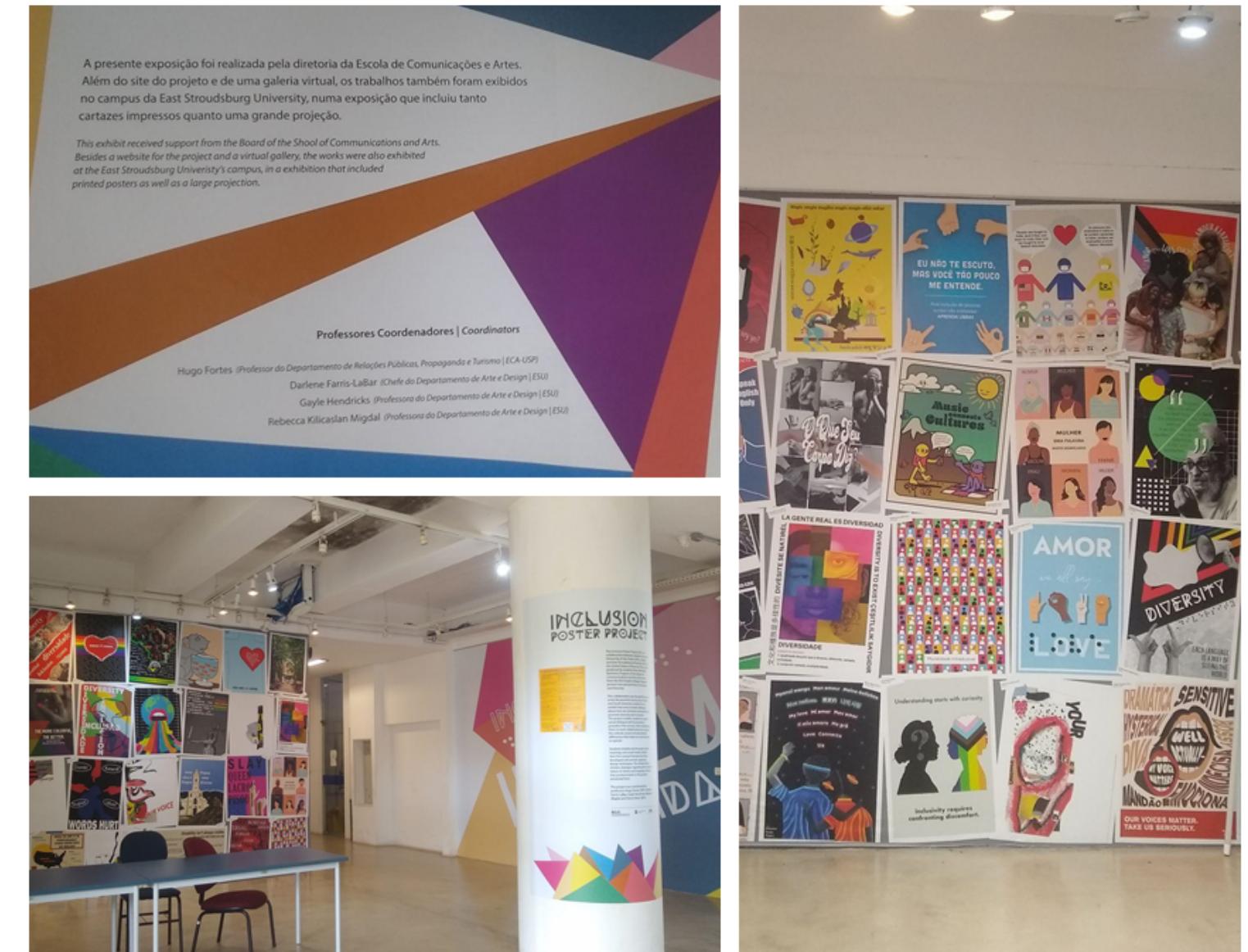
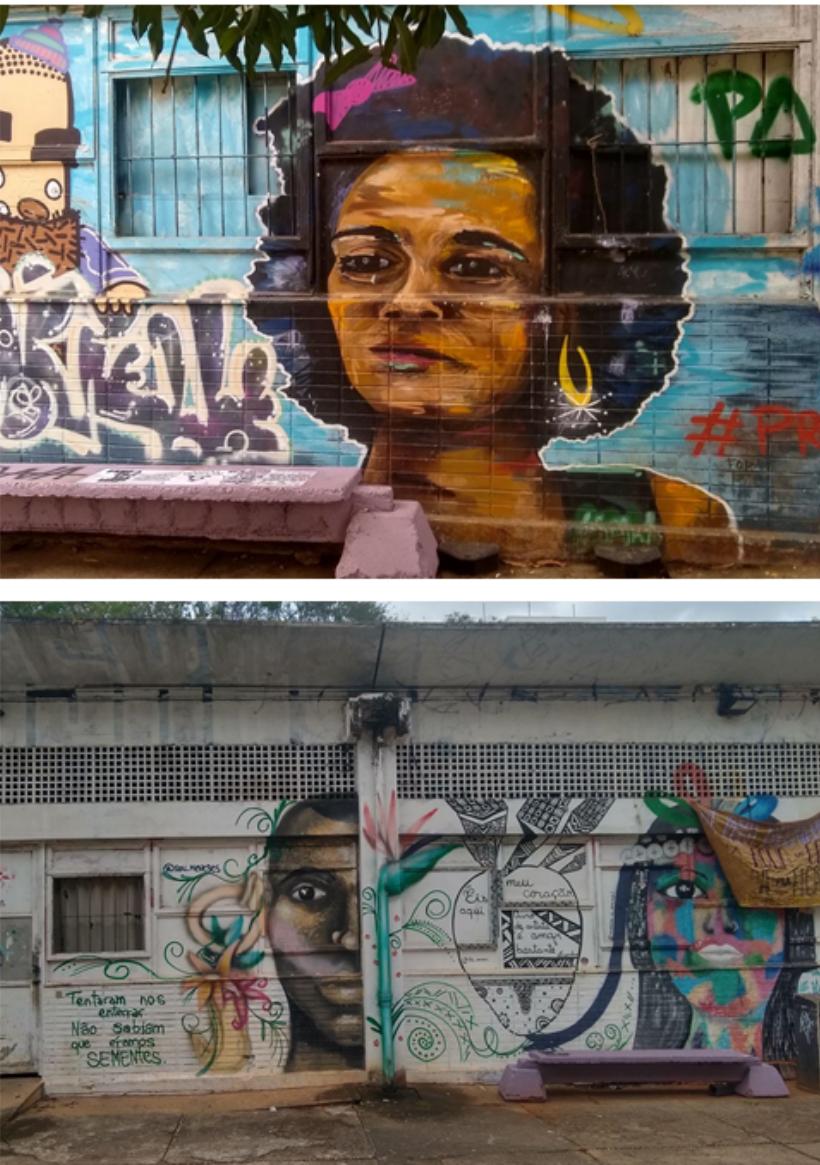


Figura 35 - Exposição de trabalhos no saguão de entrada do edifício central (CCA).

Foto: Autoria própria. Outubro de 2022.

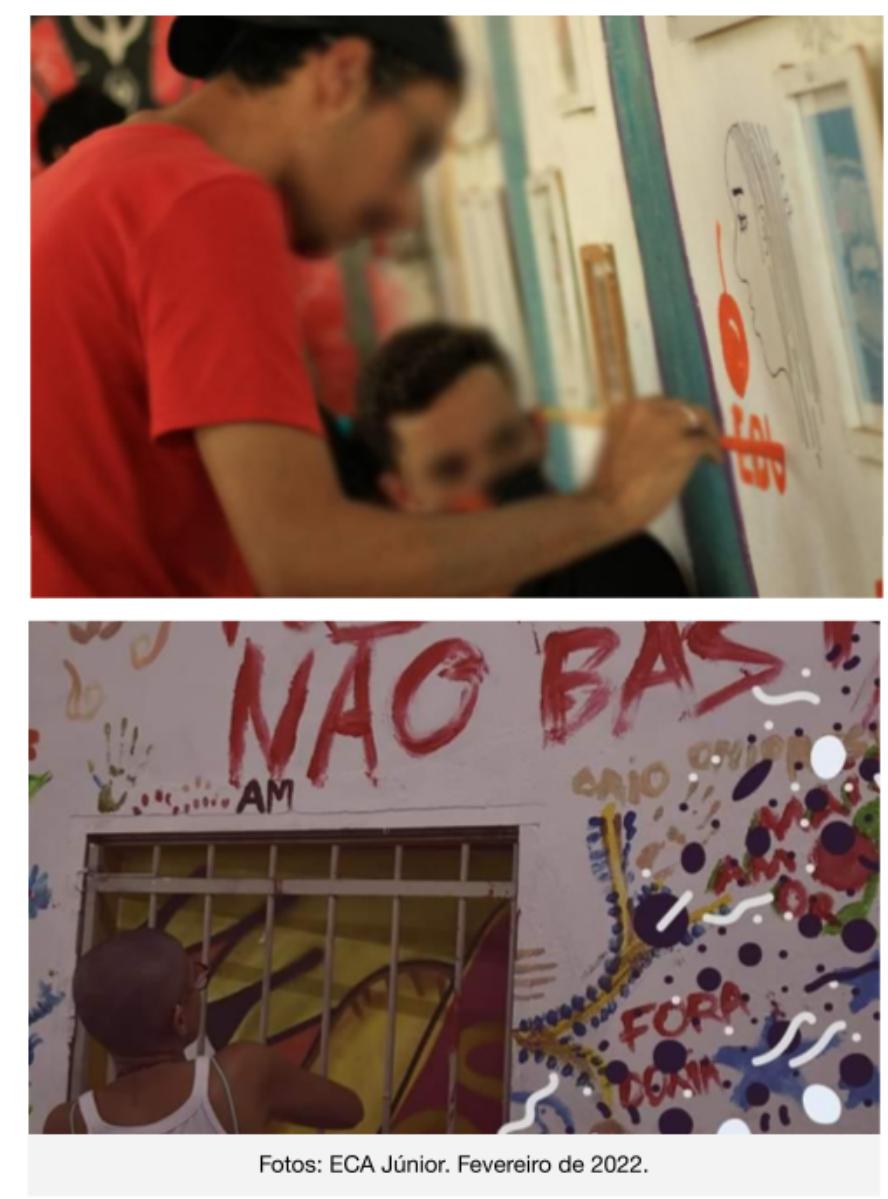
Vivência - Área externa



Figuras 36 - Grafites existentes na área externa do galpão da Vivência da Escola de Comunicação e Artes.

Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.

Vivência - Área interna



Fotos: ECA Júnior. Fevereiro de 2022.

Figuras 37 - Pintura das paredes internas da Vivência realizadas durante a semana de recepção dos calouros.



Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.

Inauguração da Vivência

Espaço de vivência: o que queremos

LUIZ PERES (ECAATLÉTICA)
WAGNER SHIMABUKURO (CALC)

Vocês já devem ter ouvido falar que o centro acadêmico e a atlética da ECA estão se mudando para aquele prédio que fica de frente para a prainha, apelidado de "Vegê". Mas o que isso pode trazer de novo?

Bem... muitas coisas. Mas, antes de qualquer coisa, vamos relembrar um pouco a história da ECA. Antigamente, muito antigamente, nos idos de 60 e 70, quando Jair Borin, Luís Milanesi, Waldir Ferreira, Miriam Rejowisk, Tupá e outros mais eram apenas alunos - isso exclui WC, afinal, nessa época ele ainda não tinha migrado para cá - não existia um espaço de vivência como o de hoje. As paredes da ECA contam que havia apenas uma sala no prédio principal para o CA e que, a vivência... bem naquela época a vivência dos alunos era no todo chamada "Escola de Comunicações e Artes".

Durante os anos 70, o CA ganhou o espaço que todos nós conhecemos, no bloco C. E por lá nos instalamos. Velo depois do Carlão, com o Xerox, a D. Ermínia com seus quitutes e, mais recentemente, a AAA Ecatlética.

Bem, a história e a polêmica sobre a mudança para o "Vegê" todos nós já conhecemos, mas será que você sabe o porquê do nome "Vegê"?

Até o começo do ano passado, funcionava no prédio onde construímos a nossa nova casa um restaurante por quilo que, reza a lenda eanca, oferecia as suas iguarias a um precinho bem camarada, um "verdadeiro golpe" e, como não havia nenhuma placa indicando o nome do restaurante, as inicias dessa expressão passaram a indicar o nome do mesmo.

Novos Tempos
É chegado o momento de mudarmos. "Vegê", afi vamos nós.

O CALC e a Ecatlética ficam no espaço que chamamos de vivência dos alunos. Esse local é um ponto de referência aos ecanos, além de ser aquele lugar em que podemos praticar os nossos famosos esportes indoor (pebolim, futebol de botão,

Domingo, 19/8: dia de muito trabalho para o CALC e a Ecatlética: após a novela do espaço de vivência, os alunos finalizam as novas instalações, no antigo "Vegê".

Fotos / Marina Gonzalez



truco, futebol indoor), bater um papo, comermos alguma coisa, ou, tirar um cochilo nos sofás.

Mas ele poderia ser muito mais, aliás, deveria ser. O nosso espaço na ECA não é muito valorizado, não são todas as pessoas que o frequentam e algumas nem sabem onde fica. Para outras, ele é apenas um prédio que tem uma lanchonete e uma xerox. Por essas razões, devemos encarar a nossa mudança como um reconhecimento, como o início de uma nova relação com a nossa vivência.

Vivência dos alunos
O nosso espaço aqui na ECA deve ser de todos, cuidado por todos e aproveitado por todos. Pode parecer um pouco batido, mas é essa a idéia. Só poderemos conhecer e conviver com colegas de outros cursos, se todos frequentarmos esse espaço; e assim, teremos a chance de discutir muitas coisas sob vários ângulos diferentes; também poderemos beber, comer, jogar, cantar, enfim, fazer o que quisermos juntos, desde que respeitemos os nossos colegas. E, também, preservemos o patrimônio que é nosso.

Mesmo sabendo que muitos pensam assim, não vemos muitas apresentações de dança, teatro e música na vivência, ou exposições de trabalhos feitos por alunos. O que seria muito bom pra nós, pois teríamos um espaço democrático pra mostrarmos aquilo que fazemos, e de quebra valorizarmos o espaço dos alunos.

Como recomendar
Mas para que isso ocorra precisamos mudar a nossa forma de nos relacionarmos com a vivência. Devemos entender a nossa condição de responsáveis pelo espaço e ajudar na sua construção, porque assim poderemos criar uma cultura de participação e de troca de idéias.

Também é fundamental que freqüentemos a nossa nova vivência, ela é um pouco maior que a antiga e, por praticamente incorporar a prainha, ela possui um grande espaço a ser ocupado.

O primeiro passo para recomendar a nossa relação com a vivência, talvez seja pensarmos como ela deve ser, onde faremos as Festecas, os jogos indoor, quais serão os nossos novos projetos, como faremos pra organizar apresentações e exposições, e muitas outras coisas. O melhor recomendo é querermos participar!!!

Figura 38 - Matéria do jornal Jeca anunciando a mudança do espaço de vivência, em 2001.

Disponível em: Projeto Memórias da ECA/USP: 50 anos.

Uma publicação dos estudantes de Jornalismo de 2001 (Figura 38) comemorava a mudança, reforçando a importância de uma espaço de convivência maior e mais acessível a todos os alunos da escola. A matéria destacava a importância de se ter um espaço de apropriação estudantil, fazendo um chamado para que todos os estudantes participassem da construção deste ambiente, com iniciativas voltadas à exposição de trabalhos, organização de eventos e discussão de novos projetos. Ao mesmo tempo, colocava todos os discentes como responsáveis pelos cuidados com o edifício.

A ocupação deste espaço pelos grupos estudantis, no entanto, é também ponto de conflito na escola já há alguns anos. Matérias publicadas pelo Jornal do Júnior em 2013¹⁰, período em que ocorria a reforma da Reitoria, já alertavam sobre uma possível tentativa de remoção da vivência, com boatos de que havia o intuito de incorporar o espaço ao estacionamento da Reitoria, o que não aconteceu naquele período. O boato, no entanto, causou preocupação nos grupos estudantis, que buscaram meios de ocupar a área mesmo no período de férias, promovendo atividades diversas e reuniões. A apreensão se justificava também pelo processo ainda recente até então de demolição de outro espaço na prainha ocupado pelos estudantes, em dezembro de 2012: o CANIL.

Conforme histórico publicado pelo Jornalismo Júnior, o espaço do CANIL - uma construção circular, com cobertura em formato que se assemelhava a uma estrela de quatro pontas, localizado logo atrás do prédio da Reitoria (Figura 39) - foi construído inicialmente para ser uma casa de máquinas. Depois de um tempo, virou um canil - o que deu o nome ao local. Um dos ex-alunos com quem conversei relatou que no início dos anos 2000, quando ainda era estudante, realmente havia cachorros presos no local, o que gerava grandes reclamações devido ao barulho e ao mau cheiro. Não se sabe ao certo porque foi atribuído este uso ao espaço. Mas depois de alguns anos e com as constantes reclamações, o local foi abandonado. Em maio de 2006, os estudantes resolveram se apropriar do espaço.

Conforme publicação no Jornal do Campus¹¹, "o apoderamento do local surgiu no mesmo momento em que outros espaços estudantis eram fechados ou proibidos pela reitoria; e por isso, a área tornou-se um importante centro de encontro entre os alunos". O espaço então passou a ser utilizado para realização de eventos diversos organizados pelos estudantes como saraus, apresentações de dança, de teatro, de grupos musicais, e também como local para reuniões dos grupos estudantis. A organização que se instalou no local daria nome ao grupo estudantil ainda existente, denominado "CANIL_Espaço Fluxos de Cultura".

Relatos publicados em matéria do Jornalismo Júnior¹², contam que em 2010 houve uma primeira tentativa, por parte da reitoria, de demolir o espaço. A demolição não

¹⁰ Especial: Vivência da ECA/USP. Jornalismo Júnior, 2013. Disponível em <<http://jornalismojunior.com.br/especial-vivencia-da-eca-usp/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

¹¹ PULICE, Carolina. Especial ECA 50 anos – CANIL_ completa 10 anos de intervenções. Jornal do Campus, 2016. Disponível em <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2016/04/especial-eca-50-anos-canil_completa-10-anos-de-intervencoes/>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

¹² <http://jornalismojunior.com.br/especial-vivencia-da-eca-usp/>

se concretizou devido à intermediação da direção da Escola de Comunicação e Artes com a reitoria, solicitando a manutenção da edificação. A matéria publicada também alega que, em 2011, a Congregação da escola teria criado um documento reconhecendo que a propriedade do espaço seria dos estudantes. No entanto, em dezembro de 2012, após o fim de uma greve estudantil, também em período de férias e esvaziamento da escola, a estrutura foi demolida pela reitoria - sem aviso e sem comunicação com os estudantes que utilizavam o local. Com o objetivo de remeter à memória do espaço demolido, os estudantes criaram uma geodésica, com a mesma dimensão em planta - 10 metros de diâmetro -, construída também na prainha em 2013, e que recebe hoje o mesmo nome do antigo espaço. O espaço da geodésica é usado também em eventos e apresentações dos alunos.

O histórico de conflitos envolvendo as áreas de convivência da escola hoje se reflete também na discussão a respeito de um projeto de reforma do espaço da Vivência, proposto pela direção em 2017, e que ainda se encontra em andamento. Apelidado de "CRIATECA", o projeto teria sido discutido entre a direção, chefes de cada departamento, docentes e representante do Conselho Acadêmico, em contato com a Superintendência do Espaço Físico da universidade (SEF), conforme publicações realizadas em plataforma digital da própria escola¹³. O processo, no entanto, foi marcado por forte resistência das entidades estudantis em relação ao novo projeto proposto. A principal reclamação dos grupos estudantis é de que o projeto teria sido elaborado sem consulta às entidades e aos alunos que usam o espaço, contrariando o discurso da própria direção a respeito do processo.

¹³ Congregação aprova projeto CRIATECA. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em <<https://www3.eca.usp.br/noticias/congrega-o-aprova-projeto-criateca>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

¹⁴ Reforma da vivência desagrada estudantes da ECA. Jornal do Campus, 2019. Disponível em: <<http://www.jornaldo-campus.usp.br/index.php/2019/06/reforma-da-vivencia-desagrada-estudantes-da-eca/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

O projeto de reforma proposto (Figuras 40 e 41) prevê a requalificação do espaço, reintegrando a área ocupada anteriormente pelo SINTUSP, que hoje se encontra vazia. Conforme entrevista concedida ao Jornal do Campus¹⁴ em 2019, o diretor da unidade coloca que o objetivo do projeto, além de promover intervenções necessárias na edificação que se encontra bastante deteriorada, é suprir demandas do instituto que poderiam beneficiar também os próprios alunos - como a criação de áreas de estudo comum, de novos laboratórios, de salas para os diferentes grupos de extensão e empresas júnior, além de reservar salas para as entidades que já ocupam o espaço, como o Centro Acadêmico Lupe Cotrim (CALC), e a ECAtletica. O projeto também reserva uma área para um restaurante, propondo a criação de uma nova cobertura em frente ao acesso principal, com disposição de mobiliário para refeições. Além disso, outro ponto bastante enfatizado pelo diretor é a proposição de uma área de auditório, que segundo ele é uma demanda da escola para realização de eventos de médio porte, sendo que hoje não existe espaço adequado para realização dos mesmos em nenhum dos blocos existentes.

Canil

Estrutura original do Canil em 2006



Fonte: Foto de autoria de Paulo Fávero, publicada no Jornal do Campus.

Estrutura geodésica construída em 2013



Fonte: Centro Acadêmico CA Lupe Cotrim - CALC. 28 de maio de 2019.



Fonte: Centro Acadêmico CA Lupe Cotrim - CALC



Fonte: Centro Acadêmico CA Lupe Cotrim - CALC. 28 de maio de 2019.

Figura 39 - Histórico do CANIL na Escola de Comunicações e Artes.

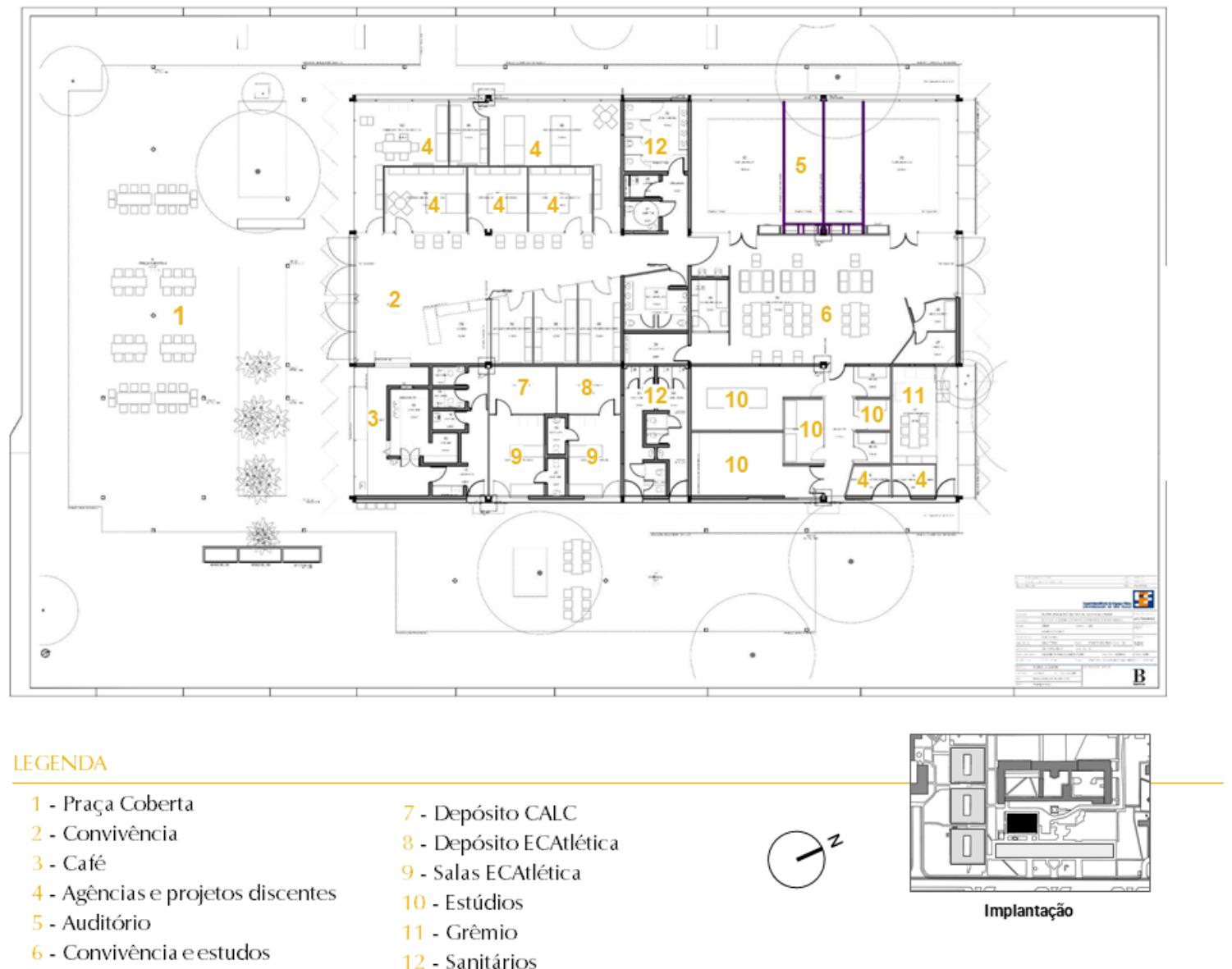


Figura 40 - Projeto CRIATECA.

Fonte: Elaborado por JB Arquitetos / Reprodução em matéria publicada no Jornal do Campus.

Criateca



Figura 41 - Imagens ilustrativas de proposta para a CRIATECA.

Fonte: Elaborado por JB Arquitetos / Reprodução em matéria publicada no Jornal do Campus.

Manifestações estudantis



Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.



Fotos: Centro Acadêmico Lupe Cotrim. Setembro de 2022.

Figura 42 - Grafites e posters existentes na área externa do galpão da Vivência da Escola de Comunicação e Artes e nos corredores do Edifício Central (CCA).



Fotos: Autoria própria. Outubro de 2022.

Apesar da dificuldade de se chegar a um acordo e a um consenso, a direção da escola deu andamento no projeto. Segundo as publicações feitas mais recentemente pelo Centro Acadêmico e na plataforma oficial da escola¹⁵, hoje se encontra em elaboração de projeto executivo. Em reportagem realizada pelo Jornal do Campus em 2019¹⁶, é relatado que nenhuma das entidades estudantis contactadas para a matéria se declararam favoráveis ao projeto que foi aprovado. Além da alegação de que não havia sido destinado no projeto espaço para alguns dos grupos estudantis que hoje também usam o espaço, como o coletivo Canil - algo rebatido pela direção da escola -, a maior preocupação dos alunos se refere à autonomia das entidades no uso do espaço e da garantia de retorno após as obras.

Segundo declarações de membros do CALC¹⁷, ainda não foi esclarecida a maneira como se dará a gestão do mesmo, o que se agrava principalmente pela situação existente com a restrição de acesso à praia - pela existência das grades e limitação de horário de entrada pelo CCA. Além disso, há também uma insegurança em relação ao manejo dos espaços utilizados durante o período de obras, algo que também ainda não foi planejado. Eventos recentes justificam essa preocupação, como a reforma da sede do DCE¹⁸ - onde após a realização de reformas prometidas, a entidade perdeu a administração do espaço, só conseguindo recuperar depois de alguns anos e após muitos conflitos com a reitoria.

Em 2022, com a retomada das aulas presenciais, os embates relativos ao uso dos espaços coletivos voltou a ser pauta em reuniões abertas dos estudantes, assembleias e protestos¹⁹. Apesar do conflito existente entre direção e alunos, ambos possuem pontos importantes para serem considerados e debatidos, como a segurança do entorno, a necessidade de qualificação dos espaços dos prédios que se encontram deteriorados, a demanda por ambientes adequados para áreas de estudos e eventos, e a manutenção dos espaços de convivência com garantia de autonomia dos grupos estudantis para apropriação do mesmo. Ainda não há uma resposta às demandas apresentadas de um lado pelos estudantes, e de outro pela direção da escola. No entanto, os processos continuam em andamento, com a manutenção das grades e da restrição de horário de acesso, e com o andamento do projeto executivo para a reforma da Vivência conforme aprovado pela direção.

6.3. RECOMENDAÇÕES

A partir dos pontos levantados nos tópicos anteriores, foram elencadas algumas recomendações para as áreas de vivência da Escola de Comunicação e Artes:

» Revitalização do jardim interno das áreas A e B

Pela análise realizada em observações de visita e com os relatos dos estudantes, se percebe que a área dos jardins está sendo subutilizada. No entanto, esta possui um potencial para abrigar momentos de descanso, descompressão e espera, que não são contemplados

¹⁵ Projetos junto à SEF. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/institucional/projetos-junto-sef>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

¹⁶ Reforma da vivência desagrada estudantes da ECA. Jornal do Campus, 2019. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2019/06/reforma-da-vivencia-desagrada-estudantes-da-eca/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

¹⁷ Reforma da vivência desagrada estudantes da ECA. Jornal do Campus, 2019. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2019/06/reforma-da-vivencia-desagrada-estudantes-da-eca/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

¹⁸ OKADA, Ana. Universitários ocupam DCE da USP e pedem administração do espaço. UOL, 2019. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2009/04/24/universitarios-ocupam-dce-da-usp-e-pedem-administracao-do-espaco.htm>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

¹⁹ Qual o futuro da praia da ECA. Jornal do Campus, 2022. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2022/05/qual-o-futuro-da-praia-da-eca/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022. estudantes-da-eca/>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

nos demais espaços da escola. A recomendação proposta, portanto, é que o acesso aos jardins seja liberado, de forma que sempre estejam à disposição dos usuários do edifício.

Para que seja um espaço convidativo e que incentive o uso, é necessário rever o layout e o tipo de mobiliário utilizado em ambos os ambientes - tanto no Bloco A quanto no Bloco B. O novo mobiliário precisa ser confortável e favorecer a descontração em momentos de pausas e intervalos. O recomendado é que sejam bancos lineares, com encostos, e que não sejam adotadas mesas que estimulem muita interação entre os usuários por longos períodos, como trabalhos em grupo e refeições, devido à proximidade com os laboratórios e salas de aula, e por este uso já estar contemplado no espaço da vivência.

» **Retomada dos fluxos originais e liberação do acesso à prainha**

Hoje, a presença das grades e a regulação dos acessos fragmenta a escola e dificulta a integração entre os blocos. Entende-se no entanto que essa integração e este contato é de grande importância, e que o diálogo a respeito precisa ser retomado. Existem hoje portões em ambos os caminhos que antes eram usados para a conexão dos blocos A, B e C com a área da prainha, mas que permanecem fechados para possibilitar o controle de acesso por uma única entrada - a portaria do edifício Central (CCA). Embora haja grande resistência por parte da reitoria para retirada das grades, alegando questões de segurança para a própria escola, se entende que um diálogo poderia ser criado com o intuito de, pelo menos, abrir o acesso dos portões existentes nos horários de expediente - onde a movimentação na escola é elevada e a demanda por esse caminho de circulação entre os blocos e a área da Vivência é expressivo.

Com a retomada dos fluxos, é possível retomar a posição da prainha como elemento central de integração entre os usuários de todos os blocos da escola. Para se tornar um local mais convidativo e seguro, é recomendado rever o mobiliário existente, com mesas e bancos mais confortáveis e que colaborem com a interação entre os usuários, facilitando a reunião de grupos para conversas no intervalo e em momentos de refeição junto à lanchonete. Ao mesmo tempo, a retirada das grades contribuiria facilitando o acesso e preservando o espaço livre próximo ao Canil e na rua de acesso à Vivência, onde ocorrem muitos dos eventos, debates, aulas abertas e exposições de arte promovidos na escola.

» **Vivência - projeto participativo e processo transparente**

Se tratando de prédios que envolvem um grande número de usuários, que permanecem nos espaços por longos períodos, é de grande importância discutir a adoção de metodologias de projetos participativos, que estudem e considerem as demandas de todos os envolvidos. Só assim, se entende que é possível chegar em uma solução que otimize e estimule o uso adequado dos espaços. Se tratando de espaços de convivência, que são de grande importância para os alunos e para a identidade e organização dos mesmos dentro da escola, essa aproximação é ainda mais relevante.

O projeto para a reforma do espaço da Vivência da Escola de Comunicações e Artes ocorreu, segundo as notícias publicadas e os relatos colhidos, de maneira muito conturbada. Apesar disso, o processo ainda está em andamento e, ao que tudo indica, deve ser implementado. O projeto em si, como analisado no tópico anterior, tem pontos positivos, atendendo a diversas demandas existentes na escola e que hoje não são supridas em nenhum dos outros blocos - como as áreas de estudo em grupo; novos espaços para os grupos de extensão; auditório de médio porte para eventos; e reforma e extensão de área do restaurante e cantina, com previsão de mobiliário adequado para momentos de refeição. No entanto, ainda existem muitas queixas dos alunos que não foram solucionadas, como a indicação do espaço a ser ocupado por cada grupo estudantil, e das restrições de acesso a essas áreas.

Ao mesmo tempo, foi identificado que grande parte da resistência em relação à implementação do projeto se deve pela incerteza de como se dará o processo de reforma, com a realocação das entidades durante o período, e de como será a gestão do espaço na retomada do uso do edifício. Com os relatos dos alunos, se percebe que há um desconhecimento grande por parte dos próprios estudantes a respeito do processos que envolveram a elaboração e discussão do projeto, de maneira que o que se sabe sobre o assunto muitas vezes são informações dispersas que são repassadas de aluno para aluno, sem saber de fato o que ocorreu e sem ter um local para comunicação oficial dos acordos - ficando algumas poucas publicações da direção de um lado, comemorando o andamento e exaltando o projeto; e de outro relatos e publicações de entidades estudantis, relatando de forma oposta o ocorrido e se posicionando firmemente contra a proposta. Por isso, com a adoção de metodologias de projeto participativo, é fundamental que o processo seja transparente, e que as etapas e decisões sejam divulgadas amplamente entre os usuários da escola, permitindo maior participação dos mesmos nas discussões, para que a comunicação e o acesso às informações não fique restrita a alguns poucos alunos, representantes das entidades.

Além disso, sendo a área da Vivência um ponto importante de apropriação e identidade estudantil, é importante que a autonomia e a continuidade das tradições presentes nos grupos acadêmicos sejam garantidas, pois se percebe que são essenciais na construção dessa sensação de pertencimento e de senso de comunidade entre os estudantes. O receio dos grupos estudantis a respeito da gestão do espaço e da angústia em relação às incertezas durante o período durante e após a obra não podem ser ignoradas, principalmente pelo histórico dos ambientes de vivência dentro da universidade, de muitos conflitos e perdas. As respostas para esses questionamentos precisam existir, serem acordadas e documentadas, para garantir alguma tranquilidade na sua implementação - o que atualmente, pelas informações disponibilizadas e pelas entrevistas consultadas, não tem acontecido.

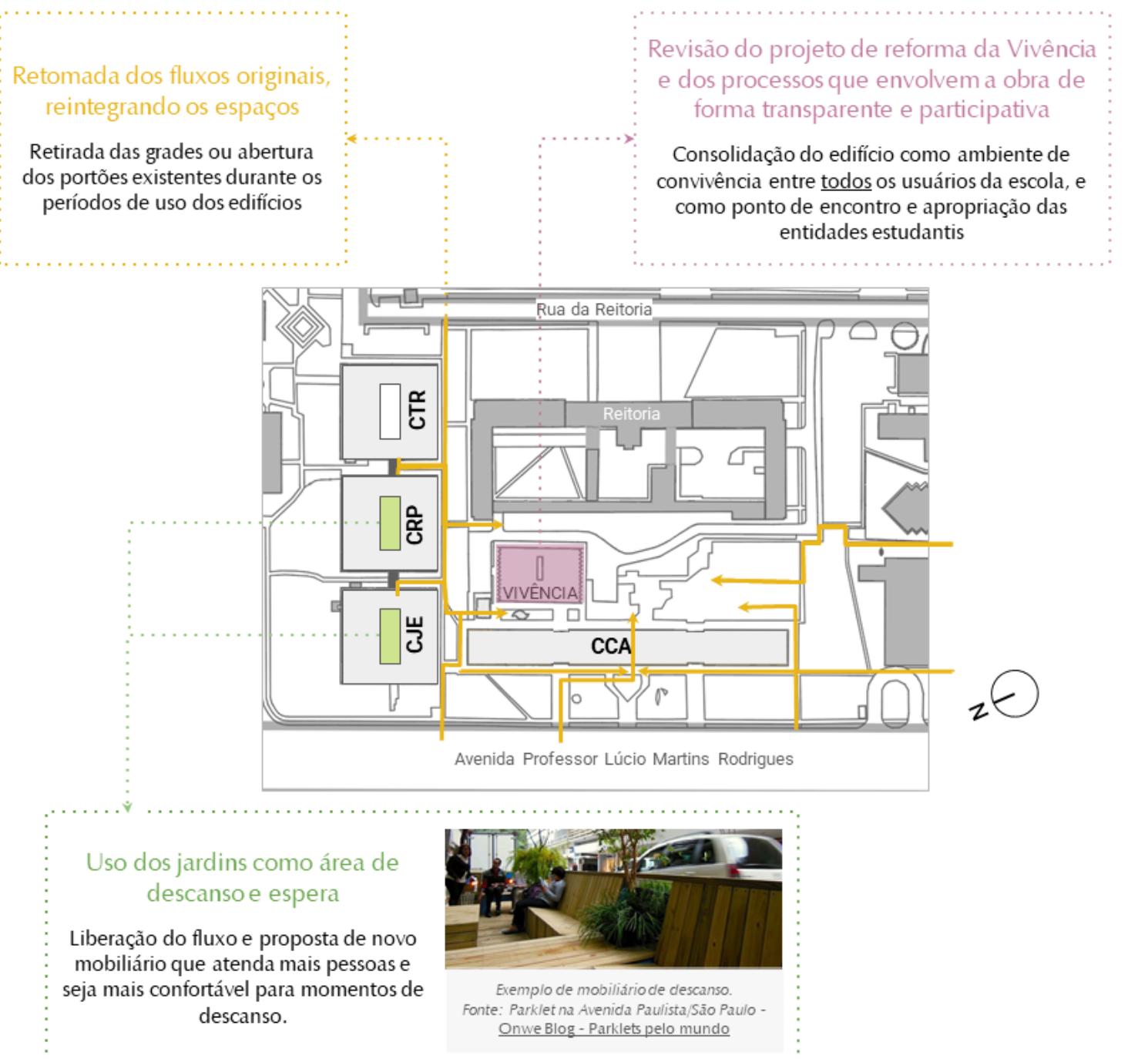


Figura 43 - Resumo das recomendações para área de convivência da Escola de Comunicação e Artes

Fonte: Anotações sobre implantação da escola disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico.

CAPÍTULO 7

Edifício Paula Souza - POLI Civil



Edifício Paula Souza.
Foto: autoria própria.
Novembro de 2022.

7.1 IMPLANTAÇÃO

O edifício Paula Souza está localizado na Av. Prof. Almeida Prado, entre o prédio do Biênio - onde são ministradas as aulas dos primeiros anos dos cursos de engenharia - e o edifício do Departamento de Engenharia de Minas e Petróleo, no setor Tecnológico da CUASO. Em frente ao edifício, do outro lado da avenida, se encontra também o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT).

7.2. O PROJETO E O PROGRAMA

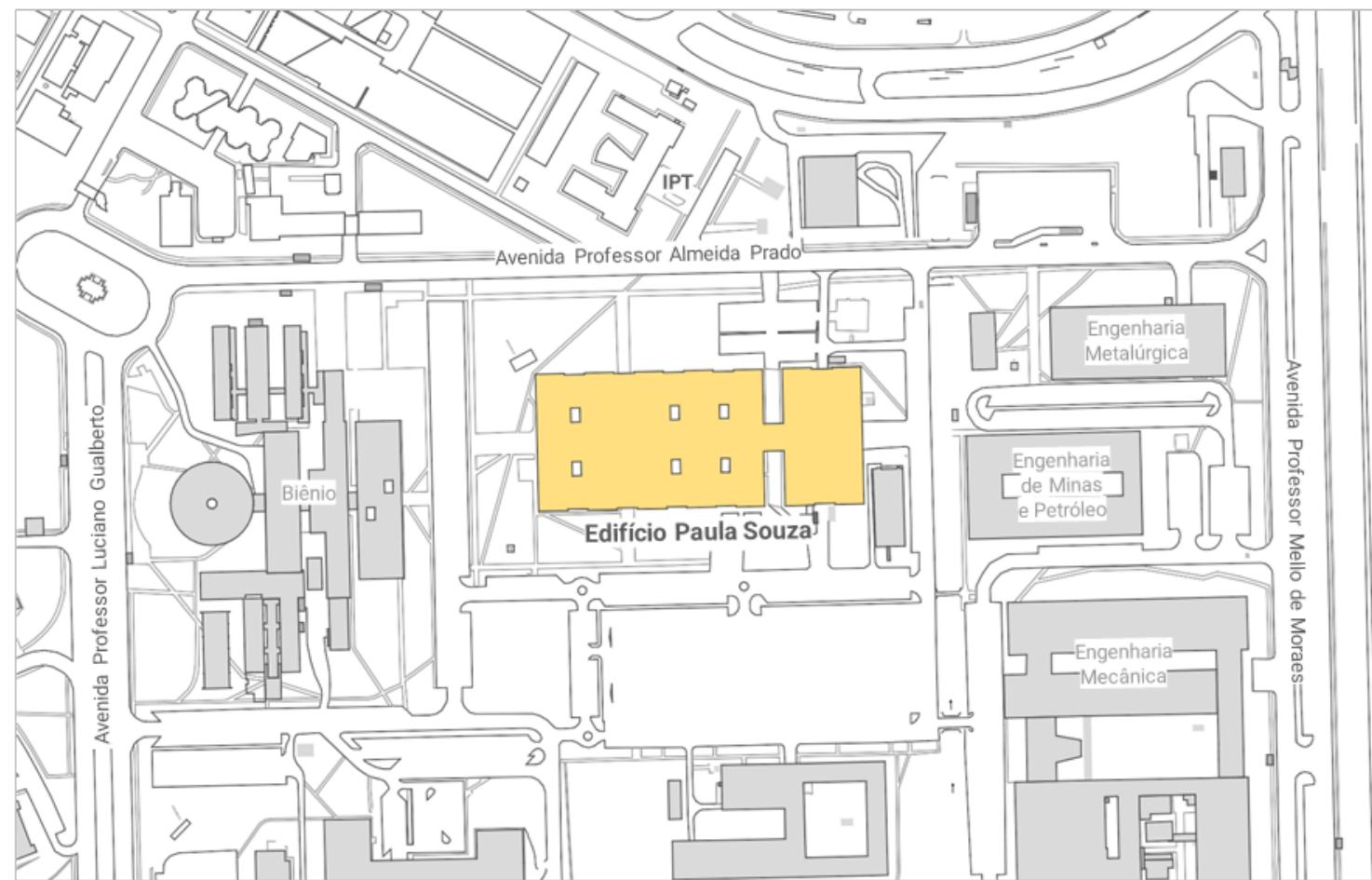
» Os cursos

O edifício Paula Souza é utilizado por dois cursos de graduação: Engenharia Civil e Engenharia Ambiental. Ambos os cursos são lecionados em período integral, com aulas tanto no período da manhã quanto da tarde. Os dois cursos possuem turmas de 136 alunos. Embora seja comum os alunos terem aulas em outros edifícios da Escola Politécnica - principalmente no primeiro ano, com cursos do módulo básico que são lecionadas no Biênio -, é no edifício Paula Souza que são ministradas a maior parte das suas disciplinas.

Tabela 6 - Cursos de graduação da Escola Politécnica que utilizam o edifício Paula Souza

INSTITUTO	EDIFÍCIO	CURSOS	PERÍODO	TAMANHO DAS TURMAS [ALUNOS]
EP-CIVIL	Edifício Paula Souza	Eng. Civil	Integral	136
		Eng. Ambiental	Integral	136
TOTAL				272

Fonte: elaboração própria, com base em dados divulgados no site da FUVEST.



LEGENDA

Ano de construção

1972

0 50 100 150
(dimensões em metro)

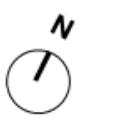


Figura 44 - Implantação do Edifício Paula Souza na CUASO.

Fonte: Projeto disponibilizado pela Superintendência do Espaço Físico (SEF).

» O projeto

Projetado pelo arquiteto do FUNDUSP Mário Rosa Soares, o edifício Paula Souza possui estrutura de concreto armado aparente com grandes vãos, cujos pilares estão dispostos em uma malha modular com dimensões intercaladas de 15,48 metros e 12,48 metros (Figura 45). O prédio contém dois pavimentos, cujo acesso principal é feito por duas rampas presentes em cada extremidade dos mesmos. Apenas o setor do Hall Tecnológico, onde são realizados modelos e ensaios, possui um único pavimento, com pé-direito duplo. A vedação do edifício é leve, com caixilhos de vidro em todo perímetro de ambos os pavimentos.

O projeto, realizado entre 1965 e 1967, foi concebido com planta livre, e as divisões internas foram realizadas com divisórias em dimensões que acompanham a grelha modular de 1,72 x 1,72 metros. Conforme apresentado por Romero (1992), as grelhas presentes em ambos os pavimentos não possuem funções estruturais. Somente os banheiros foram construídos com paredes de alvenaria. A cobertura é mista, com trechos em diferentes sistemas construtivos: trechos em lajes de concreto com a forma de parabolóides hiperbólicos, posicionada sobre o plano das grelhas; trechos com lajes de concreto com vigas invertidas; e trechos coberto por domus em fibras de vidro, permitindo a iluminação natural.

Em entrevista concedida a Marcelo Romero²⁰, o arquiteto Mário Rosa alegou que o projeto, com grandes vãos e com grande consumo de vidro e alumínio nas esquadrias, só foi possível porque foi realizado no período conhecido como "milagre econômico" - conforme comentado no Capítulo 4.3 - e que, por isso, não se tinha muitas restrições financeiras para realização do mesmo. O edifício foi construído no início da década de 70, e já passou a ser utilizado a partir de 1973.

» Diversidade de Usos

O edifício possui salas dispostas junto ao perímetro externo dos pavimentos e no eixo central, criando dois eixos de circulação entre eles. Enquanto o pavimento superior é ocupado majoritariamente por salas de aula, o pavimento térreo abriga grandes áreas de laboratório - como o Hall Tecnológico, setor localizado na extremidade nordeste do pavimento e os laboratórios de geoprocessamento e de mecânica dos solos -, salas de professores de cada um dos departamentos, áreas administrativas e a biblioteca da escola (Figura 46).

²⁰ Entrevista concedida durante o período de elaboração do trabalho de mestrado do Prof. Dr. Marcelo Romero, entre 1987 e 1989, que visava a aplicação de Avaliação Pós-Ocupação no edifício Paula Souza, cujos resultados foram comentados em ORNSTEIN (1992).

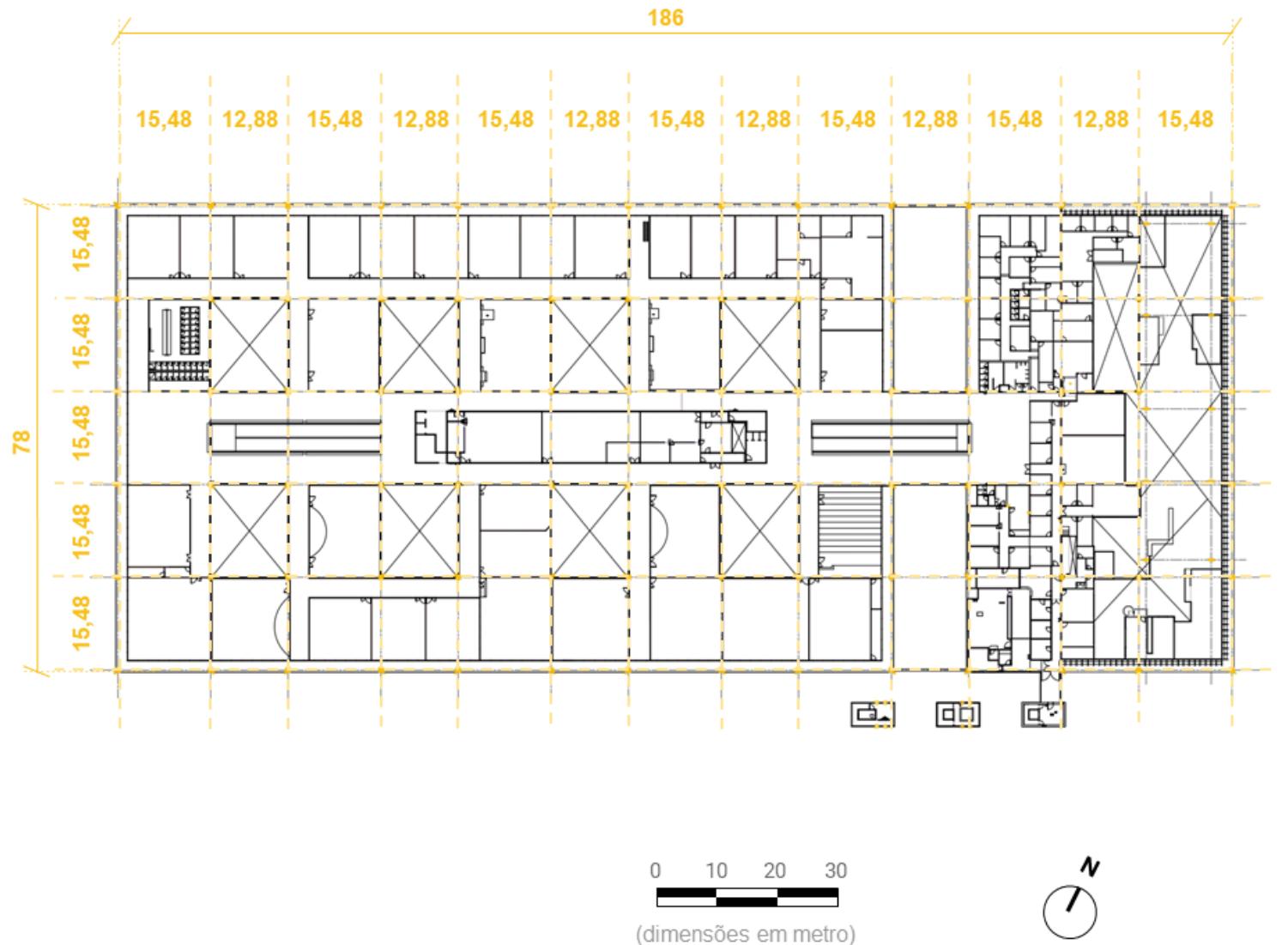
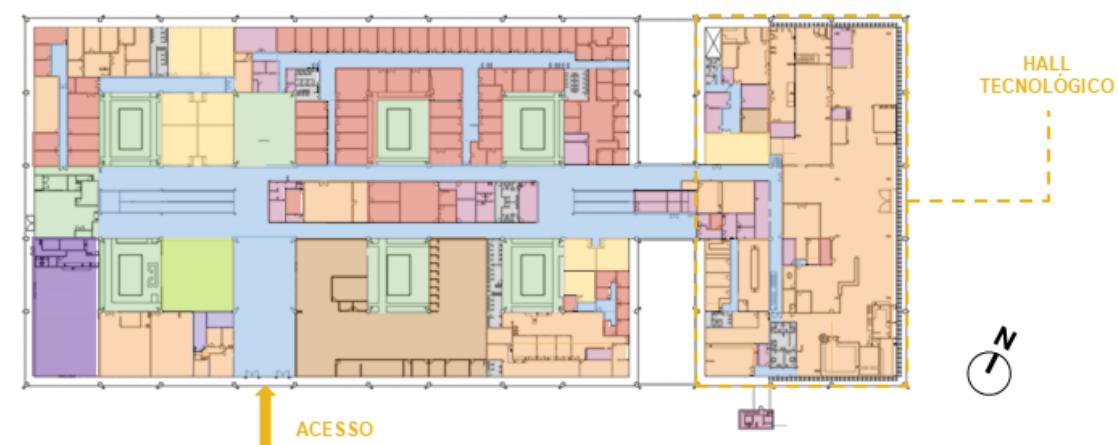


Figura 45 - Planta do Primeiro Pavimento do edifício Paula Souza, com destaque para a malha estrutural.

Fonte: Adaptação realizada sobre a planta do edifício, disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.



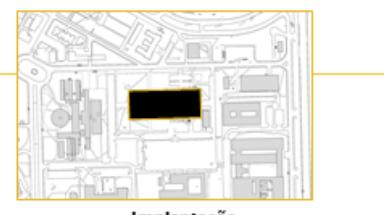
Edifício Paula Souza - Planta Pavimento Superior



Edifício Paula Souza - Planta térreo

LEGENDA

Aulas	Sala professores	Biblioteca	Circulação
Laboratório	Administrativo e apoio	Área livre	Estudos em grupo



Implantação

Figura 46 - Análise da distribuição do programa nos espaços do edifício Paula Souza

Fonte: Anotações de autoria própria, realizada sobre plantas dos edifícios disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

O fato de as paredes que limitam as salas serem formadas por divisórias favoreceu as mudanças ao longo dos anos de uso do edifício. Conforme relatos do docente com o qual conversei, que leciona no edifício desde 1973, a distribuição das salas de aula e de professores mudou bastante durante este período. As salas de professores foram repositionadas e subdivididas algumas vezes, a fim de acomodar as novas demandas que foram surgindo. Segundo o relato, nos primeiros anos de uso do prédio havia pouquíssimos docentes com dedicação exclusiva à universidade. Assim, como ficavam períodos curtos no edifício, não havia muita demanda por salas de professores. Conforme isso foi mudando dentro da Universidade, e a dedicação exclusiva à academia foi se tornando mais comum, a demanda por espaços para abrigar os docentes de cada departamento foi aumentando, e os espaços dedicados a este fim dentro do edifício foram sendo revistos.

Da mesma forma, a configuração das salas de aula também foi repensada. No trabalho apresentado por Romero (1992) na APO aplicada no edifício em 1987, se percebe que as salas de aula apresentavam dimensões maiores que as atuais. As salas foram subdivididas, criando um maior número de salas de dimensões menores. Assim, surgiu um novo trecho de corredor para acesso às salas, que não existia no projeto original. (Figura 47)

Embora tais mudanças tenham acontecido, chamou ainda mais atenção as interferências que ocorreram nos espaços de convivência do edifício. Segundo relatos do docente consultado, tanto no projeto quanto nos primeiros anos de uso do prédio, não se preocupou muito em criar uma área de convivência para os alunos. Também foi comentado que, no início, tanto professores quanto alunos não costumavam ficar muito tempo na universidade fora o momento das aulas, e por isso provavelmente não havia a demanda que existe hoje, onde ficamos longos períodos dentro do edifício.

Hoje, os espaços mais utilizados pelos alunos em horários livres, conforme observações realizadas em visitas e por relatos dos estudantes, são as áreas com mesas de estudo, presente em ambos os pavimentos, e os bancos que contornam as duas rampas do edifício. Os bancos são muito usados principalmente em períodos que antecedem o início das aulas e ao final das mesmas, em momentos de espera, com tempo de permanência normalmente mais curto (Figura 48). Já as mesas são usadas em diferentes períodos e finalidades - para estudos individuais, discussões de trabalho em grupo, ou para descanso em horário de almoço, por exemplo.

Existem no edifício três áreas diferentes com mesas de estudo (Figura 49): uma próxima à extremidade da rampa vermelha e outra próxima à extremidade da rampa amarela, ambas no pavimento superior; e uma área no pavimento térreo, ao lado da entrada do edifício, conectada a um dos jardins internos existentes. Uma das reclamações feitas pelos estudantes contatados foi justamente o conflito entre os usos diversos presentes nesse espaço: em horários de maior movimento, é comum todas mesas estarem lotadas e não ter espaço para se acomodar; ao mesmo tempo, por ter pessoas estudando muito próximas, existe um receio nas interações em grupo de incomodar quem está ao lado; e para estudos individuais, por ser

um ambiente com muito movimento e ao lado da área de uma circulação com muito fluxo - por estar próximo aos sanitários no pavimento superior e próximo à entrada no pavimento inferior - há um ruído que atrapalha a concentração.

Além disso, se percebe que em períodos específicos, como próximos à semana de provas, a demanda por esses espaços de estudo aumenta ainda mais e as mesas existentes não são suficientes. Segundo relatos da engenheira que estudou no edifício no período entre 2013 e 2020, no início da sua graduação havia uma quantidade ainda menor de mesas e tomadas, que foram acrescentadas alguns anos depois - mesmo assim, nesses períodos de maior demanda, relata que chegava a ser difícil encontrar um local disponível.

Apesar das questões apresentadas, as mesas são ainda os locais mais utilizados pelos usuários fora do período das aulas. Segundo relatos do docente consultado e de alunos integrantes do CEC - Centro de Engenharia Civil, organização dos discentes da escola -, esse espaço não existia no projeto original e só foram criados anos depois, fruto de uma mobilização dos estudantes. Na Avaliação Pós-Ocupação coordenada por Romero (1992), em 1987, um dos pontos apresentados é o uso de mesas da lanchonete existente até então para momentos de estudo, seja individual ou em grupo, já que naquele período não existia no prédio espaço destinado a este fim. O local onde hoje existem as mesas no pavimento superior eram áreas livres, sem um uso específico determinado. Já a área existente no pavimento térreo era ocupada pelo CEC, que junto à lanchonete, se configurava como as áreas mais utilizadas pelos alunos em momentos de lazer e descompressão naquela época.

Conforme apresentado por Romero (1992), a área do CEC no final da década de 80 era o segundo lugar mais utilizado como lazer no edifício. O autor elenca alguns dos motivos pelos quais o ambiente era tão procurado: conforme relatos, esse era o único espaço agradável e com mobiliário confortável para permanência, com sofás e piso com carpete; além disso, no local haviam várias mesas de jogos e um espaço de sala de vídeo, com videocassete, onde com frequência eram exibidos filmes e documentários. Na área ocupada pelo CEC havia também um espaço com xerox e gráfica. Esse espaço, no entanto, não existe mais, sendo ocupado pelas mesas de estudo presentes no pavimento térreo.

Hoje, a área ocupada pelo CEC é uma sala atrás da rampa vermelha, local onde também não havia nenhum uso no projeto original, estando integrado à circulação em um dos pontos de acesso do prédio. A mudança de local foi realizada durante uma reforma do edifício, em 2003 - mesmo momento em que a conexão das áreas internas com o restaurante foi fechada²¹. Não há mais no edifício área para xerox e gráfica, de forma que quando necessário utilizar este serviço, os estudantes precisam se deslocar até a gráfica presente na área do grêmio no edifício do Biênio. Foi observado em visita e pelos relatos que alguns estudantes, em geral integrantes do CEC ou pessoas próximas a este grupo, ainda usam bastante o espaço atual que apresenta sofás e mesas de jogo, como o espaço anterior (Figura 50).

²¹ Segundo informações apresentadas em vídeo de recepção dos calouros, realizado pelo CEC em 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6br-COIYISEA&t=274s>>. Acesso em 20 de novembro de 2022.

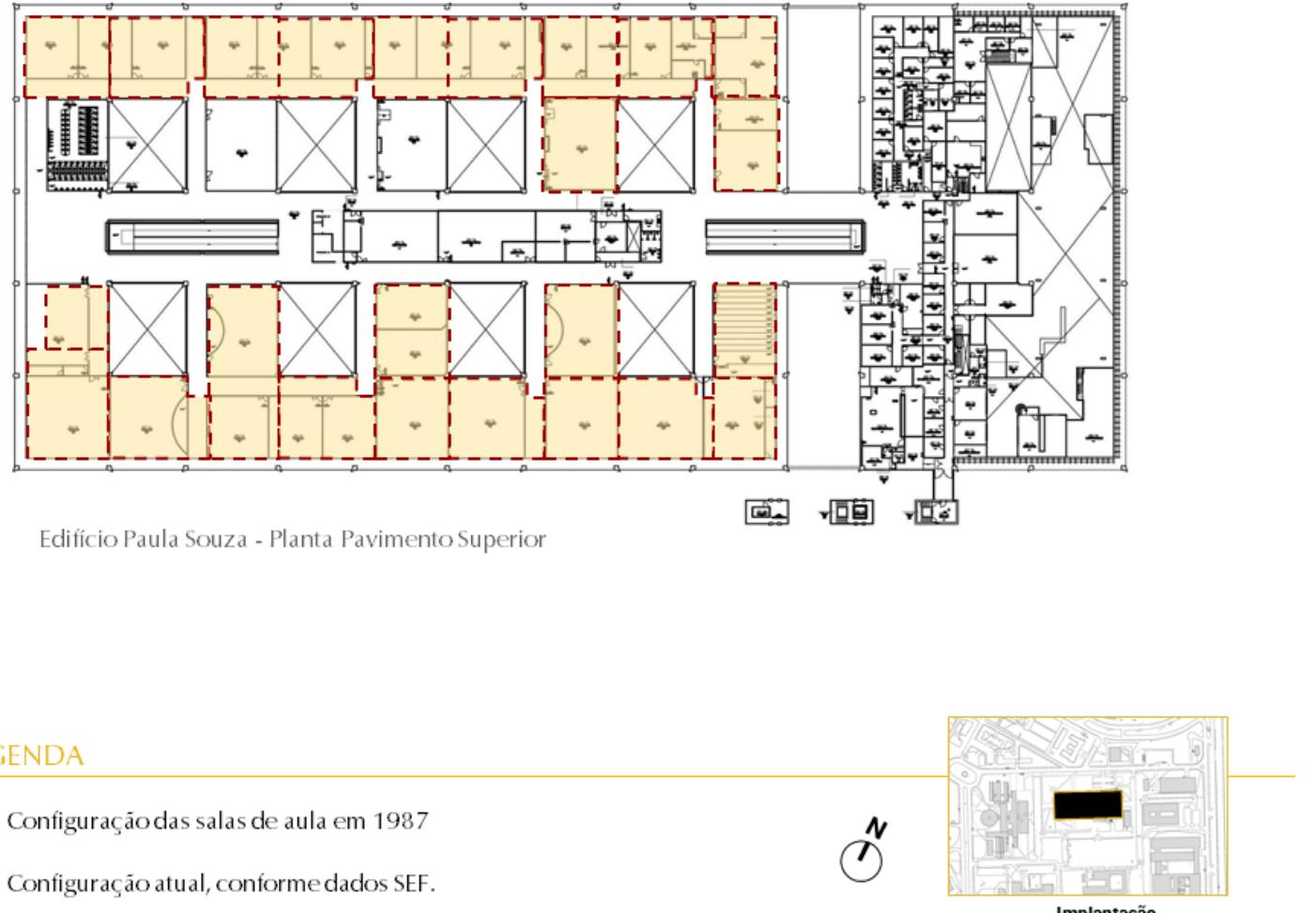


Figura 47 - Comparação entre salas de aula atuais e salas existentes em 1987.

Fonte: Anotação realizada sobre planta do edifício disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico - SEF, com base em planta de 1987 elaborada pelo Prof. Dr. Marcelo Romero e reproduzida em Ornstein (1991).

Bancos próximos às rampas



Figura 48 - Bancos ao redor das rampas no pavimento superior do Edifício Paula Souza.

Fonte: Autoria própria. Outubro de 2022.

Mesas de estudo

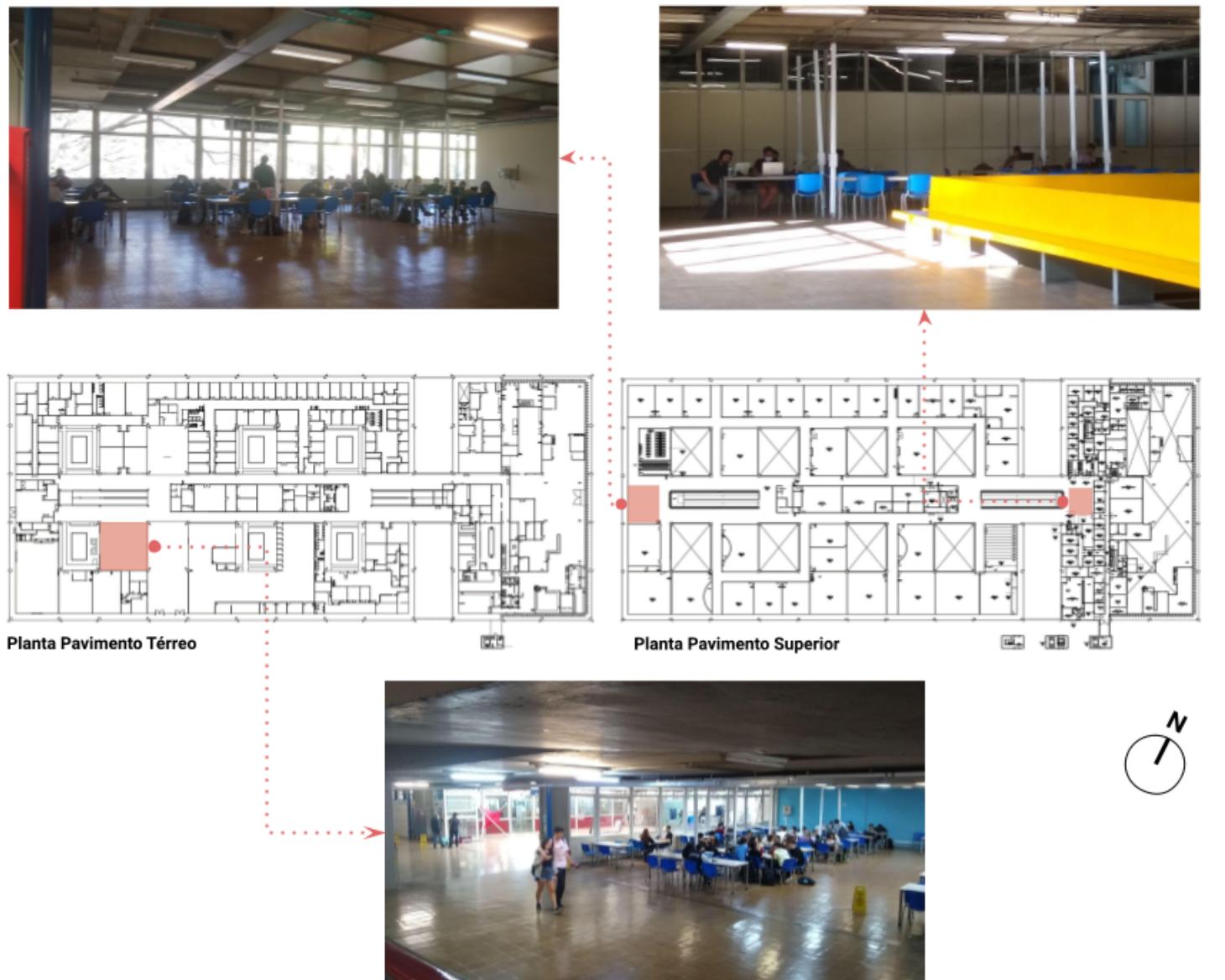


Figura 49 - Áreas de estudo presentes no Edifício Paula Souza.
Fonte: Autoria própria. Outubro de 2022.

CEC- atual



Figura 50 - Sala do Centro de Engenharia Civil (CEC) presente no Edifício Paula Souza.
Fonte: Autoria própria. Novembro de 2022.

Outros estudantes, no entanto, relataram um descontentamento por este ser o único espaço de descanso no prédio. Conforme relatado, o uso acaba sendo um pouco restrito ao grupo que faz a gestão do mesmo, e os demais que não pertencem à entidade disseram que não se sentem confortáveis para utilizar o ambiente da mesma forma. O espaço atual, além de pequeno e sem possibilidade de abrigar uma quantidade maior de alunos, possui um acesso mais escondido, embaixo das rampas, em um ponto onde poucos alunos frequentam, não se tornando convidativo para que mais pessoas usufruam do espaço. Na configuração anterior, apesar de não se ter um espaço maior em área, a posição no edifício era mais acessível e visível, estando próximo à entrada e ao lado do acesso à lanchonete. Um dos alunos contatados, integrante do CEC, relatou que atualmente também existe um trabalho interno das entidades e da comissão administrativa do prédio para criar o espaço do Centro Acadêmico de Engenharia Ambiental, existente desde 2017 e que hoje está provisoriamente numa sala no térreo do prédio, ao lado do departamento de Construção Civil, mas que ainda se encontra sem mobiliários ou instalações adequadas ao seu uso.

A área da lanchonete do edifício foi apresentada como o primeiro lugar mais utilizado como área de lazer no período de aplicação da APO por Romero (1992), em 1987. Naquele período, o espaço era integrado ao edifício, com acesso aberto ao jardim presente na extremidade do corredor do primeiro pavimento (Figura 51). Segundo relatos do docente com o qual conversei, alguns anos depois a direção da escola optou por restringir o acesso ao edifício. Com essa decisão, a área da lanchonete foi reformada e passou a ser acessada exclusivamente pela área externa do prédio, cortando assim o vínculo com as demais áreas de lazer presentes nesta região (como o CEC) e com o jardim interno do edifício. Conforme relato dos estudantes, o acesso externo ao restaurante também dificultava e desencorajava o uso do mesmo em momentos de intervalos das aulas, por exemplo, visto que para isso seria necessário sair do edifício e andar um trecho maior, em momentos onde o tempo era limitado. Em meio à pandemia de Covid-19, com meses sem aulas presenciais no edifício, o restaurante existente até então foi fechado, e não há ainda expectativa de retorno - visto que envolve processos burocráticos junto à reitoria, como abertura de nova licitação. Sem áreas próximas para refeições, o único ponto que atende a essa demanda dos estudantes do departamento hoje é o restaurante presente na área do grêmio, no edifício do Biênio - que conforme relato dos alunos consultados, é atualmente o local mais procurado para este fim.

Lanchonete - 1987 e atual



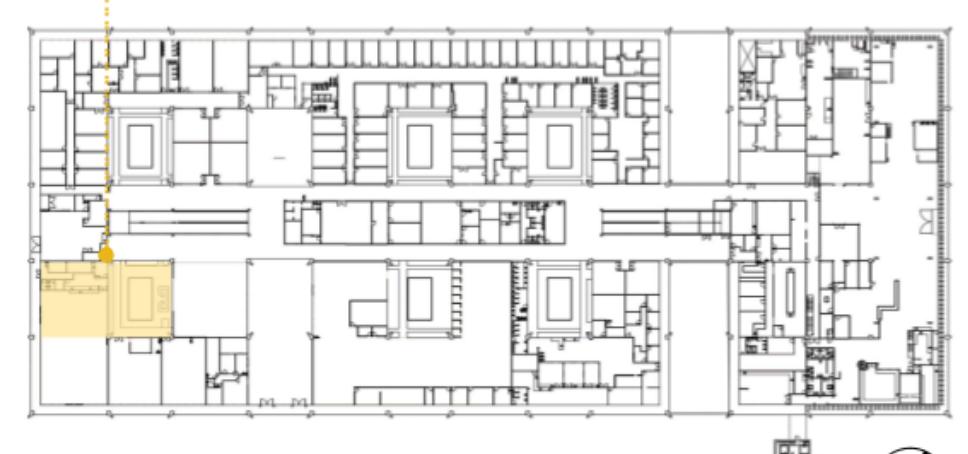
Foto atual. Fonte: Autoria própria. Novembro de 2022.



Foto atual. Fonte: Autoria própria. Julho de 2022.



Croqui de 1987. Fonte: Ornstein (1991).



Edifício Paula Souza - Planta Pavimento Térreo

Jardins internos



Figura 52 - Jardins internos presentes no Edifício Paula Souza.
Fonte: Autoria própria. Novembro de 2022.

Jardins internos

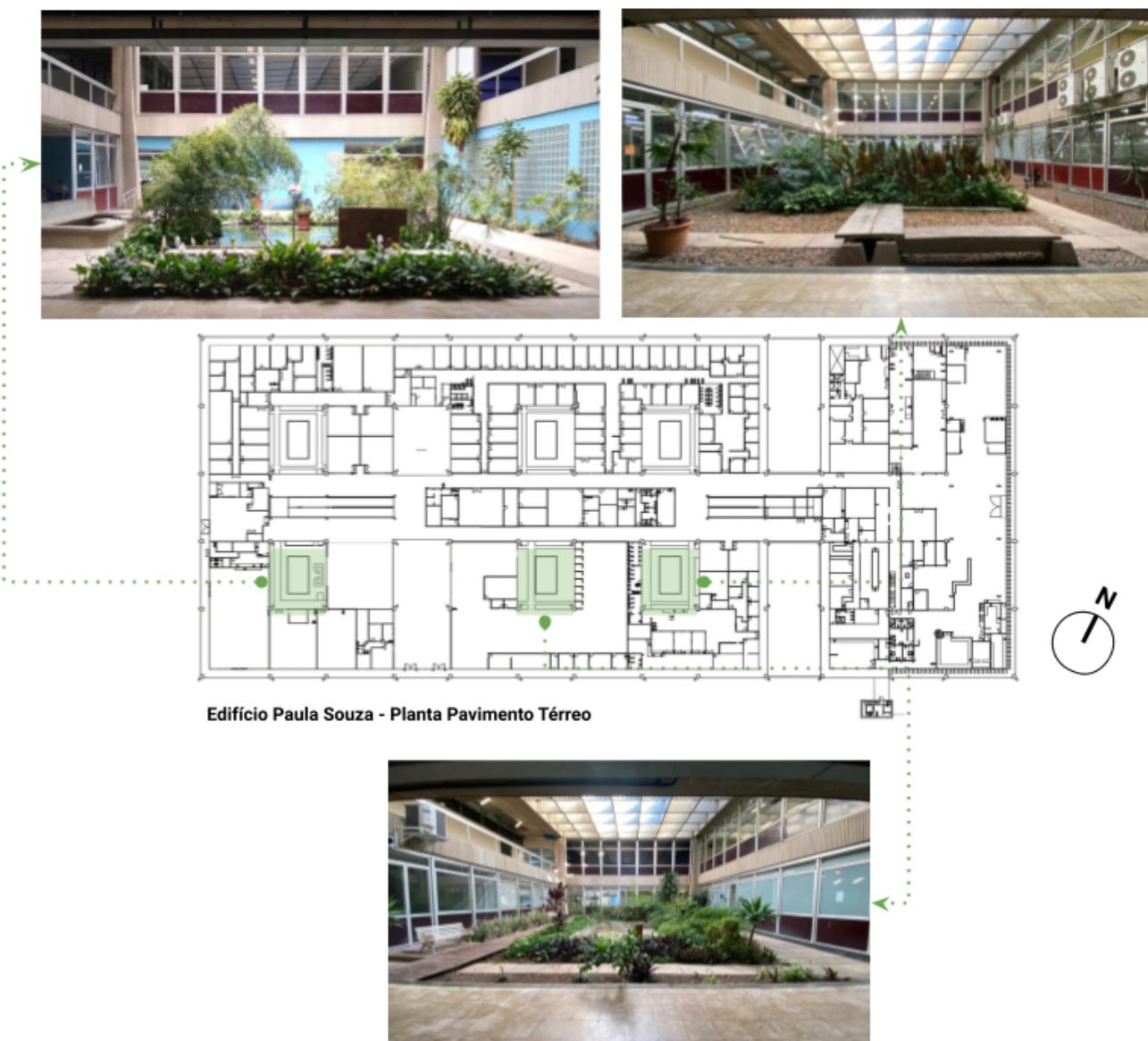


Figura 53 - Jardins internos presentes no Edifício Paula Souza.
Fonte: Autoria própria. Novembro de 2022.

Circulação



Figura 54 - Áreas de circulação presentes no Edifício Paula Souza.

Fonte: Autoria própria. Outubro de 2022.

Além dos espaços citados, o pavimento térreo possui também algumas áreas livres, ocupadas por jardins e espelhos d'água (Figuras 52 e 53). Apesar de terem um potencial para configurarem áreas de descanso e descompressão - visto que muitos destes se encontram em pontos de menor fluxo, com iluminação natural, e pouco ruído -, os espaços não são muito utilizados. Na Avaliação Pós-Ocupação realizada em 1987, Romero (1992) já apontava que os jardins não possuíam mobiliários convidativos para permanência, com bancos de concreto sem encosto e instáveis, e recomendava a revisão dos mesmos a fim de estimular o uso desses ambientes. Os mobiliário citados por Romero são iguais ou similares aos que permanecem nos espaços até hoje. Além disso, foi observado que hoje há áreas de jardim com maior quantidade de vegetação ocupando boa parte do espaço, impedindo que seja ocupado para algum outro uso. Desta forma, como apresentado também na APO realizada em 1987, os espaços do jardins acabam assumindo uma função apenas de iluminação e ventilação natural, sem possibilidades de apropriação.

As áreas de circulação do edifício também acabam constituindo um espaço de encontro, principalmente próximo às rampas que dão acesso ao pavimento superior. Os corredores presentes de ambos os lados das rampas são amplos, com aproximadamente 5,40 metros de largura, o que permite acomodar os fluxos existentes mesmo quando há grupos de pessoas conversando próximo à região dos bancos (Figura 54). Na APO aplicada em 1987, Romero nomeou todas essas áreas livres comuns presentes no edifício - excluindo os jardins internos - como "pátios". Segundo ele, esses espaços se configuravam como o terceiro lugar mais utilizado como lazer pelos usuários. O que chamou a atenção é que naquele período, conforme relatos do especialista, apesar de ser muito comum se observar pessoas em pé conversando nessas áreas, os bancos presentes no perímetro das rampas eram muito pouco utilizados. Hoje, conforme já citado anteriormente, os bancos são bastante utilizados, especialmente em momentos de intervalo das aulas, e ambos os alunos consultados os citaram como um dos pontos mais confortáveis para permanecer nesses momentos.

» Conexão com o entorno

Conforme relatos do docente da escola, o edifício possuía originalmente quatro pontos de acesso distintos (Figura 55): um em frente à rampa vermelha, com vista para o Biênio, que conectava diretamente ao eixo central de circulação e onde hoje se encontra o CEC; os acessos presentes ao lado do Hall Tecnológico, onde originalmente se encontrava a grelha vazada de cobertura do estacionamento; e o acesso ao lado da biblioteca do edifício, que é o único ponto de entrada utilizado atualmente e que permite o acesso a todos os alunos, professores e funcionários.

O acesso atual é voltado para a área de estacionamento do Setor Tecnológico, facilitando a entrada para quem chega ao edifício de automóvel. Não há uma conexão direta do edifício com a Avenida Professor Almeida Prado, ou com o edifício do Biênio, de onde provém boa parte do fluxo existente - na avenida é onde está localizado o ponto de ônibus mais próximo à escola, ao lado do Biênio, onde também se encontra a lanchonete utilizada pelos alunos atualmente e onde são lecionadas muitas das aulas dos primeiros anos dos cursos de engenharia, além de abrigar o xerox e a gráfica mais próxima.

No ponto onde hoje se encontra o CEC ainda existe o acesso original. No entanto, o mesmo é controlado conforme acordo feito entre a entidade estudantil e a direção da escola: quando o acesso externo à área do CEC está aberto, a porta que dá acesso à área interna do edifício precisa estar obrigatoriamente fechada, de forma que não permita o acesso ao edifício por este ponto, impedindo o fluxo que existia originalmente. Os outros dois acessos perto ao Hall Tecnológico são também restritos.

Para acessar o prédio, portanto, caso se chegue pela Avenida ou pelo edifício do Biênio, é preciso contornar parte do edifício e entrar pelo único ponto de acesso existente, se identificando na portaria. A proximidade do acesso com a rampa vermelha faz com que esta seja a mais utilizada, comportando o maior fluxo entre os dois pavimentos. Além disso, as salas de aula mais utilizadas nas disciplinas de graduação também se encontram nessa extremidade do edifício, de forma que esta região tenha um maior movimento de pessoas durante boa parte do expediente.

» Apropriação e Identidade

Conforme observado em visita e por relatos dos estudantes, não há na escola a tradição de realizar exposição de trabalhos realizados por alunos. Isso provavelmente ocorre também porque não é comum que os trabalhos exigidos pelas disciplinas exijam entregas físicas como pranchas, maquetes ou algo similar que poderia virar objeto de exposição na escola.

Da mesma forma, também não há no edifício espaço que possibilite a apropriação do usuário com intervenções sobre o espaço construído ou exposições artísticas -, com exceção do espaço utilizado hoje pelo CEC - que, conforme comentado anteriormente, é utilizado por poucos alunos da escola.

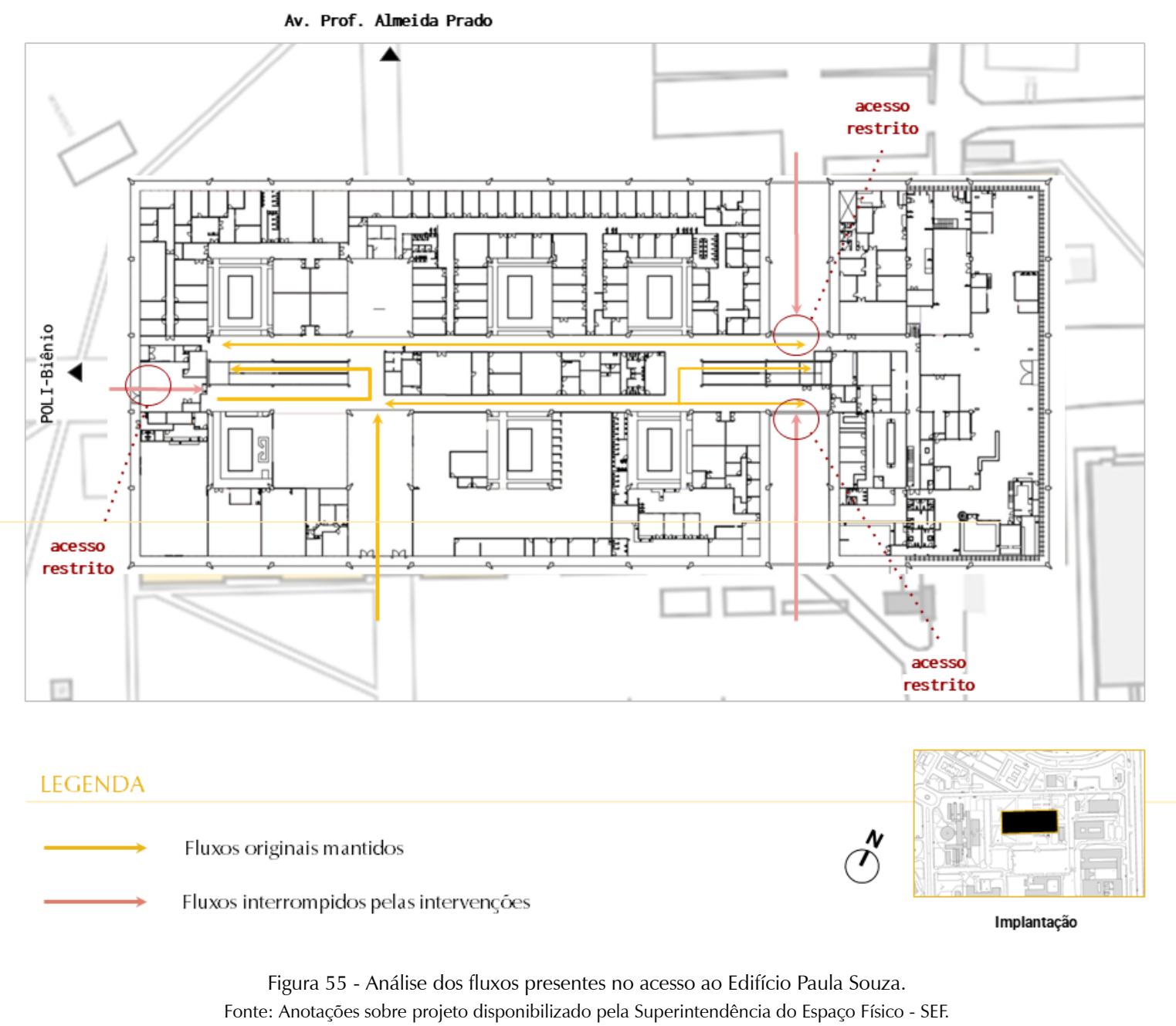


Figura 55 - Análise dos fluxos presentes no acesso ao Edifício Paula Souza.
Fonte: Anotações sobre projeto disponibilizado pela Superintendência do Espaço Físico - SEF.

Acessos



Figura 56 - Acessos existentes no Edifício Paula Souza.

Fonte: Autoria própria. Outubro de 2022.

7.3 RECOMENDAÇÕES

A partir dos pontos elencados anteriormente, foi possível estabelecer algumas recomendações e reflexões a respeito das áreas de convivência no edifício.

» Retomada de parte dos fluxos originais, liberando o acesso na extremidade na fachada sudoeste do edifício

Entendendo que a restrição de acesso praticada hoje dificulta a integração do edifício com o seu entorno, impactando também na ocupação de algumas áreas internas que acabam ficando mais isoladas diante dos novos fluxos estabelecidos, se considera que seria importante retomar os debates a respeito das restrições impostas. De fato, ao restringir o acesso a uma única entrada, pode-se ter uma percepção de maior controle e segurança. No entanto, é preciso considerar também os impactos de tal medida no cotidiano de todos que mais frequentam esses espaços e debater medidas que poderiam, talvez, ser mais eficazes em relação à segurança e ainda assim possibilitar um acesso e um fluxo mais dinâmico no interior do edifício. Hoje, apesar da restrição de acesso, a identificação dos alunos na portaria é feita de forma bastante rudimentar, apenas mostrando, de longe, a carteirinha de identificação do aluno - de forma que os funcionários muitas vezes mal conseguem ler, muito menos analisar a veracidade do que foi apresentado. Aparentemente, se adota o procedimento apenas de praxe. A viabilidade de instalação de identificação eletrônica, por exemplo, é um ponto que poderia ser estudado e debatido com a comunidade, ponderando sua adoção frente à possibilidade de liberação de outros acessos que facilitariam o fluxo no edifício.

» Retomada do restaurante/lanchonete e integração do mesmo com a área interna do edifício

A presença de uma área para realização de refeições dentro do edifício é fundamental, visto que muitos dos usuários passam boa parte do dia dentro do prédio. O espaço também pode ser considerado um ponto importante de descontração e interação entre diferentes grupos que frequentam o Instituto. Se percebe, no entanto, que a restrição de acesso realizada isolou o restaurante das demais áreas de convivência que existiam, tornando seu uso mais restrito e desencorajando o acesso em períodos fora do horário de almoço, único momento onde há um intervalo maior para sair do edifício e se dirigir até lá. A mudança afeta bastante a dinâmica de ocupação do espaço e as possibilidades de apropriação do mesmo pelos usuários. Se recomenda, portanto, que haja um estudo a respeito da possibilidade de retomar a integração da área com o edifício, como no projeto original, requalificando também a área do jardim interno presente nesta região, por onde se daria o acesso ao espaço, e que após as restrições ficou em desuso.

» Área perto da entrada, jardim, CEC e restaurante como ponto de encontro e integração.

Se acredita que, com a implementação das recomendações citadas anteriormente, a região da extremidade sudoeste do edifício, no pavimento térreo, poderia voltar a configurar um ponto importante dentro do edifício, se tornando um setor de convivência e descompressão. Assim, além de suprir a demanda existente por espaços adequados para este fim, também possibilitaria desafogar as áreas que hoje apresentam uma demanda maior do que pode comportar, como a área das mesas de estudo, reduzindo os conflitos gerados pela diversidade de usos que esta abriga.

» Setorização das áreas das mesas de estudo

Hoje, existem três espaços distintos do edifício ocupados por mesas de estudo. Apesar de abrigarem as mesmas atividades, a dinâmica de ocupação do seu entorno proporcionam situações distintas de conforto, ruído, privacidade etc. Uma questão que poderia ser debatida e estudada é a possibilidade de setorização destas áreas, priorizando um fim específico para cada uma delas. Por exemplo, a área de mesas presente próximo à rampa amarela, localizada na extremidade nordeste do edifício, no pavimento superior, tem um maior potencial para abrigar momentos de estudos individuais ou onde é necessário um ambiente um pouco mais silencioso - já que, conforme citado anteriormente, se encontra em uma região com menor fluxo de pessoas, por estarem mais distantes das salas de aula da graduação e da entrada do edifício. Para essas regiões, poderiam ser estudadas a proposição de mobiliário que apresente divisórias entre os espaços de trabalho, possibilitando momentos de estudo com maior privacidade. Já a área presente no pavimento térreo, próximo à entrada e ao lado de ambientes importantes de integração como restaurante e CEC, poderia comportar atividades como trabalhos em grupo, onde é necessário maior interação entre os usuários. Tal setorização precisaria ser debatida, e caso seja adotada, poderia ser comunicada por sinalização presente junto às mesas existentes.

» Revitalização dos jardins internos

A revisão do mobiliário existente nos jardins, adotando cadeiras mais confortáveis, cujo acesso seja facilitado e com limpeza mais frequente, poderia estimular o uso do espaço em momentos de descanso, com maior privacidade - visto que grande parte destes se encontram em pontos do edifício com menor fluxo de pessoas e distante das salas de aula mais acessadas. Como o espaço já existe e possui esse potencial, a intervenção poderia ser realizada a princípio em um dos jardins elencados, a fim de avaliar os reflexos que a mudança traria para o uso do espaço, avaliando a possibilidade de intervenção nos demais.

Liberação do acesso ao prédio pela entrada do atual CEC

Facilitando o fluxo proveniente da Av. Prof. Almeida Prado, e movimentando o setor de convivência, o tornando mais convidativo ao uso e mais acessível.



Exemplo de mobiliário de descanso.
Fonte: Parklet na Avenida Paulista/São Paulo - Onwe Blog - Parklets pelo mundo

Uso dos jardins como área de descanso

Proposta de novo mobiliário que seja mais confortável e convidativo para permanência.



Criação de um setor de convivência e integração no Pavimento Térreo

Retomada do restaurante e possibilidade de reintegrá-lo ao edifício

Figura 57 - Resumo das recomendações ára área de convivência do Edifício Paula Souza
Fonte: Anotações de autoria própria, realizadas sobre plantas dos edifícios disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

CAPÍTULO 8

Edifício Vilanova Artigas - FAUUSP



Edifício Vilanova Artigas.
Foto: autoria própria.
Novembro de 2022.

"Admiro os poetas. O que eles dizem com duas palavras a gente tem que exprimir com milhares de tijolos."
João Batista Vilanova Artigas²².

8.1 IMPLANTAÇÃO E RECorte ANALISADO

O edifício Vilanova Artigas está localizado na Rua do Lago, entre os edifícios do Instituto de Matemática e Estatística (IME) e da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Como apresentado no Capítulo 4.2, sua localização foi pensada de forma a integrar o Corredor das Humanas, previsto pelos arquitetos responsáveis pelos projetos elaborados no período de desenvolvimento do Plano de 1962 para a Cidade Universitária.

Assim como na Escola de Comunicação e Artes, para possibilitar a realização do estudo no período disponível, se fez necessário realizar um recorte. Embora os edifícios anexos - tanto a Seção Técnica de Modelos, Ensaios e Experimentações Construtivas da FAUUSP (STMEC, denominada anteriormente de LAME) quanto o espaço do Canteiro Experimental -, localizados ao lado do edifício Vilanova Artigas, também façam parte da área da escola, estes não foram analisados no presente trabalho, focando apenas no edifício principal.

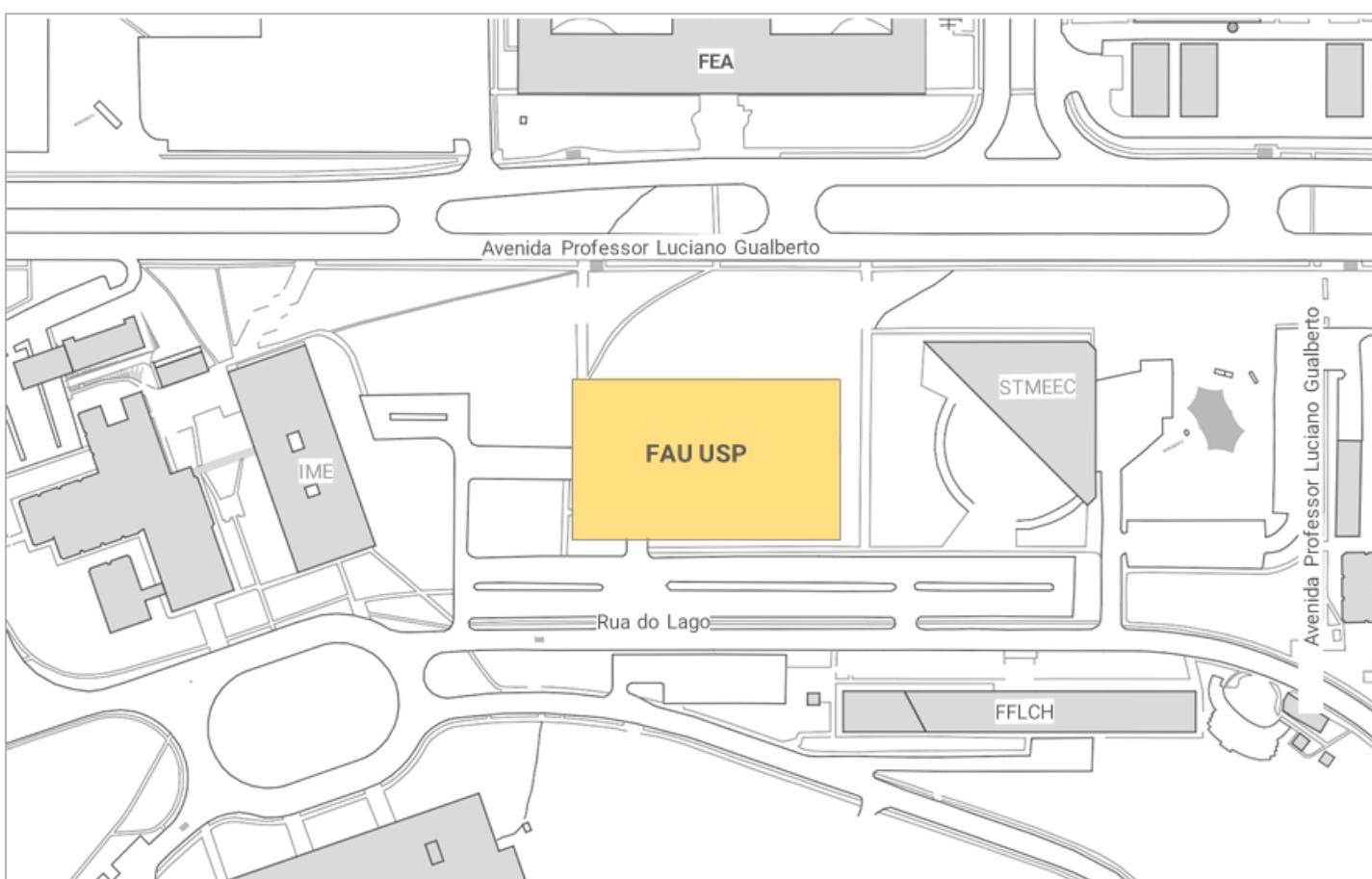
8.2. O PROJETO E O PROGRAMA

» Os cursos

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo abriga dois cursos de graduação: o curso de Arquitetura e Urbanismo, lecionado em período integral, com aulas tanto no período da manhã quanto da tarde; e o curso de Design, cujas aulas são lecionadas no período noturno. O curso de Arquitetura e Urbanismo utiliza o edifício desde sua construção, em 1970, e atualmente possui turmas de 150 alunos. Já o curso de Design teve sua primeira turma apenas em 2006²², e desde então ocupa o edifício no período noturno, com turmas menores, de 40 alunos.

²² Vilanova Artigas citado em "Arquitetura no Rio Grande do Norte: uma introdução" - Página 10, de Pedro de Lima - Publicado por Cooperativa Cultural Universitária, 2002 - 120 páginas.

²³ Histórico e Edifícios. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.fau.usp.br/institucional/historico-e-edificios/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.



LEGENDA

Ano de construção

1969

0 50 100
(dimensões em metro)



Figura 58 - Implantação do edifício Vilanova Artigas na CUASO.
Fonte: Projeto disponibilizado pela Superintendência do Espaço Físico (SEF).

Tabela 7 - Cursos de graduação oferecidos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

INSTITUTO	EDIFÍCIO	CURSOS	PERÍODO	TAMANHO DAS TURMAS [ALUNOS]
FAU	Edifício Vilanova Artigas	Arquitetura e Urbanismo	Integral	150
		Design	Noturno	40
TOTAL				190

» O projeto

O **edifício Vilanova Artigas**, projetado entre 1961 e 1962 e construído de 1968 a 1969, possui quatro pavimentos distribuídos em meios níveis, interligados por rampas. O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU USP) parte de uma situação particular em comparação aos demais analisados. Conforme citado por Cabral (2018), os arquitetos chamados para compor o grupo que seria responsável pelo projeto de cada um dos edifícios previstos para o campus naquele período receberam o organograma detalhado que deveria ser seguido em cada projeto, a fim de atender as necessidades levantadas pelo então arquiteto responsável Savério A. F. Orlando. A exceção, segundo relatos de Orlando *apud* Cabral (2018), foi o edifício que viria a ser elaborado pelo arquiteto e professor da escola Vilanova Artigas, que ficou encarregado de realizar também a construção do programa de necessidades da FAU USP, aliado à elaboração do projeto arquitetônico do novo edifício.

Em paralelo à elaboração do projeto, Artigas se dedicou também a promover reflexões a respeito dos princípios base que deveriam ser abordados nas escolas de arquitetura, propondo uma reestruturação do curso de graduação, com a divisão do mesmo por departamentos - da forma que se encontra até hoje, com divisão das disciplinas entre os Departamentos de História, Projeto e Tecnologia. Além disso, conforme relatado no Capítulo 4.2, o projeto está inserido em um contexto da universidade onde a integração entre os estudantes era um dos princípios base, dando grande importância aos espaços de convivência. Ambos os pontos impactaram fortemente o projeto proposto por Artigas.

"Assim é que, no decorrer do ano de 1961, **o projeto do novo edifício surge da materialização das questões levantadas e discutidas na época** sobre o significado do ensino de arquitetura e suas necessidades de evolução." (ORNSTEIN, 1991, p. 413)

Reconhecido como um edifício representativo da arquitetura moderna paulista, foi construído em estrutura de concreto armado aparente e moldada in-loco, dando destaque à soluções estruturais com grandes vãos, balanços, espaços amplos e abertos, empregando ao mesmo tempo grandes volumes e peças esbeltas. Conforme apontado por Ornstein (1992), "o edifício da FAU compreende em seu programa uma grande gama de tipos de

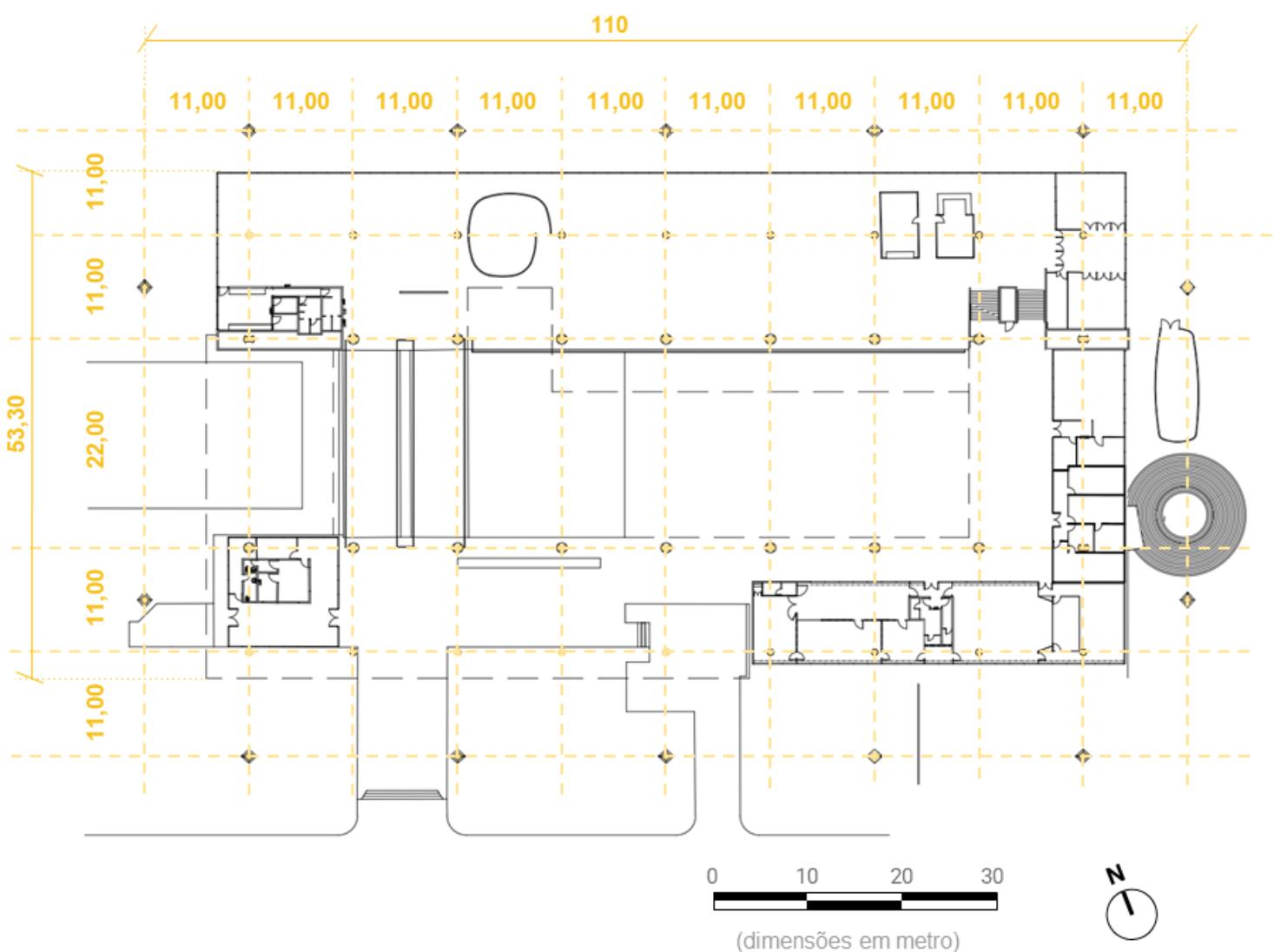
ambientes: '(...) enterrados, semi-enterrados, térreos, intermediários sob cobertura, com pé direito, recintos abertos, fechados, exposições variadas (...)' (Frota, 1982, p. 81)". O edifício possui um formato que se aproxima a um paralelepípedo com dimensões de 110 metros - no sentido paralelo à rua de ingresso - por 66 metros - na outra direção. A estrutura da cobertura é formada por uma grelha composta por vigas invertidas, apoiada em pilares que se distribuem em uma malha com vãos de 11 metros ou 22 metros (Figura 59). O sistema de grelha da cobertura, juntamente com os pilares e as quatro grandes empenas que cercam os pavimentos superiores, constituem o corpo principal da estrutura do edifício Vilanova Artigas.

A cobertura é composta por domos translúcidos, afastados da estrutura em que se apoiam, de forma a permitir a iluminação e a ventilação natural do edifício. Na parte interna, predominam também os grandes planos de concreto aparente, com exceção das paredes que formam as prumadas dos banheiros, feitas com alvenaria para embutir as instalações prediais, e pintadas nas cores vermelho e azul, se destacando da estrutura principal. Como apresentado por ORNSTEIN (1991), a maior parte dos vedos internos do edifício são formados por divisórias.

Os pavimentos superiores não possuem conexão com o ambiente externo, já que sua vedação é realizada pelas grandes empenas de concreto - que funcionam também como grandes vigas, apoiando a estrutura da cobertura -, e toda a iluminação natural é proveniente da cobertura. Os pavimentos inferiores contrastam com os superiores, apresentando um perímetro composto por esquadrias piso-a-piso de ferro e vidro, e por grandes aberturas no térreo que permitem o livre acesso ao edifício, se destacando visualmente do grande bloco formado pelas empenas.

A circulação entre os pavimentos é marcada pelas amplas rampas de acesso, que fazem a conexão entre os andares do edifício. Na outra extremidade dos pavimentos há também uma escada e um elevador, que junto às rampas compõem a circulação vertical. A circulação e os diferentes níveis que compõem os pavimentos superiores se distribuem ao longo do perímetro externo do edifício, criando um grande vazio central que encontra, no pavimento térreo, o Salão Caramelo - idealizado pelo arquiteto para funcionar como uma grande praça. A disposição dos diferentes níveis integrados por esta circulação voltada ao vazio central cria uma permeabilidade visual entre os diferentes espaços do edifício.

Uma das obras pioneiras da arquitetura moderna e brutalista, utiliza ao máximo a potencialidade do concreto aparente, enquanto inovação tecnológica na época, associado a ideias básicas, como a esbeltez das peças estruturais, os grandes vãos, as amplas aberturas, **"objetivando alcançar a impressão de liberdade através da amplitude óptica e física possibilitada pelos espaços internos, de tal forma que os alunos pudessem sempre trabalhar e conviver integradamente"** (Scarazzato, et. all, 1990), assim como um resultado plástico altamente expressivo "subordinado a uma expressão semântica que, além de um sentido cultural, exerce uma **presença modificadora influenciando o grupo, a "coletividade"**" (Corona, 1969, p.21), em Ornstein (1991, p. 413-414, grifo próprio)



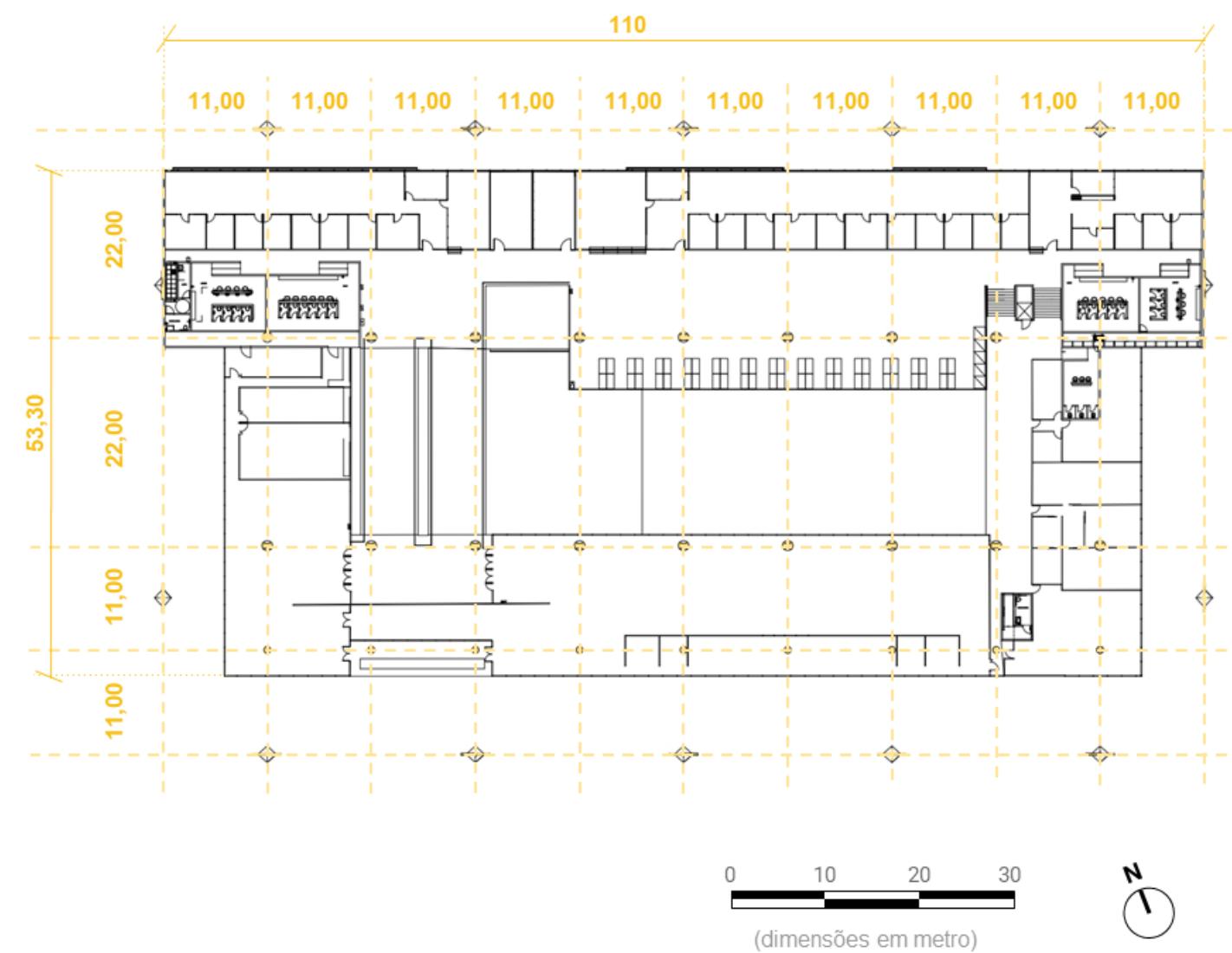


Figura 60 - Planta dos níveis 5 e 6, com destaque para a malha estrutural
Fonte: Adaptação realizada sobre Planta do Conjunto da ECA, disponibilizada

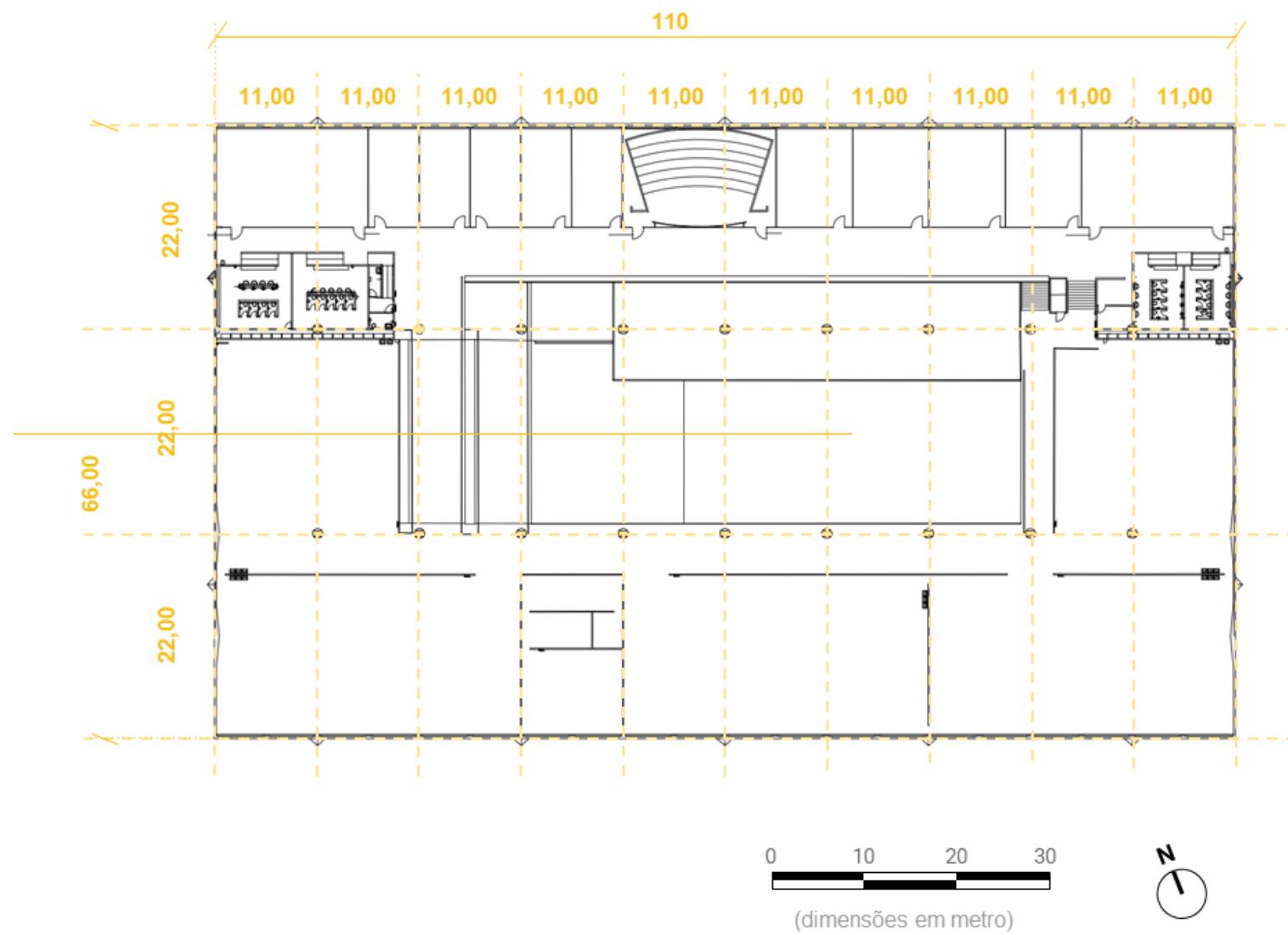


Figura 61 - Planta dos níveis 7 e 8, com destaque para a malha estrutural
Fonte: Adaptação realizada sobre Planta do Conjunto da ECA, disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

» Diversidade de Usos

No edifício Vilanova Artigas, as salas de aula de exposição teórica ocupam uma porcentagem pequena do edifício, comparado aos analisados anteriormente, e estão localizadas no oitavo nível, sendo o ponto mais alto do prédio, ao final do último lance de rampa. O corredor que dá acesso às salas é amplo, e possui um banco de concreto localizado junto à empêna que limita o pavimento, acompanhando toda sua extensão (Figura 64). Foi observado que, pelas dimensões e configurações do espaço, o corredor das salas abriga funções que ultrapassam a função primária de circulação, constituindo também um espaço de encontro entre os usuários. Ao mesmo tempo, a região mais próxima aos bancos funciona como ponto de espera e de descanso, sendo utilizado principalmente em horários que antecedem o início das aulas e ao fim das mesmas, ou pontualmente durante os intervalos. A largura de aproximadamente 5,00 metros permite que ambos os usos ocorram simultaneamente, sem prejuízos à circulação. No entanto, uma reclamação muito comum entre os usuários, conforme relatado, é a interferência com as salas de aula: quando há grupos de pessoas conversando nas proximidades das divisórias que limitam o espaço, os ruídos gerados no corredor atrapalham as exposições teóricas.

O sétimo nível - um lance de rampa abaixo do nível das salas - é ocupado majoritariamente pelos estúdios. Nesses espaços ocorrem as aulas práticas dos cursos de graduação, cujos trabalhos são frequentemente realizados em grupos de alunos (Figura 65). Além disso, conforme observações realizadas em visita e nos relatos, é muito comum a permanência dos estudantes também fora do período das aulas - seja para elaboração de trabalhos de outras disciplinas, para reuniões de turma ou de outros grupos estudantis, para estudos individuais, conversas informais entre os usuários e até mesmo para descanso em horários de almoço.

Além dos estúdios, existem outros dois espaços no edifício utilizados em momentos de estudo: o espaço com mesas presente na área interdepartamental (conhecido como AI), em frente à área ocupada por salas de professores, de reunião e secretaria dos três departamentos da escola, no sexto nível; e as áreas de estudo presentes na biblioteca, no quinto nível. Pelos relatos dos estudantes, o AI (Figura 66) é bastante utilizado tanto para estudos individuais quanto para trabalhos em equipe realizados em horários fora do período das aulas práticas, tanto pela disponibilidade de tomadas - que nos estúdios costuma ser insuficiente - quanto pelo menor ruído proveniente da menor quantidade de pessoas em comparação aos estúdios. Por estar mais afastado da cobertura, alguns usuários relataram também priorizar este espaço em detrimento dos andares superiores especialmente em dias mais quentes. Já as mesas disponíveis na biblioteca da escola (Figura 66) são muito utilizadas em momentos de estudo individual e de leituras. A área externa da biblioteca, com banco de concreto voltado ao exterior do edifício, também foi pontuado como um local de descanso, devido ao seu acesso mais reservado, sendo um ambiente mais silencioso.



Edifício Vilanova Artigas- Planta Subsolo (níveis 1 e 2)



Edifício Vilanova Artigas- Planta Térreo (níveis 3 e 4)

LEGENDA

Aulas	Sala professores	Biblioteca	Circulação
Laboratório	Administrativo e apoio	Área livre	Estudos em grupo



Figura 62 - Análise da distribuição do programa nos espaços do edifício Vilanova Artigas.

Fonte: Anotações de autoria própria, realizadas sobre plantas dos edifícios disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

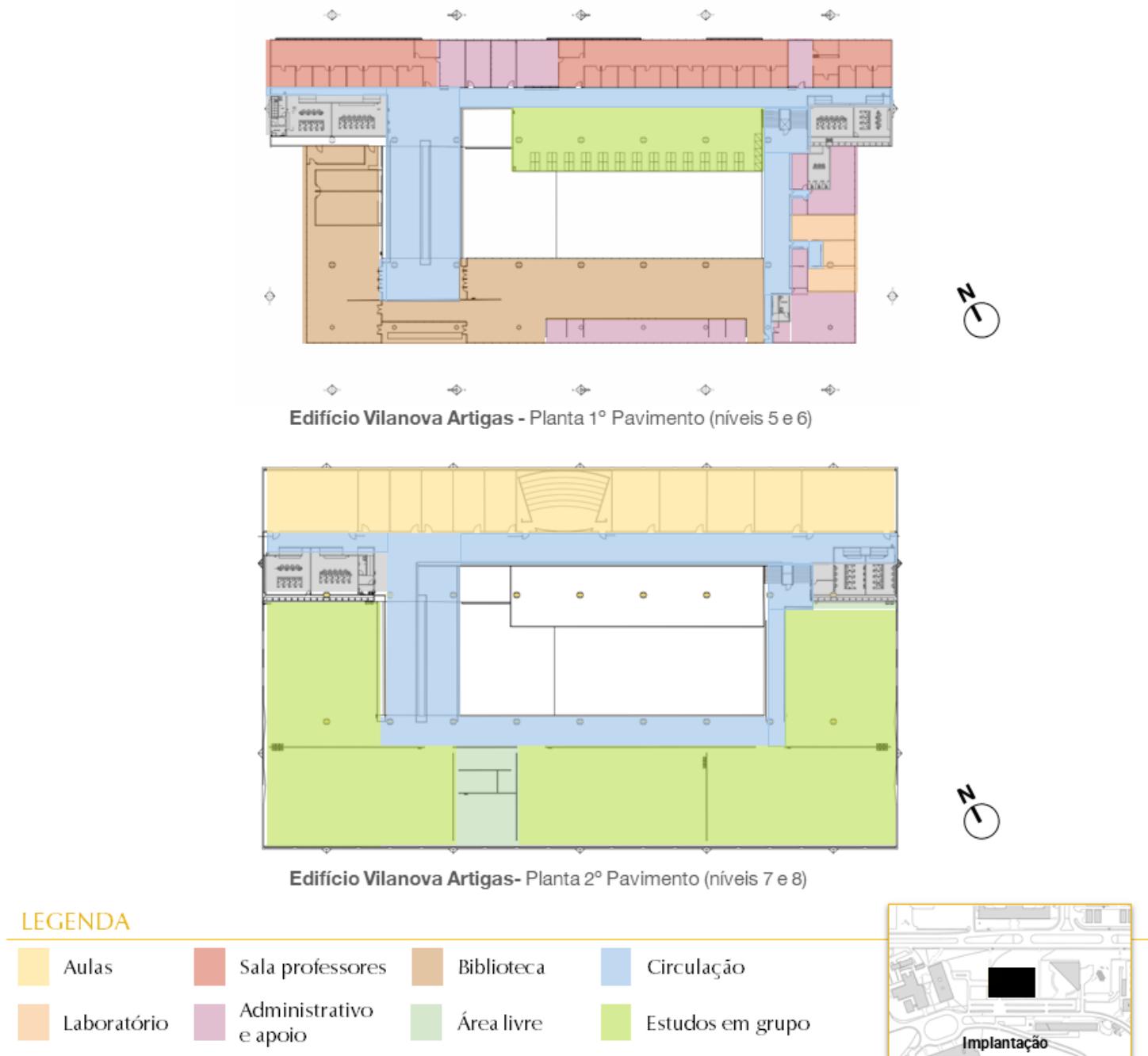


Figura 63 - Análise da distribuição do programa nos espaços do edifício Vilanova Artigas.

Fonte: Anotações de autoria própria, realizadas sobre plantas dos edifícios disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

Corredor de acesso às salas

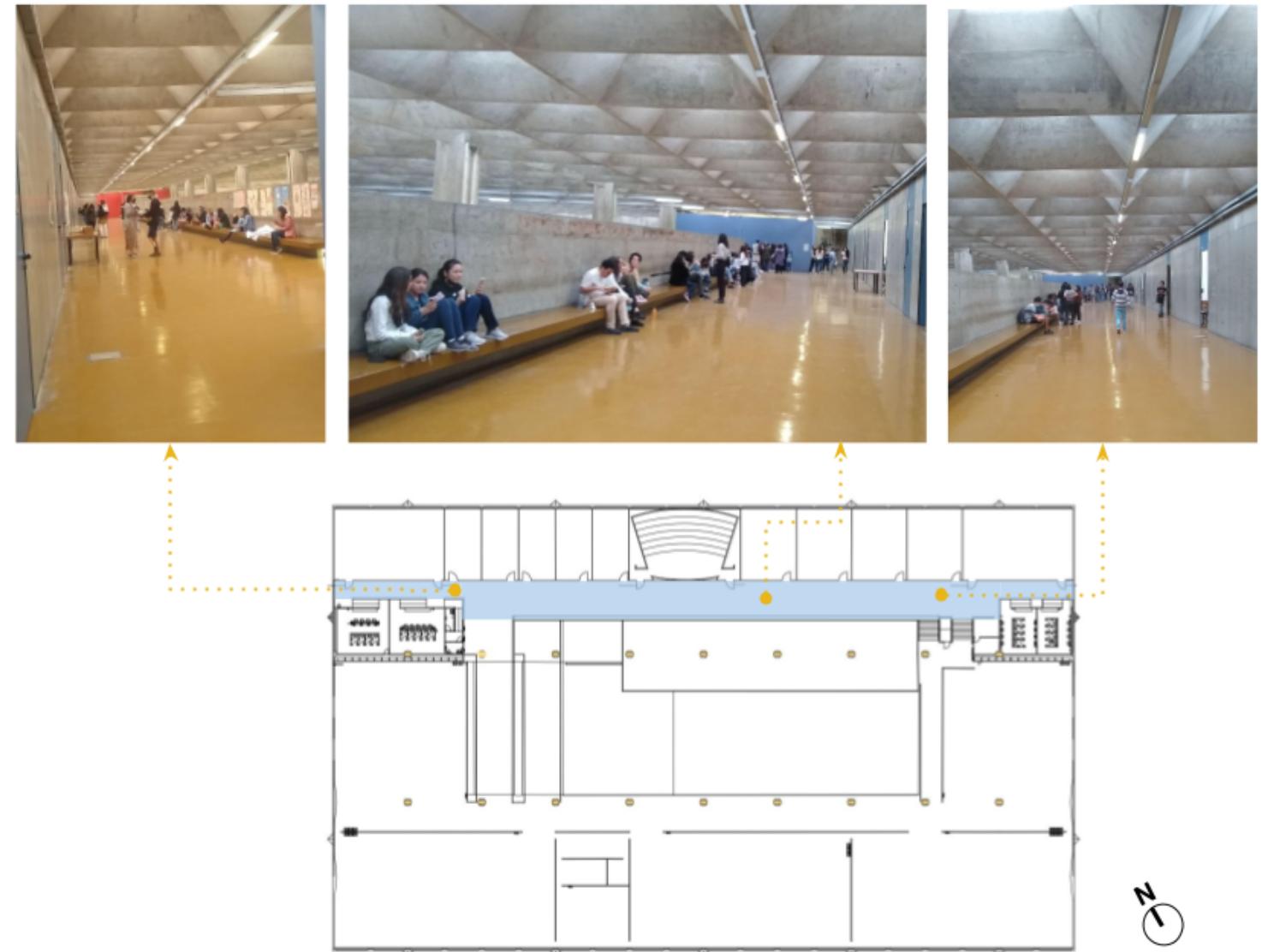
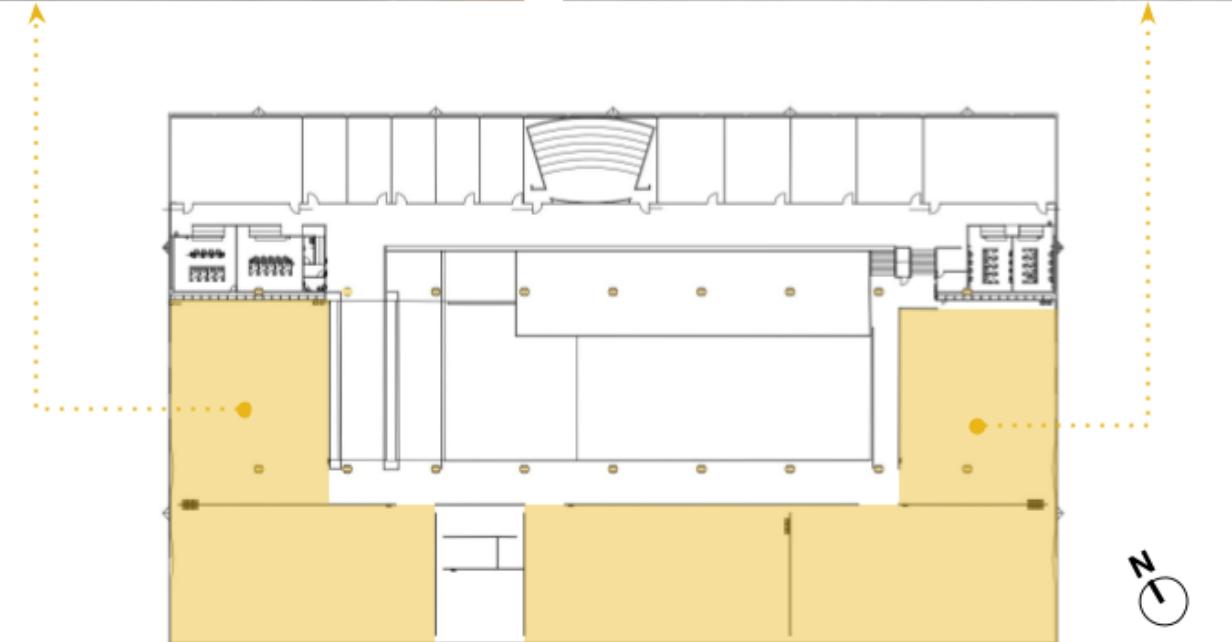
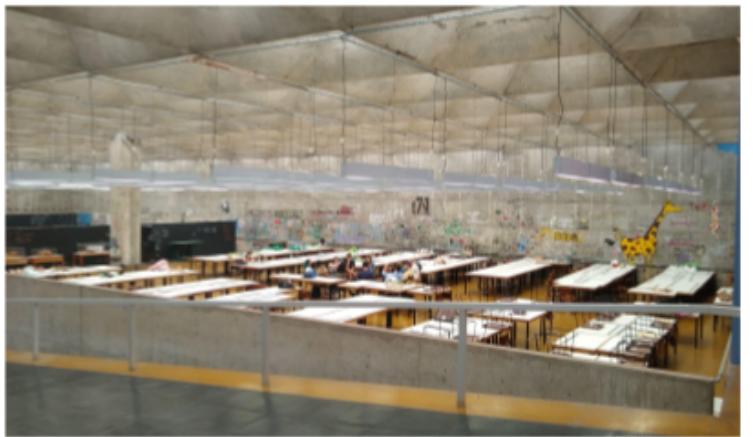


Figura 64 - Corredor de acesso às salas de aula do edifício Vilanova Artigas.

Fotos: Autoria própria. setembro de 2022.

Estúdios



Edifício Vilanova Artigas - Planta 2º Pavimento (níveis 7 e 8)

Figura 65 - Estúdios de aulas práticas e trabalhos em grupo do edifício Vilanova Artigas.

Fotos: Autoria própria. setembro de 2022.

Área de estudos - AI e Biblioteca



Edifício Vilanova Artigas - Planta 1º Pavimento (níveis 5 e 6)

Figura 66 - Área de estudos presentes no AI e na Biblioteca do edifício Vilanova Artigas.

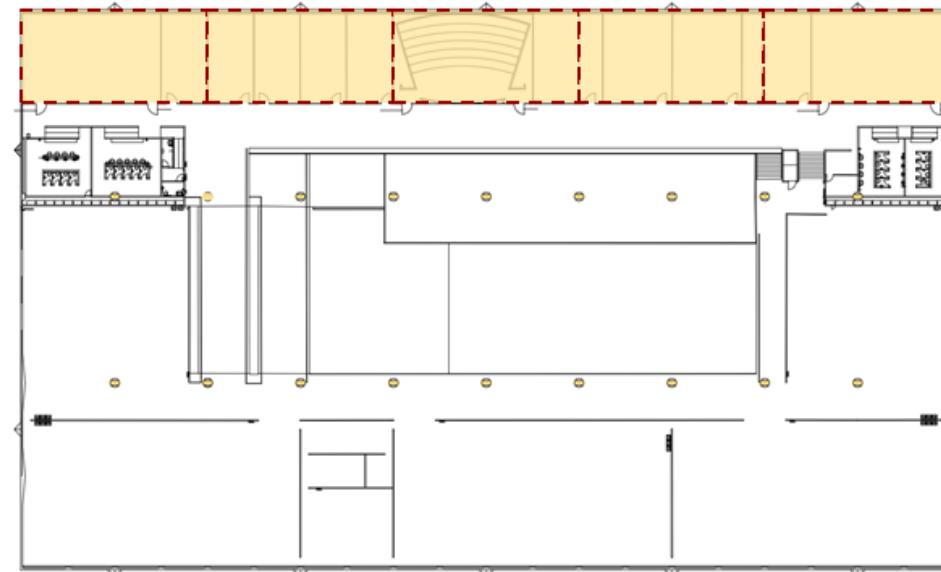
Fotos: Autoria própria. novembro de 2022.

O nível mais baixo, o subsolo, é ocupado pelo auditório e por áreas administrativas, enquanto o nível acima deste abriga laboratórios, áreas administrativas e de apoio. No térreo também estão presentes alguns setores administrativos da escola, incluindo a sala da diretoria.

Conforme apresentado por Ornstein (1991), no caderno em que a autora apresenta os resultados da Avaliação Pós-Ocupação realizado no edifício no início da década de 1990, já se notava que desde sua inauguração em 1970 até a data de realização do estudo, as compartimentações internas do edifício da FAU USP já havia passado por inúmeras modificações, seja para abrigar as demandas que surgiram com o tempo, seja por novas áreas administrativas, por mais salas de professores - similar ao ocorrido na EPUSP Civil - como também por demandas relacionadas ao aumento das turmas de graduação que utilizam o prédio. Como o edifício apresenta uma estrutura em concreto armado independente, com grandes vãos e vedos internos formados majoritariamente por divisórias, há uma flexibilidade para o rearranjo das salas, o que segundo Ornstein (1991), de 1970 até 1991 ocorreu principalmente nas áreas administrativas e dos departamentos, nos níveis 5 e 6.

Nas plantas do Anteprojeto apresentadas por Cabral (2018), se nota também que eram previstas apenas 5 salas, de maiores proporções e que, assim como ocorreu na EPUSP Civil, as mesmas foram repensadas e as divisões foram refeitas, subdividindo o mesmo espaço em salas de diferentes tamanhos - hoje, ao invés de 5 salas, existem 12. Outra mudança bastante importante que ocorreu após este período, é a transferência da oficina de modelos que ocupava boa parte do subsolo, para o edifício Anexo - liberando a área que hoje é ocupada pelos laboratórios.

Já as áreas livres e de convivência presentes no edifício, apesar de terem sido alvo de muitas críticas desde o início da sua construção, foram mantidas tal como idealizadas pelo arquiteto. O piso térreo, por onde se dá o acesso ao edifício da FAU USP, funciona como uma grande praça. A entrada aberta e convidativa se encontra com as rampas, o banco dos bixos - banco em concreto posicionado ao longo do fosso do auditório -, e o Salão Caramelo (Figura 68). Toda a circulação do edifício, incluindo a entrada, os corredores e as rampas de acesso, são amplos, e foram pensados para funcionarem também como pontos de encontro. Assim, é comum encontrar grupos de pessoas conversando ao longo das áreas de circulação do prédio, inclusive nas rampas. Os bancos presentes em espaços de passagem são também pontos de espera e de descanso, presentes em diferentes níveis do edifício: o banco de concreto presente na entrada e na área externa da biblioteca, e os bancos de madeira presentes no Salão Caramelo e em frente à Seção de Graduação (Figura 69).



LEGENDA

- Configuração das salas de aula no Anteprojeto de 1961
- Configuração atual, conforme dados SEF.



Figura 67 - Comparaçao entre salas de aula atuais e salas presentes no Anteprojeto de 1961.

Fonte: Anotação realizada sobre planta do edifício disponibilizada pela Superintendência do Espaço Físico - SEF, com base em planta de 1961 elaborada pelo arquiteto Prof. Dr. João Batista Vilanova Artigas e reproduzida em Cabral (2018).

Caramelo e Banco dos bixos



Figura 68 - Salão Caramelo e Banco dos Bixos presentes na entrada do edifício Vilanova Artigas.
Fotos: Autoria própria. outubro de 2022.

Bancos dispostos junto à circulação

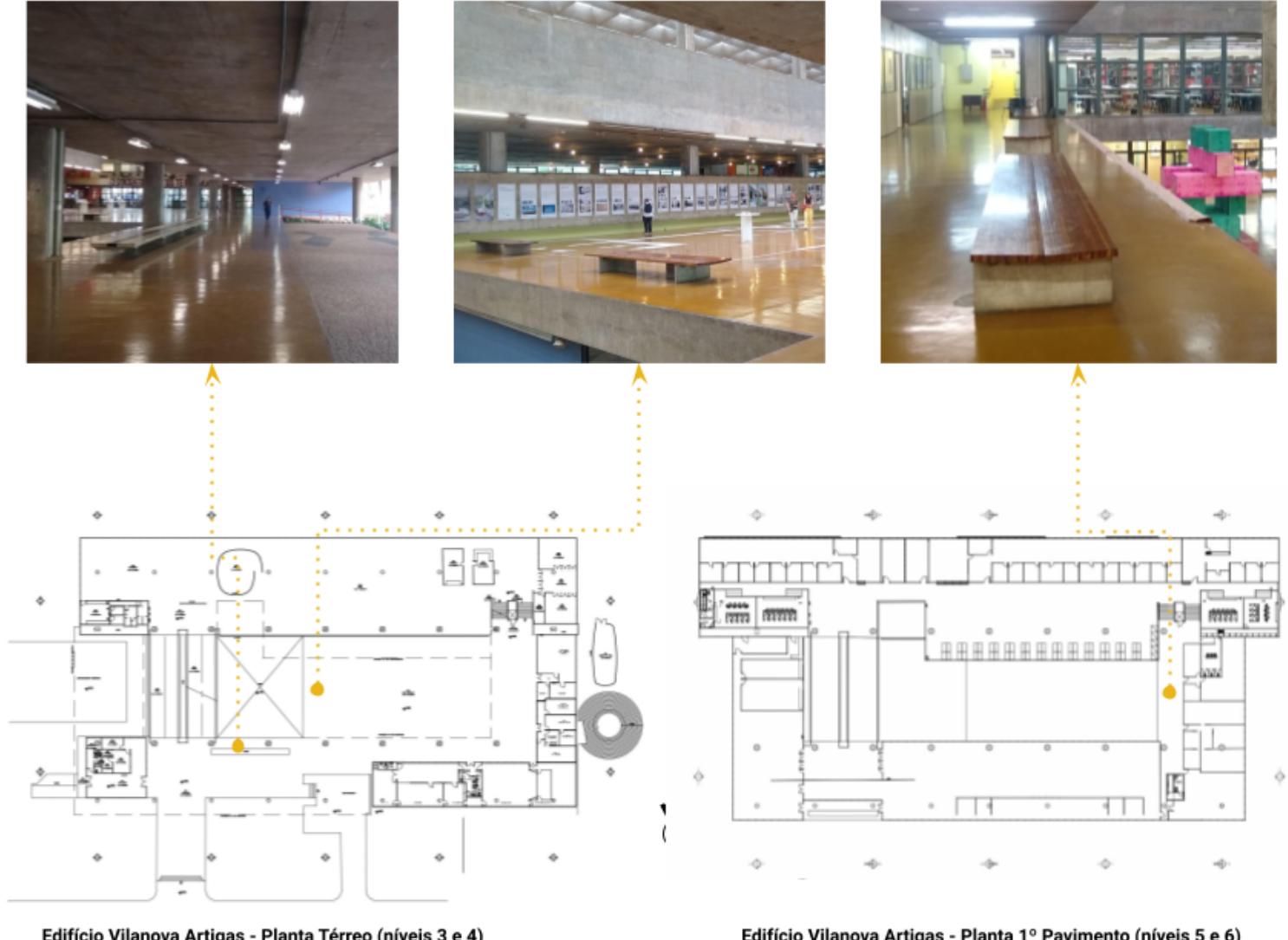


Figura 69 - Bancos dispostos junto à circulação no edifício Vilanova Artigas.
Fotos: Autoria própria. novembro de 2022.

Restaurante

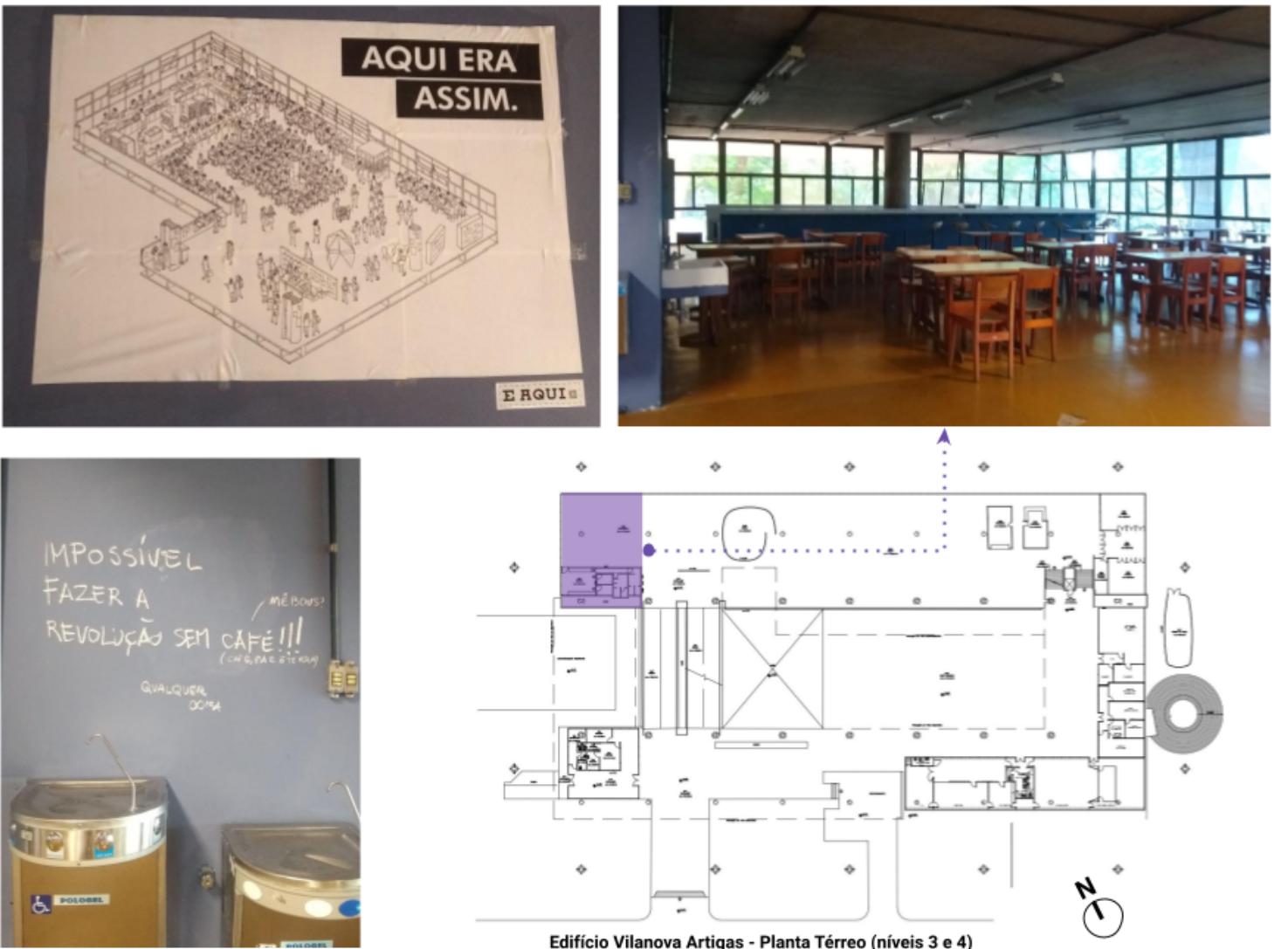


Figura 70 - Área no edifício Vilanova Artigas antes ocupada pelo restaurante.

Fotos: Autoria própria. novembro de 2022.

Piso do museu



Figura 71 - Caracol (à esq.) e mobiliários presentes no Piso do Museu, no edifício Vilanova Artigas.

Fotos: Autoria própria. novembro de 2022.

No nível acima do acesso, ao final do primeiro lance de rampa, se encontra o Piso do Museu, de gestão do corpo discente, e que abriga as salas do Centro Acadêmico e da Atlética, a gráfica e a papelaria. Além disso, é nesse piso, logo ao final da rampa, que se encontra a área da lanchonete, desativada em meio a pandemia de Covid-19 e que hoje se encontra desocupada (Figura 70). Conforme observações e pelos relatos colhidos, o local que hoje se encontra vazio e ocioso já foi um dos pontos mais movimentados do edifício em período de intervalo e almoço, se configurando como um ponto importante de encontro e integração entre os usuários do edifício.

Ao lado da lanchonete se encontra a estrutura conhecida como “caracol” (Figura 71) onde, antes da adoção das aulas a distância em momentos de agravamento da pandemia de covid-19, eram realizadas aulas de tango. Além disso, o espaço era também usado em debates de outros grupos, como o Coletivo Feminista Mayumi Watanabe, já que garantia um pouco mais de privacidade do que os espaços abertos como o restante do Piso do Museu. O espaço entre o Caracol e a gráfica permanece vazio, com poucos mobiliários dispersos pelo piso e em situação precária - com mesas e cadeiras quebradas, com cupim e bastante sujas. Por vezes, é comum encontrar também algumas poucas redes, de propriedade do grêmio, penduradas em estruturas metálicas fixadas no piso e na laje, utilizadas por alguns estudantes para momentos de descanso. Alguns alunos relataram achar a iniciativa interessante, mas não se sentirem confortáveis para utilizá-las devido ao estado precário das mesmas.

A Avaliação Pós-Ocupação coordenada por Ornstein no edifício em 1990 já apontava uma preocupação com a existência de espaços ociosos no edifício, como o espaço que hoje é o Estúdio 3, e o espaço entre o Caracol e a gráfica no Piso do Museu. Acredita-se que a atual ausência da lanchonete, além de trazer inúmeros transtornos para os usuários, que precisam se locomover até edifícios vizinhos para realizar refeições, também contribuiu para o esvaziamento dos demais espaços deste pavimento. Hoje se percebe que, com exceção de eventos esporádicos como os happy hours organizados pelas entidades estudantis, a exibição de jogos da copa e documentários, ou em assembleias de estudantes dos cursos, o espaço se encontra ocioso na maior parte do tempo. Alguns estudantes relataram que costumavam usar bastante a área mais próxima à lanchonete nos intervalos, tanto pelo café quanto pela possibilidade de sentar em mesas próximas à janela, com vistas para o exterior, o que tornava o espaço agradável e propício para momentos de descompressão e descanso. No entanto, hoje pouco se utiliza, pela ausência da cantina e, conforme relatos, por incômodo com a falta de limpeza e situação precária do mobiliário presente no local.

Apesar de configurarem como pontos fundamentais para a integração e convivência dos estudantes dentro do edifício - um dos princípios defendidos pelo arquiteto e pelo grupo de professores participantes do Plano de 1962 do qual integrava o novo prédio da

FAU -, os amplos espaços de circulação e a presença de áreas livres de diferentes formas, posicionadas em diferentes pontos do edifício da FAU USP, foram bastante criticadas - principalmente no momento onde se discutia sua construção, durante os primeiros anos da Ditadura Militar no país, onde se chegou a propor uma revisão do projeto arquitetônico do edifício projetado por Artigas. Conforme colocado por Contier (2015), uma das principais críticas ao projeto seria a presença de muitas áreas livres, alegando o baixo aproveitamento da área construída ao comparar o índice de alunos por metro quadrado existente no edifício.

Em 11 de outubro de 1965, foi apresentado o parecer decidindo pela manutenção do projeto de Artigas, uma vez que a substituição completa foi considerada mais custosa e demorada. No entanto, a comissão condicionava a realização da obra à “revisão da destinação das áreas”. O aspecto mais criticado era o baixo aproveitamento de alunos por metro quadrado, sendo necessário “conferir **maior funcionalidade interna**, o que não havia no projeto primitivo”. (...) Assinando o parecer, Pedro do Amaral Cruz conclui que apesar do “aspecto arquitetônico, excessivamente original, um tanto exótico mesmo”, o projeto de Artigas configuraria um “testemunho histórico de uma fase da arquitetura brasileira”. No entanto, as “grandes áreas livres” e “jardins cobertos” deveriam ser tratados com “menos poesia e maior realidade.” (CONTIER, 2015, p.288)

Apesar disso, o projeto foi construído, e embora tenha ocorrido o reposicionamento de algumas áreas previstas no projeto original - como a mudança da sala do grêmio, antes prevista para o subsolo, para o Piso do Museu -, Artigas conseguiu manter, sem interferências, grande parte das áreas de convivência que haviam sido planejadas.

» Conexão com o entorno

Como citado anteriormente, a implantação do edifício Vilanova Artigas foi pensado em conjunto com o Plano proposto para a Cidade Universitária em 1962, onde se previa a criação de um Setor das Humanidades. Nestes, havia o intuito dos arquitetos de criar uma integração entre os edifícios do setor, constituindo o Corredor das Humanas. Embora esse planejamento não tenha se concretizado, devido às mudanças políticas e econômicas já citadas no Capítulo 4 que levaram à revisão da maioria dos projetos previstos para o setor, o princípio da integração com o entorno é bastante presente no projeto da FAU USP.

O edifício está localizado entre o Instituto de Matemática e Estatística (IME), a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), a Avenida Luciano Gualberto e a Rua do Lago. A escolha pela disposição dos acessos do edifício voltados para a Rua do Lago, conforme colocado por Cabral (2018), teria uma motivação relacionada ao desejo de aproximação com as demais disciplinas de Ciências Humanas em detrimento do Setor Tecnológico, onde se localizava a escola Politécnica, que abrigava o curso de engenheiro-arquiteto antes da separação das profissões. Em entrevista concedida à

professora Neyde Cabral em 2003, o arquiteto Joaquim Guedes Sobrinho comentou a decisão tomada por Artigas e o grupo de arquitetos responsáveis pelos projetos do setor:

[...] a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que vinha da Poli, sintonizou com Ciências Humanas voltando as costas para as técnicas, que estavam do outro lado, e dizendo que faríamos aqui, inclusive, uma praça das humanas, em frente à FAU, naquele início de subida da rua do Matão.

Ficar de costas porque havia uma atitude assim, não de isolar as humanas, mas de dar a elas uma praça própria, nesse conjunto. [...] A ideia era desenhar uma coisa diferente aqui, que nunca foi desenhada. Falava-se muito na praça das humanas como um lugar de encontro dos sociólogos, dos arquitetos, dos filósofos, dos literatos, enfim, a ideia era acentuar a vocação humanística da Arquitetura, que se afastava um pouco da vocação técnica da Poli." (Cabral, 2018, p. 336)

Aparentemente, o acesso ao edifício não sofreu grandes transformações desde o início do período de uso. Por ser um edifício tombado como patrimônio, se tem inúmeras restrições para realização de intervenções, principalmente em elementos importantes do prédio. No caso da FAU USP, a integração interior-exterior é um ponto primordial no projeto, que conforme citado anteriormente materializa a ideia de conexão e integração em voga no período de elaboração do projeto arquitônico do edifício. O pavimento térreo do edifício está acima do nível da rua, e a entrada do edifício é feita atualmente em três pontos: pela rampa que dá acesso à portaria, localizada em uma das extremidades do pavimento térreo; pela escada presente em frente à área das rampas de circulação do edifício; e por uma escada e rampa de menor proporção, em madeira, posicionadas próximas à sala da diretoria (Figura 73). Os acessos conectam diretamente à rampa de circulação vertical e ao Salão Caramelo. Assim como nos demais edifícios analisados, o acesso está voltado à área de estacionamento da escola, com entrada disposta na fachada oposta à Avenida de maior fluxo e onde está localizado o ponto de ônibus mais próximo à escola - no caso da FAU USP, a Avenida Luciano Gualberto.

Uma mudança significativa porém temporária ocorreu durante os primeiros semestres de retomada às aulas presenciais após o período de adoção do EAD durante a pandemia de Covid-19. Devido às restrições de acesso determinadas para controle da transmissão do vírus, foi instituída uma regra aplicada a todos os edifícios da universidade, tornando obrigatória a identificação de todos os usuários que acessariam os espaços fechados do campus, com comprovação do calendário vacinal atualizado. Assim, na FAU USP, a medida utilizada foi a instalação de uma faixa no perímetro de entrada do edifício, restringindo o acesso pela escada principal, a princípio, e posteriormente à rampa de acesso da portaria.

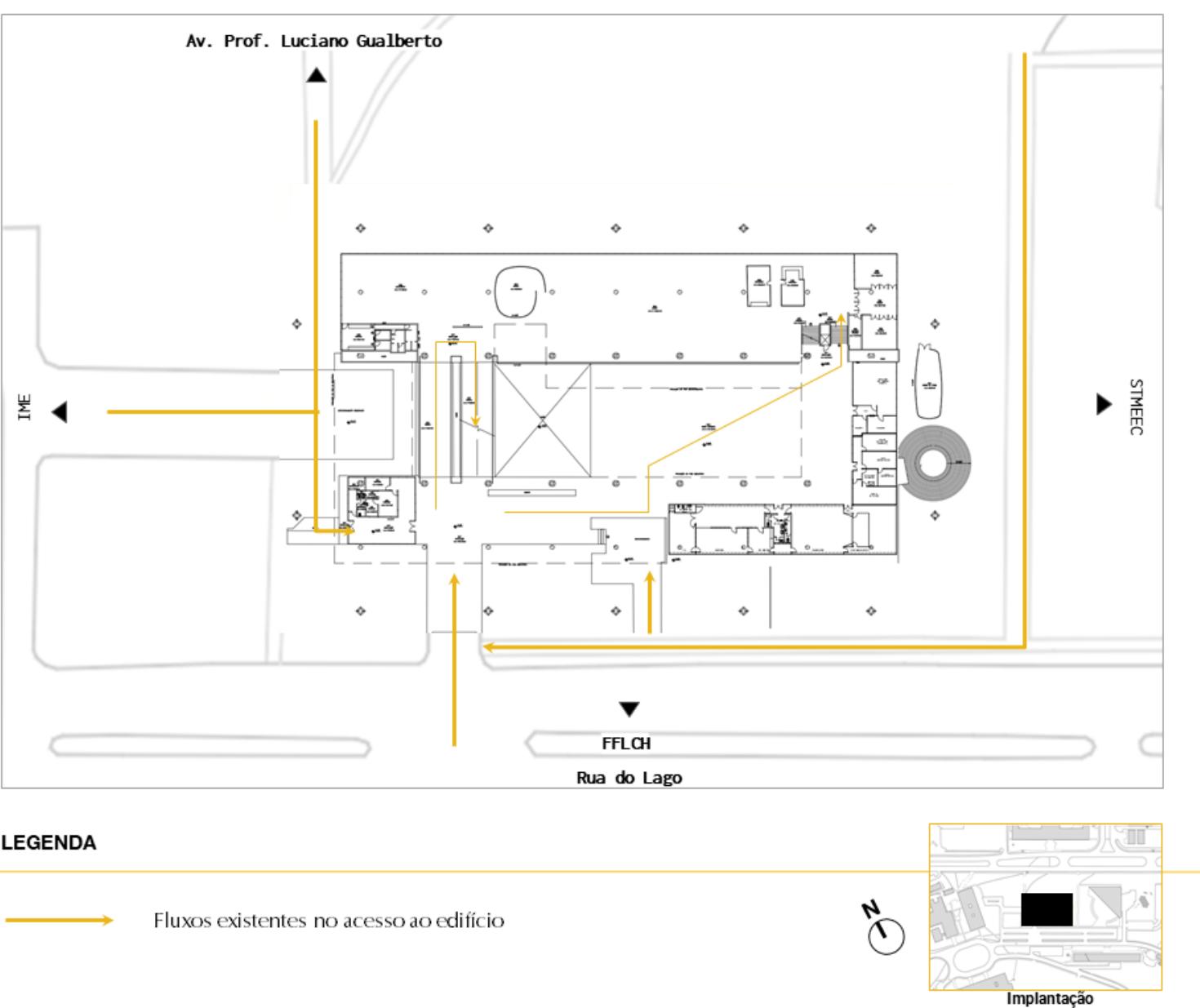
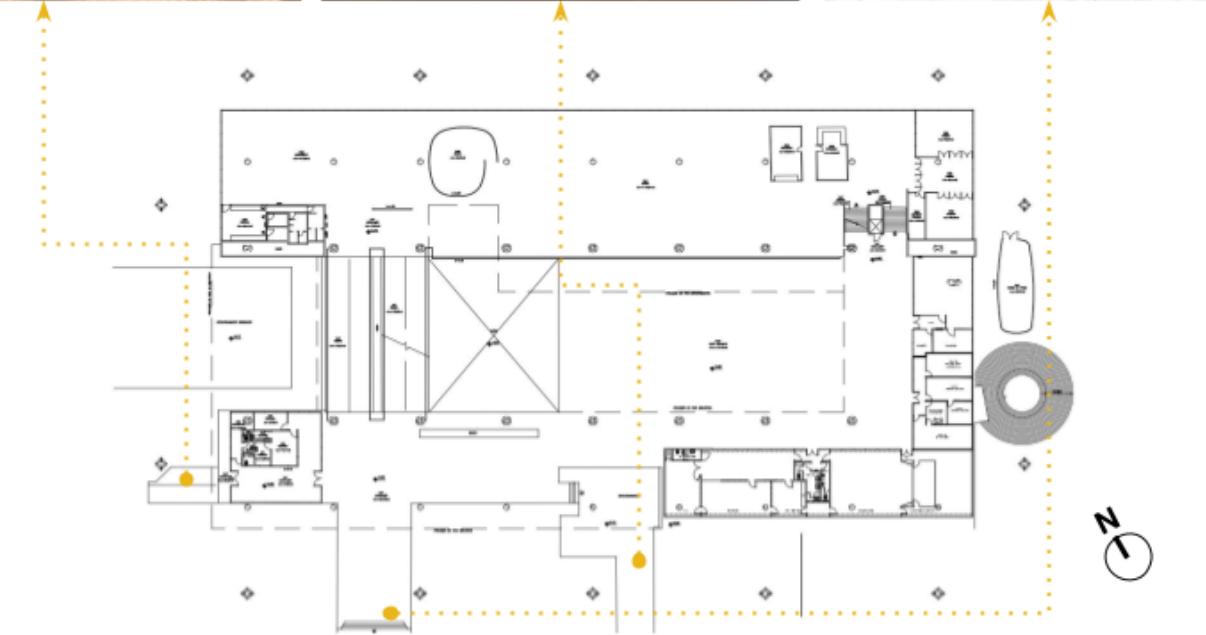
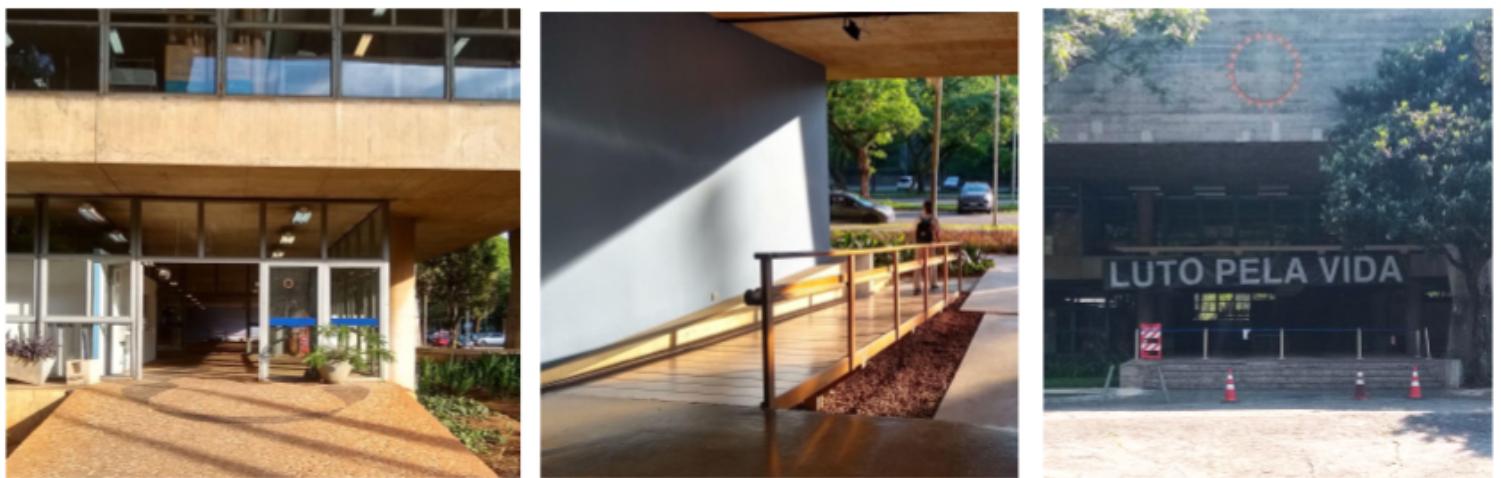


Figura 72 - Análise dos fluxos presentes no acesso ao Edifício Vilanova Artigas.
Fonte: Anotações sobre projeto disponibilizado pela Superintendência do Espaço Físico (SEF).

Acessos

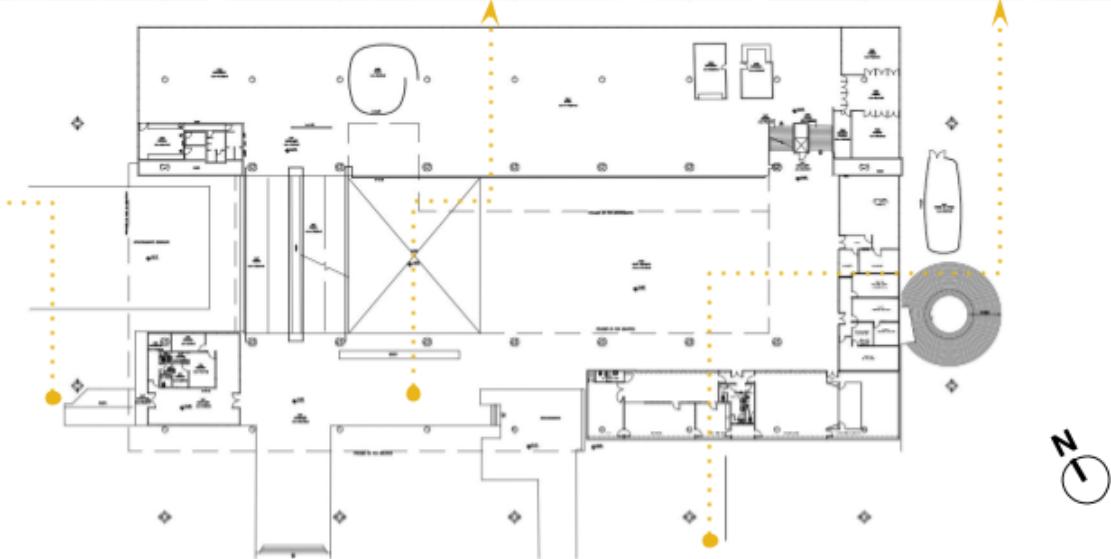


Edifício Vilanova Artigas - Planta Térreo (níveis 3 e 4)

Figura 73 - Acessos ao edifício Vilanova Artigas.

Fotos: Autoria própria. novembro de 2022 (fotos 1 e 2) e setembro de 2021 (foto 3).

Acessos



Edifício Vilanova Artigas - Planta Térreo (níveis 3 e 4)

Figura 74 - Corredores de acesso ao edifício Vilanova Artigas.

Fotos: Autoria própria. outubro de 2022.

» Apropriação e Identidade

Na FAU, é muito comum a exposição de trabalhos realizados nas disciplinas dos cursos, em diferentes pontos do edifício. As grandes empenas internas presentes em diversos níveis do prédio, em períodos de entrega de trabalhos como ao final do semestre, ficam repletas de pranchas produzidas pelos alunos em diferentes disciplinas. Nesses momentos, são usadas principalmente as empenas presentes no corredor das salas de aula e nos corredores que circulam os estúdios - onde também é comum a exposição nas paredes internas que dividem os ambientes.

Outro ponto bastante utilizado em exposições é o Salão Caramelo. O espaço central, visto de todos os pontos da rampa principal de acesso ao edifício, é frequentemente utilizado para exposições artísticas organizadas por entidades estudantis ou pela direção da própria escola, para exposição de trabalhos das disciplinas obrigatórias dos cursos, e também para manifestações dos estudantes em períodos de greve para reivindicar as pautas abordadas.

Além dos espaços citados, em que ocorrem exposições temporárias e de maior porte, há nas empenas do edifício diversas intervenções realizadas pelos estudantes, seja com grafites ou colagem de posters do tipo lambe-lambe. As paredes dos estúdios são os pontos principais destas intervenções, que já foram fruto de muitos debates dentro da escola - ao mesmo tempo em que as intervenções já se constituem uma marca de apropriação e identidade estudantil dentro da escola, há também uma preocupação com a preservação do patrimônio.

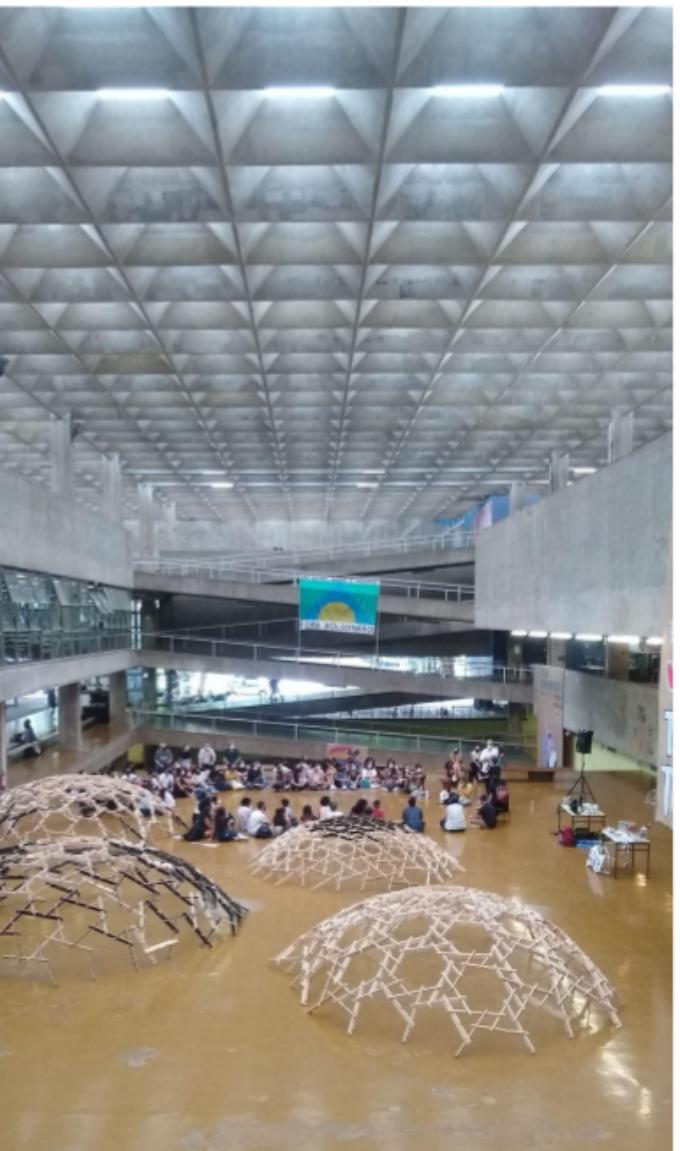
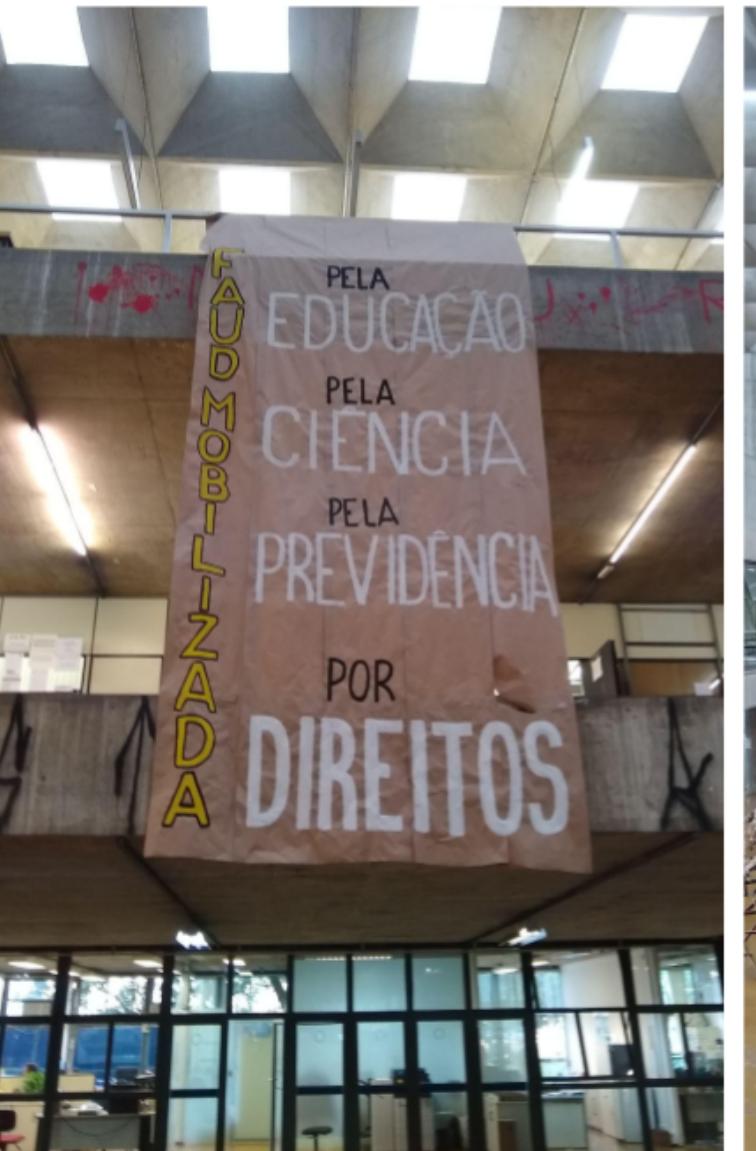
Exposição e intervenções



Figura 75 - Exposição e Intervenções Salão Caramelo.

Fotos: Autoria própria. 22 de maio de 2019.

Exposição e intervenções



Exposição e intervenções

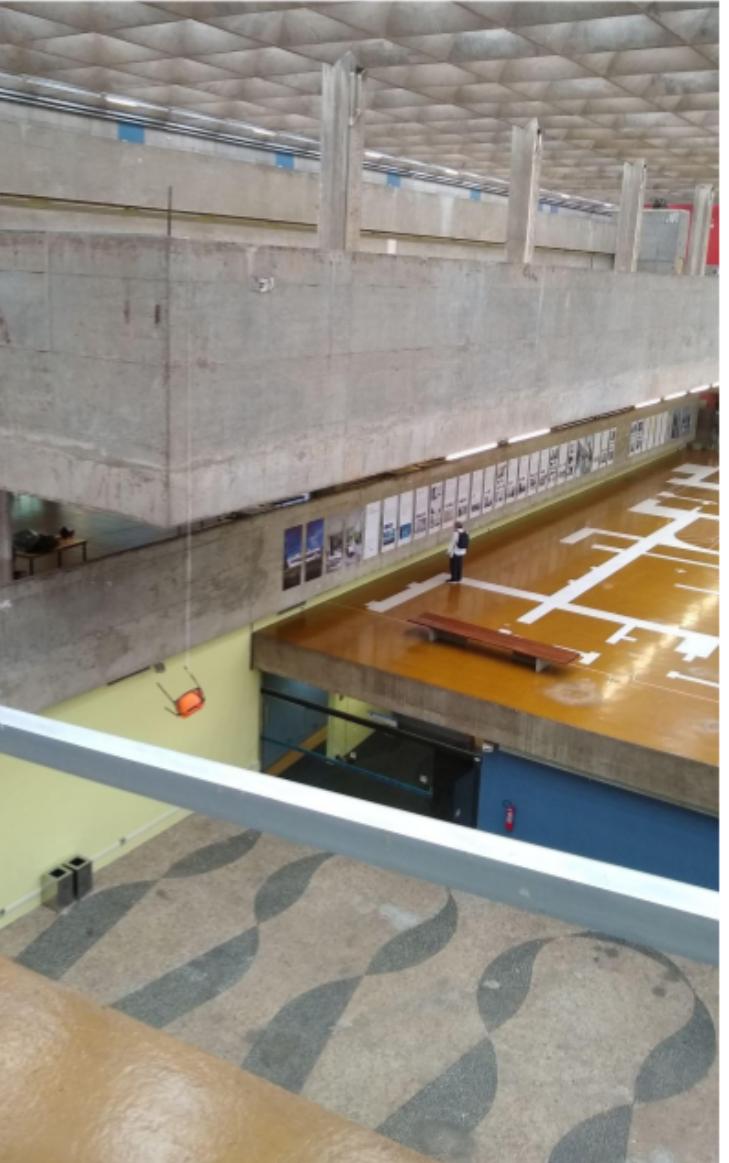
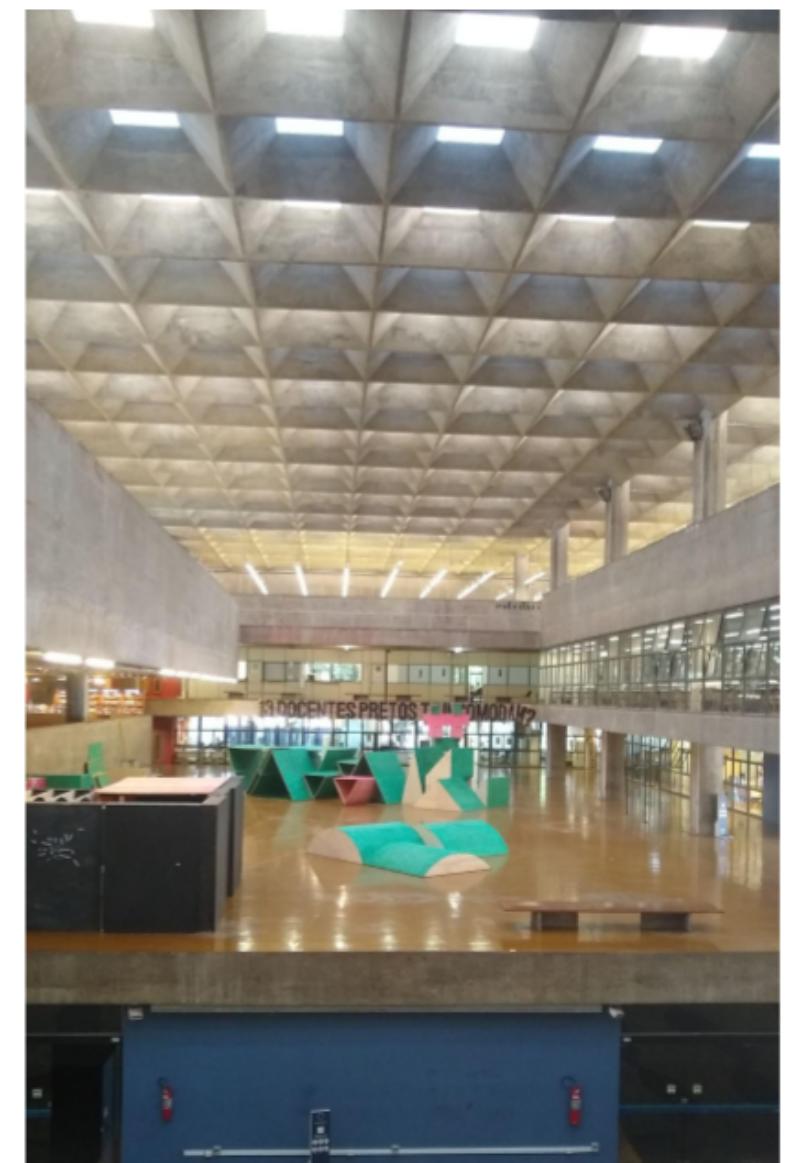


Figura 76 - Exposição e intervenções Salão Caramelo.

Fotos: Autoria própria. 22 de maio de 2019 (foto 1) e março de 2022 (foto 2).

Figura 77 - Exposição e intervenções Salão Caramelo.

Fotos: Autoria própria. novembro de 2022.

Exposição e intervenções



Figura 78 - Intervenções Piso do Museu.
Fotos: Autoria própria. Novembro de 2022.

Exposição e intervenções

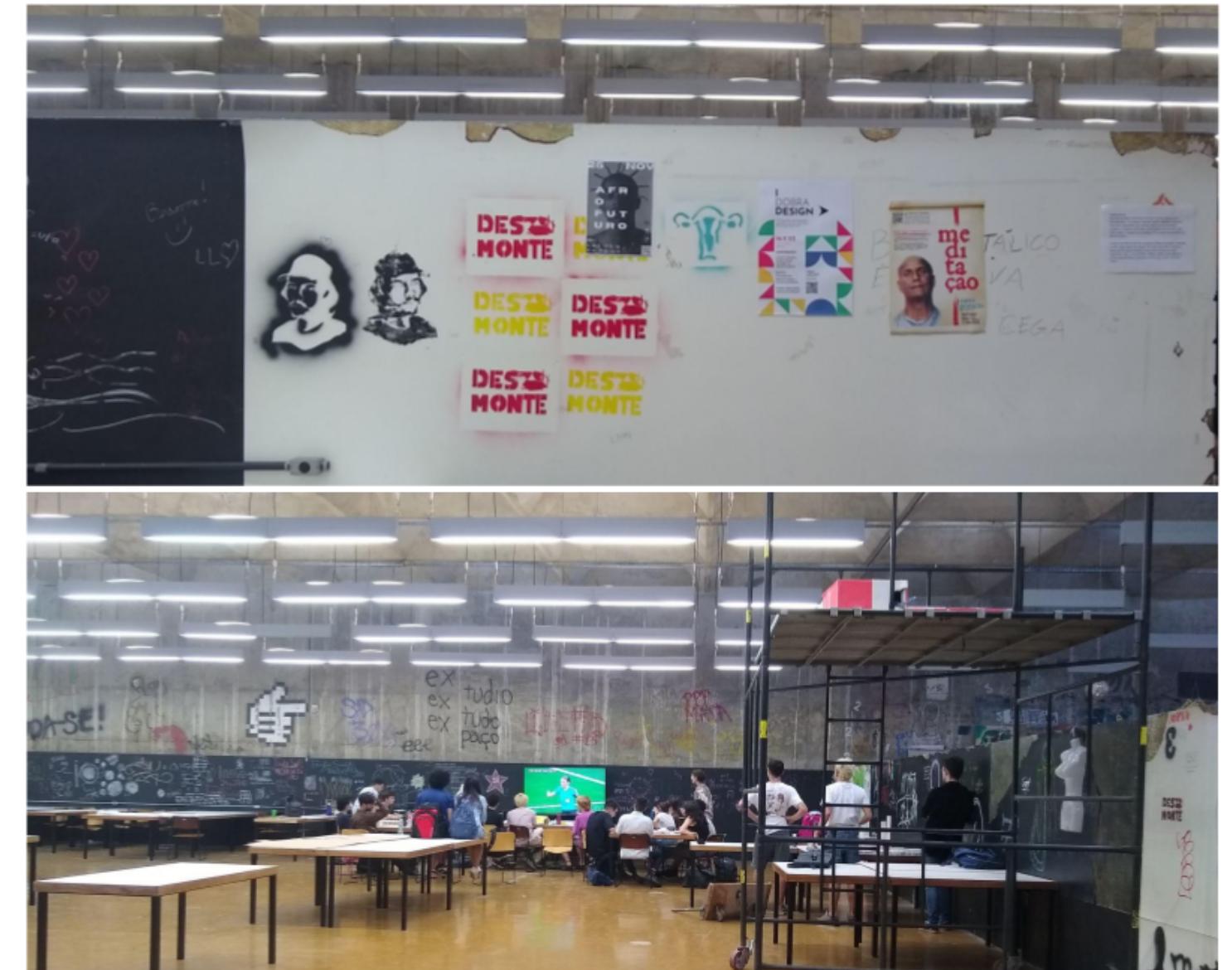


Figura 79 - Intervenções Estúdios.
Fotos: Autoria própria. Novembro de 2022.

Exposição e intervenções



Figura 80 - Assembleias de estudantes da USP, de 1970(?)
Fotos: Raul Garcês. Arquivo FAUUSP / Reprodução em Contier (2015).

8.3 RECOMENDAÇÕES

Pelas análises, se percebe que, diferente dos outros edifícios estudados anteriormente, não há na FAU uma demanda pela criação de mais espaços para realização das atividades extraclasse. Muito pelo contrário. Os espaços existem, em diferentes pontos do edifício, com diferentes áreas e configurações. E como aqui pontuado, enfrentou muita polêmica e muitos desafios para que permanecesse assim, tal como idealizado pelo arquiteto. O desafio, neste caso, não é encontrar outros espaços passíveis de apropriação, e sim em como utilizá-los.

Pensando nos pontos levantados dos tópicos anteriores, se estabelece portanto as seguintes recomendações:

» Retomada do restaurante

Assim como sinalizado no caso do Edifício Paula Souza, a presença de um ambiente para refeições dentro dos edifícios é fundamental e sua ausência provoca grandes transtornos na rotina de todos os usuários que frequentam diariamente o local. Embora a contratação de nova empresa para gestão do restaurante dependa de licitação, processo que pode demorar ainda algum tempo, atividades estudantis que promovam o uso original do espaço - como os famosos "FAUmoços", promovidos pelos times esportivos e demais grupos estudantis - poderiam ser encorajadas. Estando disposta no Piso do Museu, em área de gestão estudantil, iniciativas promovidas pelas próprias entidades como o Grêmio poderiam auxiliar, mesmo que provisoriamente, no atendimento à demanda pelo espaço - como por exemplo a possibilidade de instalação de máquinas de café e lanches, como acontece em outros institutos, como o Instituto de Matemática e Estatística (IME).

» Estimular a ocupação do Piso do Museu

Sendo uma área de gestão estudantil, em um ponto privilegiado do edifício - junto à área de lanchonete, próximo à entrada, com permeabilidade visual que permite conexão com a área externa do edifício -, acredita-se que esse espaço possui um imenso potencial para momentos de descompressão, descanso e interação que poderia atender todos os usuários do prédio. Conforme observado, o espaço perdeu esta função principalmente após o período de adoção das aulas à distância durante a pandemia de Covid-19, com o afastamento dos espaços físicos da escola e o fechamento do restaurante da unidade.

Pelos relatos dos estudantes contatados, se percebe que a ausência de mobiliário adequado e a falta de limpezas periódicas no espaço impedem que os usuários usufruam do ambiente como gostariam. No entanto, em outros momentos de uso do edifício, como em momentos da Greve Estudantil de 2018, houve uma movimentação estudantil

bastante interessante visando à ocupação do Piso do Museu, com organização de rodas de conversa e, inclusive, de mutirões para faxina do espaço. Isso mostra, portanto, que se houver uma iniciativa dos diferentes grupos de usuários com apoio do Grêmio, que faz a gestão do espaço, é possível retomar a ocupação da área que hoje se encontra ociosa e mal aproveitada. Recomenda-se, portanto, que iniciativas como a proposição de um mobiliário que atenda às demandas apresentadas pelos estudantes, e a articulação de atividades que ocupem a área podem ser desenvolvidas pelas entidades estudantis, como já aconteceu em outros períodos, sejam debatidas e colocadas em prática não só em momentos pontuais como o período de greve estudantil, e sim como um programa contínuo, que busque envolver não só os integrantes do grêmio como todos os alunos que poderiam se beneficiar e muito deste movimento.

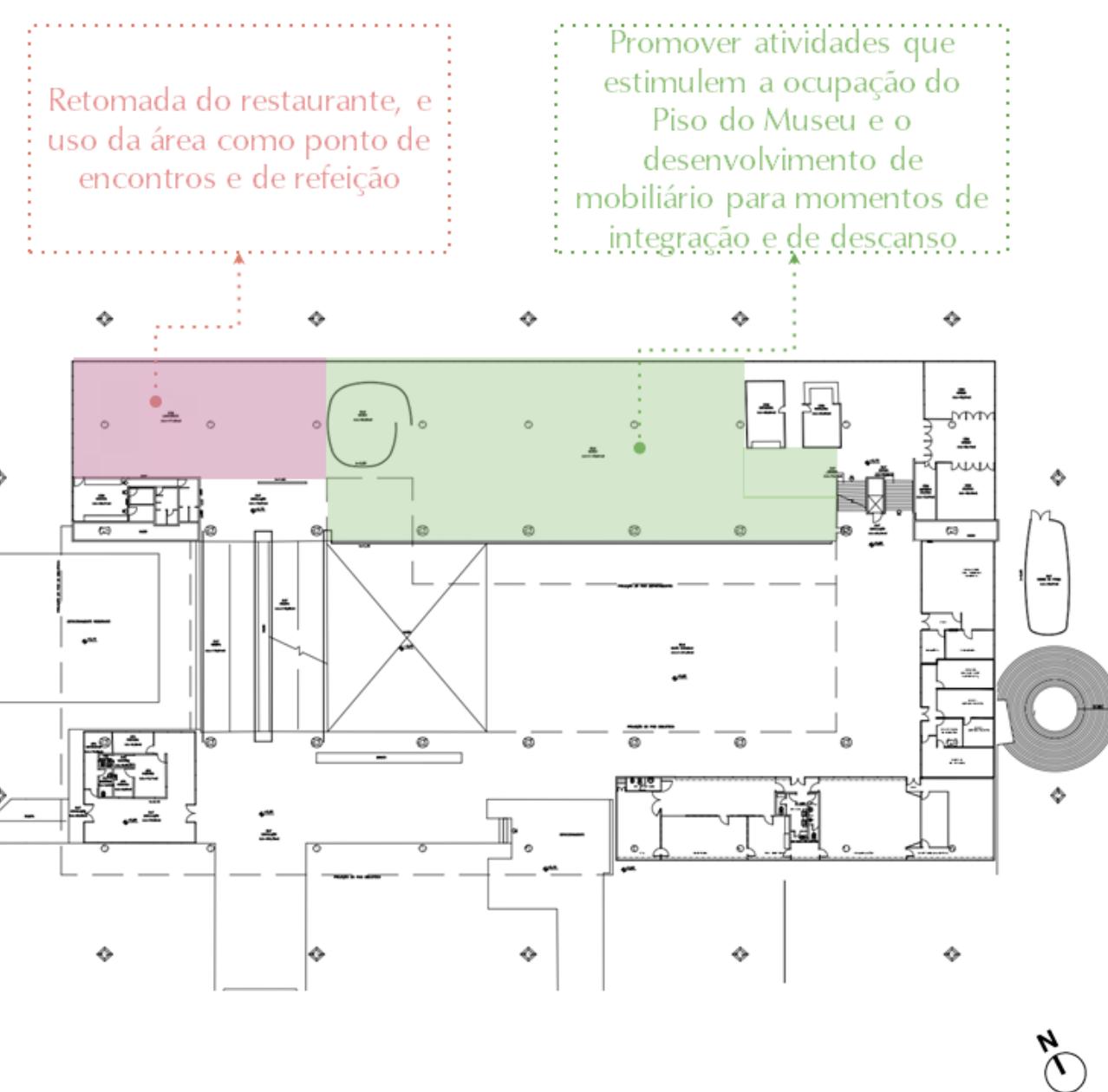


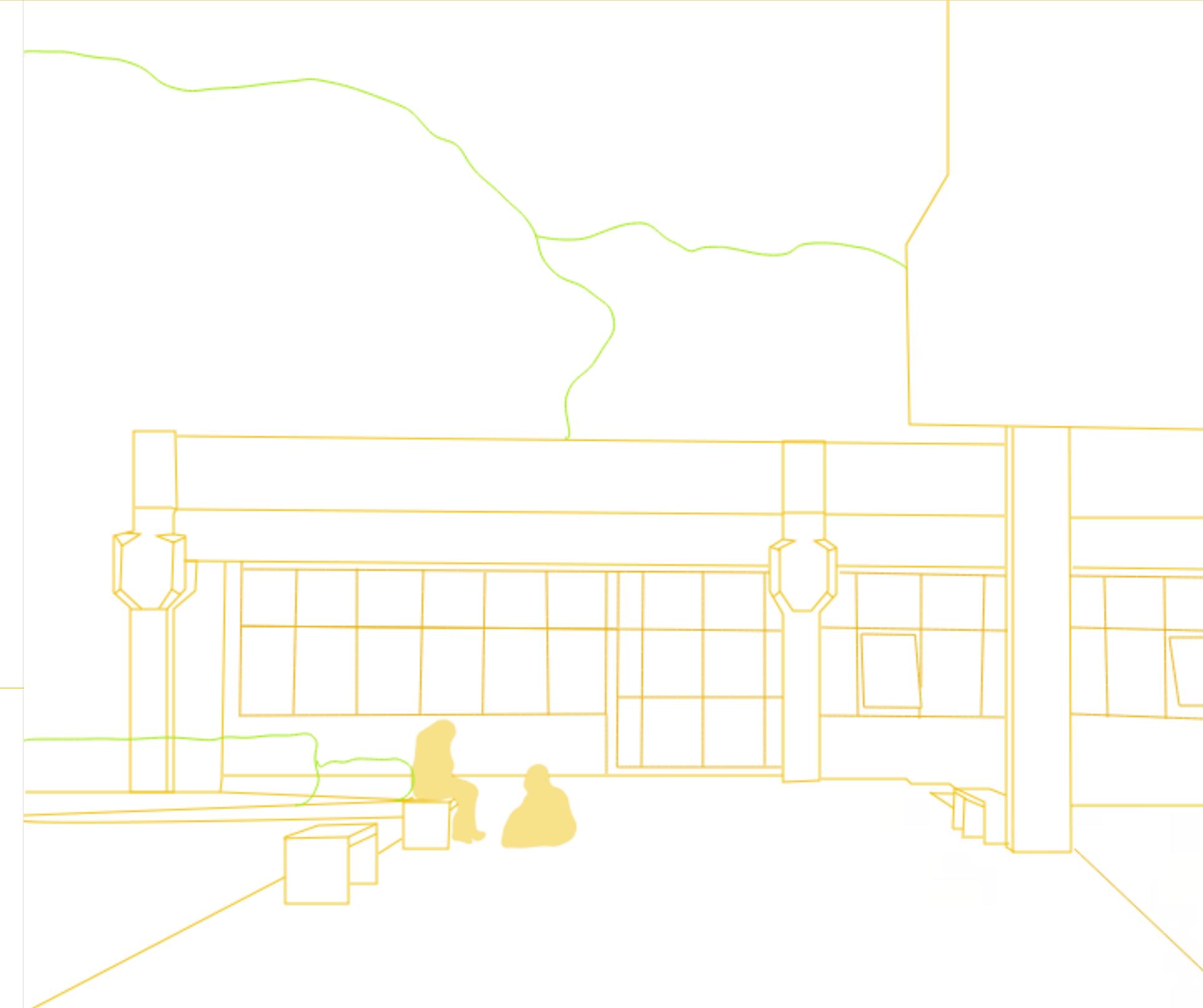
Figura 81 - Resumo das recomendações para área de convivência do Edifício Vilanova Artigas

Fonte: Anotações de autoria própria, realizadas sobre plantas dos edifícios disponibilizadas pela Superintendência do Espaço Físico da Universidade de São Paulo.

PARTE III

EDIFÍCIOS UNIVERSITÁRIOS: RECOMENDAÇÕES GERAIS E REFLEXÕES

É da vivência na edificação que se constrói o entendimento da mesma.
TINOCO, 2009.



A análise dos edifícios ocupados por diferentes institutos da universidade levou à percepção de que, embora cada escola apresente demandas muito particulares - proveniente da estruturação dos respectivos cursos e projetos pedagógicos -, existem outras demandas que são comuns, indo de encontro aos pontos elencados por OLIVEIRA (2018) *apud.* SANOFF (2001) e KOWALTOWSKI (2011), citados no Capítulo 3. Na análise dos edifícios da Escola de Comunicação e Artes, do edifício Paula Souza e do edifício Vilanova Artigas, os seguintes pontos identificados se destacaram:

- » A necessidade por **áreas de convivência organizadas próximo às lanchonetes** dos institutos, com acesso facilitado para os usuários do prédio. Os restaurantes, conforme apresentado anteriormente, possuem um grande potencial para configurar um Ponto Focal de Comportamento, visto que acaba sendo um espaço que reúne um número grande de pessoas de diferentes grupos que frequentam o prédio. Principalmente se tratando de edifícios onde os usuários permanecem longos períodos, a existência deste ponto próximo para realização de refeições é fundamental. E, ao mesmo tempo, ambientes próximos a estes pontos favorecem e estimulam a convivência, desde que se tenha condições de acesso e infraestrutura adequada a este fim - como mobiliário confortável, acesso facilitado, iluminação adequada, entre outros.
- » A demanda por **áreas de espera próximas aos corredores de acesso às salas** que permitam que os usuários aguardem o início das aulas, sem gerar conflito com a circulação. Esta demanda é atendida, por exemplo, no banco do corredor das salas de aula do Edifício Vilanova Artigas e nos bancos presentes no perímetro das rampas do Edifício Paula Souza, mas ausente nos espaços da Escola de Comunicação e Artes. Além disso, nota-se o benefício de se ter uma circulação ampla, evitando conflitos com outros usos, já que é bastante comum que os espaços de circulação nestas unidades configurem também espaços de encontro e espera.
- » A utilização dos **espaços de circulação dos edifícios para exposição** dos trabalhos, iniciativa interessante presente tanto na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo quanto nos edifícios analisados na Escola de Comunicação e Artes. A iniciativa, já consolidada em ambas as escolas e bastante elogiada pelos alunos, contribui para a sensação de pertencimento entre os usuários, e incentiva a troca de conhecimento ao expor em um mesmo espaço trabalhos de diferentes assuntos e elaborados em diferentes disciplinas.
- » Valorização da **conexão interior-exterior**, tanto por permeabilidade visual quanto pela disposição de acessos que facilitem o fluxo e a integração com a vizinhança e com os diferentes espaços utilizados dentro da própria escola.

» O **papel das entidades estudantis na apropriação dos espaços** que constituem a universidade, e a necessidade de se propor metodologias de projetos participativos, que envolvam os usuários nos debates que visem a reestruturação de espaços presentes nos edifícios.

» A relevância de se implementar **Avaliações Pós-Ocupação sistemáticas** para análise dos edifícios existentes, conforme defendido por Ornstein (1995), visto que as necessidades presentes nos ambientes universitários são dinâmicas e podem variar ao longo do tempo. Estudos mais aprofundados, elaborados por equipes de especialistas - como os estudos coordenados pela Profa. Dra. Sheila Ornstein na década de 1980 e que posteriormente se tornaram objeto da sua tese de livre-docência -, são de grande importância para o diagnóstico dos edifícios que compõe a universidade e para a proposição de intervenções necessárias, visando a manutenção tanto da estrutura física das edificações quanto da funcionalidade dos espaços existentes.

CONCLUSÃO

A análise dos edifícios integrantes da Cidade Universitária permitiram perceber que o contexto histórico e as políticas vigentes no período de projeto e de construção destes espaços tiveram grande influência nos projetos elaborados para cada unidade. Conforme apresentado por Cabral (2018), tanto o próprio traçado urbanístico da CUASO quanto os edifícios que a compõem são elementos que representam diferentes períodos que marcaram a história da Universidade. Ao mesmo tempo, os espaços resultantes da construção dos projetos elaborados em diferentes períodos, também influenciam diretamente os usuários que ocupam estes ambientes, oferecendo possibilidades distintas para apropriação e atendimento das necessidades vigentes. Desta forma, a organização do espaço construído é capaz de afetar significativamente as vivências do usuário no ambiente universitário e as relações que se formam nestes meios.



Fonte: autoria própria.

O presente trabalho foi elaborado com o intuito de entender a influência do contexto histórico nos projetos e do impacto dos espaços resultantes nos usuários, com destaque para as áreas de convivência presente nos edifícios. Portanto, não teve a pretensão de identificar todas as questões existentes em cada estudo de caso e que podem ser abordadas em uma Avaliação Pós-Ocupação - englobando desde análises físicas como segurança de estrutura, instalações e existência de manifesta-

ções patológicas até aspectos comportamentais registrados de forma sistemática e em um espaço de tempo -, visto o período limitado para elaboração do mesmo. As análises foram realizadas dentro das possibilidades de elaboração de um Trabalho Final de Graduação, e o contato direto com alunos que ocupam os diferentes edifícios foi fundamental.

A elaboração das análises buscou identificar pontos relevantes a serem revistos e debatidos em ambos os prédios. As recomendações visam identificar possibilidades e indicar caminhos, visto que parte da compreensão de que as respostas definitivas que atenderão da melhor forma os problemas percebidos só podem ser estabelecidas a partir de um trabalho profundo de escuta e debate, envolvendo uma amostra representativa dos usuários destes edifícios, conforme recomendado nos capítulos anteriores.

A compreensão geral das dinâmicas de ocupação presentes nos espaços de convivência existentes nos institutos analisados e o levantamento do histórico das mesmas possibilitou promover uma reflexão a respeito da relevância destes espaços no contexto universitário - seja pelo impacto que as soluções arquitetônicas que se concretizaram possuem nas vivências de cada ocupante e nas relações que se estabelecem nesses ambientes diariamente, seja pela percepção da bagagem histórica que estes elementos representam.

Apesar disto, foi observado que há, por parte grande parte dos usuários que frequentam a CUASO diariamente, um desconhecimento a respeito da história que marcou a criação e o desenvolvimento da universidade ao longo desses anos de construção do campus. Acredita-se que a difusão destas informações seriam de grande importância para a valorização dos espaços construídos, podendo contribuir com a sensação de pertencimento e, assim, com um maior engajamento dos usuários na conservação dos edifícios. Os espaços construídos são representantes de uma história marcada por conflitos e encontros, por retrocessos e inovações, e nós usuários, conscientes disto ou não, somos parte dela.

REFERÊNCIAS

- » ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (ADUSP). **“Prainha fica!”**. Publicado em 05 de set. de 2017. Disponível em: <<https://www.adusp.org.br/index.php/demousp/2912-prainha-fica>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.
- » CABRAL, Neyde A. Joppert. **A Universidade de São Paulo: modelos e projetos**. São Paulo: Edusp, 2018. 583 p.
- » CONTIER, Felipe de Araujo. **O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Cidade Universitária: projeto e construção da escola de Vilanova Artigas**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2015.
- » COSTA, Isadora Martins e SHIMOMURA, Alessandra Rodrigues Prata. **Avaliação pós-ocupação em ambientes universitários: uma revisão sistemática da literatura**. 2021, Anais.. Palmas: ANTAC, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/encac2021/>. Acesso em: 02 jul. 2022.
- » ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Projeto Memórias da ECA/USP: 50 anos**. Plataforma lançada em 2016. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/memorias/pt-br>>. Último acesso em: 13 nov. 2022.
- » JORNALISMO JÚNIOR. **Especial: Vivência da ECA/USP**. Publicado em 20 de dez. de 2013. Disponível em <http://jornalismojunior.com.br/especial-vivencia-da-e-ca-usp/>. Acesso em 30 de nov. de 2022.
- » JORNALISMO JÚNIOR. **Na ECA, repressão vira eixo de greve**. Publicado em 04 de junho de 2016. Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/na-eca-repressao-vira-eixo-de-greve/>>. Acesso em julho de 2022.
- » JORNALISMO JÚNIOR. **Festival do cão relembra a necessidade de espaços estudantis**. Publicado em 06 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/iii-festival-do-cao-relembra-a-necessidade-de-espacos-estudantis-na-usp/>>. Acesso em julho de 2022.
- » JORNAL DO CAMPUS. **Reformas da vivência desagradam estudantes da ECA**. Publicado em 11 de junho de 2019. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2019/06/reforma-da-vivencia-desagrada-estudantes-da-eca/>>. Acesso em julho de 2022.
- » JORNAL DO CAMPUS. **Especial ECA 50 anos - Canil completa 10 anos de intervenções**. 3 de abril de 2016. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2016/04/especial-eca-50-anos-canil_completa-10-anos-de-intervencoes/>. Acesso em julho de 2022.
- » JORNAL DO CAMPUS. **Qual o futuro da prainha da ECA?** Publicado em 25 de maio de 2022. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2022/05/qual-o-futuro-da-prainha-da-eca/>>. Acesso em 30 de nov. de 2022.
- » KOWALTOWSKI, Doris C.C.K. **Arquitetura escolar - o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.
- » OLIVEIRA, Haluane Santana de e OLIVEIRA, Fabiana Lopes de. **Aprendendo com o construído: APO em universidades públicas - um estudo de caso na UNIFESP**. 2019, Anais.. Uberlândia: PPGAU/FAU/FAUeD/UFU, 2019. Disponível em: http://www.eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/documentos/analis_completo_sbqp_2019.pdf. Acesso em: 02 jul. 2022.
- » ORNSTEIN, Sheila Walbe; ONO, Rosaria; FRANÇA, Ana Judite G. Limongi; VILLA, Simone Barbosa. **Avaliação pós-ocupação: na arquitetura, no urbanismo e no design – da teoria à prática**. São Paulo: Oficina de Textos, 2018.
- » ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Avaliação pós-ocupação (APO) e a arquitetura escolar na grande São Paulo: parâmetros para a qualidade de projeto**. Rio de Janeiro, 1995. p. 337-342.
- » ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Com os usuários em mente: um desafio para a boa prática arquitetônica?** Pesquisa em Arquitetura e Construção (PARC), Campinas, SP, v.7, n. 3, p. 189-197, out. 2016. ISSN 1980-6809. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/parc/article/view/8647437>>. Acesso em: 10 out 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/parc.v7i3.8647437>.
- » ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Avaliação pós-ocupação (APO) do ambiente construído**. São Paulo: Studio Nobel/Usp, 1992. 223p.
- » ORNSTEIN, Sheila Walbe. **Edifícios USP-CUASO uma análise comparativa; Avaliação Pós-Ocupação - APO**. Tese de Livre docência defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP). São Paulo, 1991.
- » ORNSTEIN, Sheila Walbe; BRUNA, Gilda Collet; ROMERO, Marcelo de Andrade. **Ambiente construído & comportamento: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental**. São Paulo: Nobel/FAUUSP/FUPAM, 1995. 216 p.
- » UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Projeto Memórias da ECA/USP: 50 anos**. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/memorias/pt-br/timeline#14>>. Acesso em jun. de 2022.

